



The
Dragon
Lords

The
DRAGON'S
Queen
MICHELLE M PILLOW





A Rainhado Dragão

MICHELLE M. PILLOW

DRAGONLORDS09



Sobre a série Dragonlords



1-O Príncipe Bárbaro

2-O Príncipe Perfeito

3-O Príncipe Sombrio

4-O Príncipe Guerreiro

5-Sua Alteza o Duque

6-O Lorde Teimoso

7-O Lorde Relutante

8-O Lorde Impaciente

9-A Rainha do Dragão



Envio: Ana

Tradução: PRT

Revisão Inicial: Sílvia

Revisão Final: Milena Calegari

Formatação: Milena Calegari

Leitura Final: Macrís Sá





“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



POR FAVOR, NÃO PUBLICAR NOSSOS ARQUIVOS NO FACEBOOK



Se você viu algum livro publicado do PL no face, sem nossa autorização, converse com a moderação!

Se você gosta dos livros feitos pelo PL, ajude o grupo!!!!

Quem gosta e respeita nosso grupo!

Não publica o arquivo diretamente do face, expondo ao grupo de forma desnecessária



"Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo!, Não gostou, leia o livro no idioma original"

Equipe Pégasus Lançamentos



Sinopse

Mede do Draig tem três coisas com certeza: Como a única dragão shifter fêmea de seu povo, ela é especial. Ela pode chutar o traseiro de alguém. E ela, definitivamente, não quer se casar.

Mede passou a vida tentando provar que ela é tão forte quanto qualquer guerreiro macho. Infelizmente, sendo uma criatura especial, rara como ela é, já foi reivindicada como a futura noiva de quem quer que seja de Draigs – todos confiantes de que quando eles se encontrassem para pleitear sua mão em casamento, o destino iria escolhê-los. Quando os homens não estão se vangloriando sobre como vão casar com ela, estão agindo como se ela fosse uma flor rara, delicada, necessitada de sua proteção.

Mas Mede está longe de ser uma flor delicada a se esconder.

O Príncipe Llyr de Draigs sabe de quatro coisas que tem certeza: Ele é o futuro rei dos dragão shifters. Ele deve agir honradamente em todos os sentidos. Ele absolutamente, positivamente destina-se a casar com Lady Mede. E ela é totalmente contra o casamento.

O destino de Llyr está nas mãos de uma mulher determinada a não ter qualquer homem. Com uma nova ameaça surgindo entre os seus vizinhos shifters gato, uma ameaça cujos olhos estão focados firmemente na Mede, o tempo pode estar se esgotando. Cabe a ele convencê-la a ser sua rainha dragão.



Há um tempo atrás

Prólogo de um prólogo



Antes de quatro príncipes e quatro nobres encontrarem suas noivas, antes da morte do rei Var Attore ameaçados Tyoe e os mi neiros, houve um momento de paz no planeta Qurilixen. Não foi um mapa zefetiva, mas durou um longo tempo, entre os shifters gatos da casa de Vare e seus vizinhos do Norte, os shifters dragões da casa de Draig. Durou porque ambas as casas tinham pouco em comum uma com a outra.

Este foi o momento antes da Grande Guerra dividir o planeta e colocar dragões contra gatos e as únicas batalhas eram escaramuças ao longo da fronteira do território e lutavam entre bêbados que tentavam demonstrar qual animal tinha uma força superior. Foi ali que os dragões encontraram sua rainha.



Prólogo

NortedasMontanhasdeDraig,PlanetaQurilixen

HaviatrêskoisasqueMedellynsabiaqueeraumfatocerto.E
laeraespecial.Podiachutarotraseirodequalquerpessoa.Enãoq
ueriasecasareterfilhos.

Elaeraespecial.

Medellyneraumadasúnicasmulheresdragãoemtudoouni
versoe,sendúvida,únicaemtodapopulaçãoDraig.Apenasuma
vezacadamilnascimentos,nascia
umamulherfêmeadragão.Erararoouera
oquetodosdiziamparaela.Suainfânciafoiumaestranhacontradi
ção.Suamãeadequadamenteatratavacomosefosseumcristalfr
ágilquepoderiaseromper.Seupai,umguerreiro,atreinavacom
umgarotoenquantosevestiacomoumagarota.

Elapodiachutarotraseirodequalquergaroto.

Medellynodiavaquandooshomenstentavamatuarcómo
efosseindefesaeprecisasseproteção.Seudragãoeratãoferoz
comoqualquerumdeles,provavelmentemais.Paraprovarseup
onto,elacommuitogostoesmurravaqualquerumqueadesafiass
e,derrubando-osaochão...ealgunsquenãoofaziam.

Ela,absolutaepositivamente,nãoqueriasecasareterfilho
S.

Sendoumacriaturaespecial e, como diziam, rara, ao fazer vinte anos de uma vida não tão fácil, foireivindicadacomofuturaesposadequasetrêszenasderapazes;

Cadaumacreditandoquequandotivessemidadeparasecasar,elafariaseucristalbrilhareaosdeles.

Obrilhodoscristaisnãoeramaisqueumametáfora.Odiaemquenasceu,seupaiviajouparaoLagodoCristal,comotodososnovospaisfaziam.Mergulhou nas águas, nadou até a parte mais profunda e puxou sua pedra do leitão do lago. Com todas as crianças Draig, usava uma pedra ao redor do seu pescoço e continuava levando o-

até o dia que brilhasse, dizendo que o macho dragão estava destinado pelos deuses a se casar com ela. A partir deste momento suas almas se uniriam, ouviriam os pensamentos um do outro, teriam bebês dragões ou que fosse. Tecnicamente, ela poderia estar destinada a se casar com um homem de outro mundo, assim como com a maioria dos Draig, mas ninguém em seu planeta parecia pensar assim.

Os deuses, ela esperava que não estivesse destinada a acabar com qualquer um dos idiotas de seu planeta. Ainda apreciavam impressioná-la.

Quando chegasse sua vez de ir ao Festival de reprodução, os eucristal iriam brilhar, o que significaria sua maldição para que todos vissem. Bom, sua bênção, como sua mãe dizia. Lady Grac não apreciava sua filha dizendo que o casamento era uma maldição. Grac

enão apreciavam muitas coisas que Medellyn gostava, como espada, arco, passeios em ceffyl, acampar no bosque, caçar, lutar, tirar olhos arrogantes dos rostos dos homens dragões.

Foi uma briga com sua mãe quando ela enviou para a montanha. Medellyn odiava a mulher, odiava a pessoa que sua mãe queria que ela fosse. Grace era apenas um ser humano, levada ao seu planeta como um animal comprado. Casou-se com o pai de Medellyn sem questionar e passava a maior parte de seus dias completamente de acordo com o que seu marido queria, de forma doce. Medellyn não podia se imaginar considerando as opiniões de outra pessoa como a sua própria.

Seu pai, Axell, era um guerreiro muito elogiado no exército Draig e tinha o título de Melhor Criador de ceffyls. Toda a vida do homem se concentrava em quatro coisas: sua esposa, sua única filha, éguas e cavalos. Seu pai era um homem muito importante, mas seu trabalho mantinha fora de casa várias noites na semana enquanto dormia ao ar livre com a manada.

Com um período de gestação de três anos e apenas uma taxa de nascidos vivos de cinquenta por cento, os animais não eram um recurso que poderia ser facilmente renovado. Seus ceffyls serviam como montarias para os soldados e os agricultores os usavam para transportar cargas e para ajudar nos campos.

Como Axell, Medellyn era um dragão orgulhoso. Se houvesse nascido um homem, ela seria um guerreiro também. Em troca, ela era especial. Como podia sua mãe humana entender os angústias

elvagemquecorriaemseusanguededragão?Seentendesse,Gra
cenuncapediriaaMedellynparadomarseuespírito.

Respirandocomdificuldade,paroudeformaabruptaegrit
ouparaasárvores.Seucorpotremiaderaivaeeelarasgouseubonit
ovestido.Odiavaseucorpo,odiavaserespecial,odiavaqueesper
assemqueatuassecomoumadamaquandosesentiacomoumdr
agão.Seudedoindicadorenganchounocristalaoredordeseupes
çoecortouacorrentedecouroqueosegurava.Ocristalcaiuavár
iosmetrosdedistância.

— Não serei obem móvel denenhum homem. —
Gritou ela, sabendo que correu longe o suficiente de sua mãe para n
ão ouvir seus gritos. Desde quem mudou sua voz e ramais rouca, pot
ente e se deleitava com a força da mesma. —
Não sou um ceffylfêmea para ter filhos. Não quero ter cinquentane
tos. Não posso fazer nada sete vezes apenas um filho. Se tivesse produ
zido um garoto, eu não seria uma decepção para você!

As lágrimas que imavam seus olhos enquanto caminhava
em rumo e Medellyn procurou no chão do bosque pelo colar caído. V
endo onde estava, agarrou o cristal em seu punho. Era uma lembr
ança de tudo o que esperava que fosse. Respirou fundo, olhando seu
punho e logo para as pedras que cobriam o chão do bosque. Um peq
ueno sorriso se formou em sua boca. Medellyn jogou o cristal forte
no chão e o olhou. Raiva fervia dentro dela, o tipo de raiva que com c
erteza somente um dragão poderia sentir.

— Isto é o que penso de seu destino. —
Grunhiu enquanto caía de joelhos.

Medellynagarrouapedrapesadaeabateunocular.Ocristal
serompeu.Oruídolhedeucertasatisfação,assimbateunelenova
mente.Grunhindocomcadagolpedapedra,nãoparouatéqueseu
futurofosseummontedepó.

— Istoéoquepensosobreseuestino.

Capítulo Um



Palácio Real de Var, dezoito anos mais tarde...

O príncipe Attor de Var sorriu para o Senhor Myrddindin do outro lado do pátio, dentro do palácio onde estava jantando do lado de fora da sala do rei. Apesar de não estarem relacionados, o homem e o raco de um irmão mais velho para ele e inclusive fazia as vezes de seu pai. Myrddin era muito querido na corte de Var, especialmente pelos dignitários femininos. Apesar de ser mais baixo que a maioria dos gatos shifters, seu cabelo escuro e os olhos pareciam atrair as mulheres. Havia um ar de poder que era muito bem recebido. Vinha de uma longa linhagem da nobreza, uma das mais antigas casas.

Como a maior parte do palácio de Var, o pátio interior tinha paredes simétricas e intrincadas nas paredes de azulejos decorados em vermelho, laranja, azul, ouro e verde, com entradas bem marcadas e portas. Não havia dúvidas de que o palácio era luxuoso, mas o labirinto de corredores era deliberadamente confuso para os fofos. A ideia era desorientar aqueles que não deveriam entrar sozinhos no palácio. Em seu lugar, durante muitas noites, os empregados eram enviados a encontrar algum dignitário bêbado que tivesse se perdido.

Attor propôs a instalação de um computador central conectado a todos os cômodos. Não apenas ajudaria os bêbados a encontrar seu caminho de volta aos seus quartos sem ajuda, mas poderia monitorar seu paradeiro. Fez sua pesquisa, encontrou um siste

maque podia responder a ordens, abrir portas, entregar alimento se localizar qualquer pessoa programada no sistema mediante um simples comando. Mas se upaio ouviu? Não. O rei uesaudou com a mão do lado de fora da sala de jantar.

Attor olhou para a fruta em sua mão. Disseram que opátio era um dos lugares favoritos de sua mãe e, desde criança, era uma das únicas formas que podia sentir sua presença. A rainha Augusta amava seu filho à distância e Attor nunca conheceu o amor de sua mãe. Morreu dando a luz a ele, seu único filho e o rei nunca se recuperou totalmente da perda de sua companhia de vida. Como os anos, ora ele levou outra mulher para sua cama, mas vinha do casamento vazio. E, com cada ano que passava, seu pai parecia perder um pouco mais até que era apenas uma casca ébria, um rei coo. Attor se sentia da fraqueza que seu pai se permitia mostrar.

Se houvesse se incomodado em mudar sua forma de eleão da montanha, teria sido capaz de ouvir Myrddin na fonte de água atrás dele. A fonte estava no centro da sala, rodeada de árvores frutíferas e samambaias amarelas. Comia uma fruta no lugar de jantar, já que evitava seu pai bêbado. Myrddin piscou um olho e alisou a parte dianteira de sua jaqueta larga de nobre. Attor ri brevemente. Não precisava ouvir a conversa para saber que o homem estava fazendo. Myrddin não acreditava que deveria ter apenas uma mulher. Queria várias e fez sua missão de ter sexo com tantas mulheres como pudesse seduzir. E essas mulheres não apareciam facilmente, não diziam não ao dinheiro e ao poder. E ao contrário de seu ami

go, Attor não estava disposto a convencer uma mulher a ir para sua cama.

—

Pensei que estivesse perseguindo a mulher. A Zoomi ande visita. — Disse Attor quando Myrddin se aproximou.

Myrddin sorriu, colocando a prova a firmeza da fruta amarela sobre ele.

— Mm, não era um grande desafio, como me fez acreditar. — Ele apertou a fruta com força. — Para provar se os sucos ontem à noite tive que dizer a ela esta manhã que não a fariam minha esposa.

—

Você prometeu se casar com ela? — Attor sabia que não seria a primeira vez que seu amigo usava esta linha de sedução.

—

Importa? —

Myrddin riue de uia o fruto e o puxa, tirando-o à força do galho. O nobre lançou-o para Attor, que foi obrigado a abandonar o que segurava antes que este o atingisse no rosto. — As mulheres são como os frutos desta árvore, servem para serem provadas, desfrutadas e logo descartadas pela próxima. — Myrddin jogou uma fruta mordida no chão. — Fique com ela muito tempo e com certeza irá apodrecer em sua mão.

—
Há muitos que encontram a felicidade com companheiros de vida.
—Attor argumentou.

—
Como se eu paiseuni plenamente com sua mãe, inclinando-se ante ela como um tolo embrutecido? Eu era jovem, mas ainda me lembro de como ela adorava. Não é aprovado que um homem não opodecederaumamulhereaindachamar-seasimesmodehomem? Asmulherestêmopotencialdeseraruínadoshomensereinos. —

Myrddin respondeu. Suspirou com tristeza e negou com a cabeça.

—
A vida de acasalado é para os camponeses que não podem se permitir muitas esposas. Mas vai ser real algum dia Attor. Logo, se seu pai continuar bebendo e comendo tanto. — Sentou-se e colocou a mão sobre o ombro do jovem. —

Sergo governado por uma mulher é ser governado por uma fraqueza e reinos são tão fortes como seus governantes. Um rei deve ficar sozinho, não deve ficar em dúvida com ninguém. Quando você é rei, pode ter muitas companheiras, muito bonitas. Se um morrer, pode ter filhos com as demais.

Attor não disse nada. Estava era
a primeira vez que Myrddin tentava convencê-lo de tais coisas. Olhou para a fruta em sua mão. Estava madura, mas não parecia tão firme como a que segurava antes de Myrddin faz

ê-loderrubá-

la. Os reis que lhe precederam, todos tiveram companhia se fora
m felizes, baseando-se pelas histórias contadas.

— Orei está bêbado novamente, não?—

Myrddin soltou o ombro de Attor e apoiou o cotovelo sobre os joelhos.

Attor assentiu.

—

Saí quando começou a desafiar os nobres de Azoomian em duelos.

Myrddin achava o rei patético e com frequência admitia isto
ao príncipe Attor. Attor, no entanto, apenas achava-se um pouco
mem triste.

—

Chegada de depressão. Deixe o rei com seus jogos. Se um tempo
chegar logo e poderá levar o reino à grandeza. Você pode dar ao seu
ovo a guerra que seu pai nos prometeu há anos. Estarei do seu lado,
levarei os seus exércitos, enquanto derrotamos os odiados dragões
Draigetomamos as terras do Norte como nossa. O seu será um
grande reino, os gatos governando sobre os dragões e escravos. Por
que deve ficar com a montanha, enquanto o meu castelo fica no
meio das planícies?

Attor não se importava com a política. De fato, lhe irritava. As
guerras eram tediosas e longas. Tinha um palácio. O que iria quer
er com mais terras? Então, uma vez mais, se vivesse nas águas pes
tilentas do pântano talvez pensasse diferente.

— Seioqueprecisa.—
DisseMyrddin,emumsussurro.Colocouamãonatúnicaetirouu
mapequenagarrafa.—
AdquirialgunsNefdeunsagricultoresdopântano.

—
Vocêsabequesãochamadosassimporquefazemseulicorcomaá
guadopântano,verdade?—
Attorsentiuumarrepioderepugnância.

— MasnãooNef.—DisseMyrddin.—
Eaáguaadopântanosepurificanoprocesso.Nãosãoruinssequiser
ficarbêbadorápido.Masnãoqueroeducá-
lonaqualidadedoálcool.ViuabonitaSyogcomquemconversava
?Algumasgotasdistoemseuvinhoeelaestariadisposta a uma
brincadeira de esconde-esconde na floresta.
Meutradatoruniversalnãoeé bom quando setratadeSyog,maste
nhocertezaqueelairiaquerercarnebrancaeescura.

MyrddintocouocabeloloirodeAttor.Osolhosdeseuamigo
mudaramparaourolíquido.TodoVargostavadeçaçar.

ArespiraçãodeAttoracelerou.ONeferailegalemuitodifícil
deconseguir.Domesticavaofelinodentrodelesecriavaumamod
eraçãonoshomensVar.Noentanto,nãoeraporissoqueadrogaes
tavaproibida.Arestricçãoerapositiva.Amoderaçãoaturalsema
ajudadasdrogaseramelhor.MasdarNefaumafêmeahumanoide
tinhaofeitocontrário,deixavam-
nasincontroláveisecomumapaixãoindiscriminada.Quandoto

madoemconjunto,oprazerdoshomensdemoravamaisedeixav
aamulherinsaciável.

Suasfossasnasaisseabriramcomosepudessesentirochã
osobsuaspatas.Syognãoeraaespeciema
s brilhante,maseraatléticaeforte.Amenosqueestivesse
marcados,oqueaconteciacomuitosdelesdevidoasconstanteslutase
msuasculturas,eramsimetricamenteosmaisatraentesnosuniv
ersosconhecidos.

AmulherdaqualfalavaMyrddinerafenomenaldeseolhar.
Tinhaocabelopresoemumcoque,maspareciasermaravilhosam
entelongosolto.Usavaumcasacocurtoesaiaaplissadadeseupovo
epeloaspectodesuas pernasnuaseracapazdecorrerduroerápido.
Seusolhosescuroseramcheiosdevalentiaedesafioecomocult
uraSyogelanãoolhariaparaootroladoatéqueofizesseprimeiro
.

— Qualseunome?—PerguntouAttor.

— Importa?—Myrddinperguntou.

— Elaconcordouemtomar oNef?—
Attorengoliuoentusiasmo.Umacorridalhefariabem,sobretudo
seterminasseemumacoplamentoduronobosque.—
Elaquerosdois?

— Estádecidido.—DisseMyrddina título deresposta.—
Vouarrumartudo.Vemo-nosnaárvoreflexível dafloresta.

Território Draigna fronteira Var-Draig

— Mede, eu sempre quis perguntar. Pode voar?

Mede fez uma careta. Saben estava claramente bem em sua posição, embora a Ordem dos Dragões Mortos houvesse apenas começado. Os membros da Ordem se reuniram para presenciá-la. Bom, isso era apenas a metade da verdade. Eles realmente estavam ali pela festa que aconteceria depois que ela passasse pela prova.

— E então? — Saben insistiu.

— Não. É apenas uma antiga história. — Disse.

— Mas é uma mulher. — Saben insistiu. — Se for capturada esta noite, não terá a oportunidade de perguntar novamente.

— Sou uma mulher? — Mede perguntou com falso choque. Fingiu olhar para baixo ao seu próprio corpo. — Isso explica porque me propôs casamento quando éramos crianças.

— Ah, vamos. — Saben inclinou o corpo para sussurrar, mas não o fez em silêncio, sobretudo considerando que estavam em um acampamento de dragões com uma audição incrivelmente sensível. — Pode me dizer a verdade. Transforma-se no dragão da lenda, verdade? Pode voar. — Ele inclinou-

separatrás,apontandocomodedoindicadorequantosegurava seu copo cheio.—Eu vejo isso em seu rosto.Pode voar.

Mede ouviu estas me perguntar quase tantas vezes com o fio pedida em casamento.Então sim,ela sonhou.Sentiu seu corpo se elevar sobre paisagens estranhas.Sentiu seus braços amplos como asas.Sentiu a foga da respiração e a lava em seu sangue.Seu corpo ficava tão quente que mal podia se conter e sabia que um corpo humano não poderia sobreviver com sangue puro de dragão nele.Pelo que ela podia dizer,os homens nunca tiveram este tipo de sonhos.Seu pai parecia pensar que era uma lembrança residual do que foi vivido durante o dia.Apesar de que o flagrou frequentemente, quando era criança, observando como ela se movia, como se esperasse que levantasse voo.

Alendado dragão existia desde antes dos humanos irem para Qirilixen, quando os dragões fêmeas eram grandes e ferozes e não podiam tomar forma humana como os homens.Seu povo não tinha provas destas coisas,apenas histórias transmitidas de geração a geração,as criaturas ferozes eram representadas com valentia em todas as obras de arte e cerâmica.

— Podes guardar um segredo?—
Mede se inclinou para ele.Saben assentiu.—
Não posso voar,mas você pode.

Atestade Sabense enrugou em confusão.Mede se transformou em dragão,deslizou as mãos por baixo do homem e o ergueu, tirando-o do chão.Esua forma humana e ébrio,

elenãoentendeuoqueestavaacontecendoatempodeimpedirqu
evoassenoar.Tropeçouaoaterrissarsobreseuspés.Logo,comu
msorriso,eleseendireitouelevantouocopo.

—Nenhumagotaderramada!

Osqueviram,aplaudiram.Sabenbebeuumgoleeinclinou
acabeçaparatrás.Franziuocenhoevirouocopo.Estavavazioote
mpotodo.Animado,riu.Medenãopodedeixarderirenquantoiala
varasmãos.AmavaSabecomoumirmão,maselesuavacomose
estivessecorrendopelobosque.

—

Sequerserumdenós,LadyMedellyn,jásabeoquetemquefazer.

—

Rolantseaproximouelhedeuumorrisoarrogantequandoseuso
lhosseencheramdedesafio.

Medesecouaumidadedasmãosesevirouparaele.Elaconh
eciaohomemháanos.Treinaramjuntosquandocriançaseeleher
douocontroledasminasdeminériodeseutio,semfilhos.Inclusiv
e, anos atrás, tinha afirmado que iria se casar com
ela.Atémomento,seucristalnuncabrilhouaoredordela,assims
uarelaçãoeraquasecementadapelaamizade.

—

OnomeéMede.—RespondeuMede.—

Nãomeimportasevocêéumpríncipe,façaascoisasbemoufareic
omquesecurvequandovoltarcommeuprêmio.

—

Vocêconheceasregrasdainiciação.—

Rolantadvertiu,nãopelaprimeiravez.Abaixouavozparaque

os guerreiros Draignão pudessem ouvi-lo. Seus olhos verdes brilhavam com preocupação. — De verdade, Mede, uma vez que cruzar a fronteira, não poderemos ir atrás de você. Se pegarem está rápido sua conta até que seu pai venha buscá-la.

Elanão disse nada. Ter um grande guerreiro como seu pai resgatando-
ados Var seria muito humilhante, quase tanto como ser presa em primeiro lugar.

Cynan se aproximou e se inclinou. Era um guerreiro fornido com um comportamento feroz e alegre de uma criança travessa.

— O que estamos sussurrando?

—

Meu irmão ainda quer conhecer Mede, mas ela se nega. — Rolant disse antes de sorrir para Mede. — Ele um dia será rei. Você não pode evitá-lo para sempre. Acho que você dois iriam...

— Não me faça cortar seu pescoço. — Mede advertiu.

Cynan riu. Também ele tentou reivindicar Mede como noiva quando criança. De fato, ele tinha certeza que todos os dragões da Ordem também. Para os demais ele disse que não invejava o homem que tivesse a sorte de reivindicar o dragão.

Oshomensrirammaisecomeçaramabrincadeira.Desdeque zombassem delasobreofatodeserguerreira,Medenãoseimportavatanto.

—

Eleéumbomhomem.—

DisseRolantquandoCynanseafastouejáñãopodiaespionar,amenosquerealmentequisesse.Shifterstinhamuraudiçãoexcelente,assimeradifícilmantersegredosemumpequenoacampamento.Noentanto,eramdragõeshonradoserespeitavamavidaprivadadecadaumcompoucoesforço.—

Nãopodecontinuarignorandoosconvitesaopalácioparasempre.Éaúnicamulher,Mede.Issoé...

—

Nuncacoloqueiosolhosemnossofuturoreienãoquero.Achodifícilquandoaspeessoascompodertentammecontrolar.Nãoqueroterquedesafiarasordensdeseuspais,masnãosouumamascoteparaserexibida.RespeitooreiTaredearainhaLorna,muito,comoqualquercidadão,masnãotenhonenhuminteressenavidanacorte.Estacoisadeconhecerhomensofazsoarcomominhamãe.Elaconstantementetentameenganarparaconhecernovoshomenscomaesperança deque seus cristais pulsememminhadireção,assimsaberáantesdacerimôniaaqualmeufuturo.Todososhomens têmnoivasalienígenas.Porquemeudestinotemqueserdiferente?Épossívelquemeucristalbrilhasseparaumestrangeiro,maseuoquebreienãomearrepentodisso.Aindañãotenhonenhuminteresseemumarido.Dê-meumaarma,umagarrafaderumQurilixene...

— Pelos ossos dos deuses, mulher. —
Disse com voz grave. Mede sabia que estava lutando contra a necessidade de Draig de proteger suas mulheres. No entanto, a maioria das mulheres precisava da proteção de um homem porque eram humanas. Ela era uma shift e esta era sua oportunidade de demonstrar de uma vez por todas. Aomenosa Rolante os outros da antiga Ordem dos Dragões Mortos, que a tratavam de forma mais equilibrada que a maioria. —
Tem certeza que quer fazer isso? Não precisa provar nada para ninguém.

— Porquê? — Ela ficou rígida. — Porque sou uma mulher?

Rolante afastou o olhar. Esta foi a resposta suficiente.

—
Eu farei. Concluí a tarefa cansativa que a Ordem exigiu de mim. E quando voltar, serei um membro da Ordem dos Dragões Mortos por direito. —
Mede chegou a afastar um mechadecabelo castanho claro, o que lhe obrigou a olhá-la. Em sua dura expressão, ele assentiu e Mede deixou ir. — Bem.

Devido ao estrêso seu mal agindo a oredor do pequeno planeta em diferentes ângulos, sempre havia sol, com exceção de uma vez ao ano, quando todos os sois se punham ao mesmo tempo. Aluz tinha um tom verde que atenuado chegava ao azul, assim era considerado um ano longo. No entanto, por todos os planetas da fronteira, as árvores eram muito mais grossas do que na casa montanha e as folhas verdes que recebi muito raios solares ficava

mlargasosuficienteparafazersombra.Istocriavaumafalsaescu-
ridãonas proximidades
dospântanosebosques.Seusolhossemoveramenquantoohav
aparaasárvores,cortandoassombrascomoseseuolharfossealu-
z.

— Mantenha-
seaoleste,longedassombrasdopântanoecastelonegro.Osnin-
hosdeGivresãoruinsestesanos.Continuesemovendo.Tentese-
ntirocheirodealgumagricultordopântano.Deveserfácildetecta-
r.Amaioriadelesdormecomomortos.Fiquetranquila.—
Rolantinstruiu.

Medeassentiu.

— Euacreditoemvocê.Nãomedesaponte.—Entregou-
lheumafaca.Emvozalta,proclamou.—
Vocêsabeoquetemquefazer.Volteaomanhecer.

OgrupoDraigmudouporcompletoecomeçaramagrunchi-
rcomentusiasmo,animando-
a.Continuariamacelebrarenquantoelaiasozinha.

Medesentiuuantecipaçãooporsuatarefabombearemsuas
veias,operigoperto,aemoçãoocorrendo.Chegousobreela
comoumarrepio.Apelemarromescurasubstituiuapelebronzea-
da,crescendosobreocorpocomoumescudosobsuacalçaecamis-
atúnica.Umapartemaissalientesaiuemsuatesta,protegendo
onarizetesta,osdentessealongaramemsuaboca.

— Voarseriamaisrápido!—Sabengritou.

Levantando a face em uma mão com garras, ela sorriu. Suas palavras eram sombrias como um dragão quando declarou.

— É hora de esfolar um gato!

Mede se lançou para o bosque, deixando os rugidos do homem atrás dela. Não podia falhar. Esta era sua única oportunidade de demonstrar que era digno de ser um dragão. Ninguém poderia tirá-

la com uma simples mulher novamente. E com sorte, a deixariam fora da próxima cerimônia de casamento.

Capítulo Dois



Medecorreupelobosquesdesconhecido. Operigodeestarn
asterrasVaraexcitava. Oardopântanoenchiaseuspulmões, ting
idodamisturadadecomposiçãodasplantaseanimais. Seela foss
eparaooeste, iriaseencontraremáguaparada. Suaaudiçãorealç
adaseconcentravaaoredor, agudamentesintonizadacomomei
oambiente. Umanimaldeslizounochãopantanosoantesdeirpar
aaágua. Insetoszuniamezuniam.

Folhasmortasrangiamsobseuspés. Oruídoatraiusuaaten
ção novamente. Osomeraumritmoconstante, marcadoporela, i
nclusivearespiração. Medecorreuatravédassombras, saltand
osobreostroncos, agachando-
sesobosgalhos, esquivandoomusgocaídoqueseaferravaasfolh
asmuitograndes. Fiosdeluzbrilhavamatravédosgalhosdasárv
oresgrossascriandopequenos pontosdançantes.

Oestiramentodosmúsculosfazia-a se
sentirtãobemquequeriacorrerparasempre. Masestanoitenãoir
iacorrer. Tratava-
sedeliberdade, aliberdadedeserespecial, aliberdadedoFestival
deReproduçãoqueaconteceriaemalguns meses, aliberdadedod
estinoedocasamento. Estaerasua oportunidade deprovarasime
smaos maisatrevidoshomens Draig.

OOrdemdosDragõesMortoseraumairmandadequecome
çoucomoumasociedade secreta. Osmembroseramprotetoresd

acoroa, confiáveis para realizar qualquer tarefa que estivesse diante deles. Eram chamados Dragões Mortos porque eram tão bons que pareciam mortos, pegavam todas as oportunidades que apareciam. Com frequência, estas oportunidades eram arriscadas, e com direito, havia vários assassinatos. Como a maioria dos segredos, o tempo e os rumores se estenderam e logo surgiram histórias sobre suas nobres ações. A sociedade secreta já não era mais tão secreta, apesar da admissão como integrante seria ainda um desafio e rumores ainda circulavam sobre seus rituais antigos. Na verdade, já não estavam em guerra, a maioria destas cerimônias místicas se reduziu a beber e adizer coisas estúpidas.

Correr sozinho pelo território Var, em terrenos desconhecidos, sem autorização para cruzar, a fim de conseguir um troféu de um desconhecido felino? Sim, ela tinha certeza que contava como algo incrivelmente perigoso.

Sua mente fez eco como ritmo primitivo, uma velha canção de acampamento brincou em sua mente aopassar das horas. Persuadia. Apenas quando correu milhas terra adentro, ela finalmente parou, saltando no ar para aterrissar em uma posição agachada e se escondendo por um arbusto. Ela inclinou a cabeça, ouvindo o toque da presa. Quando não senti nada, correu uma milha mais e parou novamente. Medir repetiu o processo até que finalmente ouviu sua veroncodeum homem.

Ela ainda segurava a faca curvada na mão. Seguir sua presa até onde dormia foi fácil. Em primeiro lugar, pegou o cheiro forte de

or. Depois, tudo o que tinha que fazer era seguir o brilho da luz na floresta. O acampamento era pequeno. O fogo brilhava sob um agarrado metal grande que cheirava a licor de baixa qualidade. Ali era de onde vinha o cheiro de vinho. Cobriu a boca. Era assustadoramente picante para seus sentidos shifters.

Mede deixou sua forma humana para se encaixar no corpo. O cheiro emanava forte, mas ao menos agora podia respirar sem arizar a garganta a arderem. Pertodo fogo um homem Vardormia. Era fácil dizer que shifter era, mesmo sem saber que estava em território Vardormia. Ele cheirava a felino, sua relicorvelho. Foi quase com decepção que se arrastou adiante para reclamar seu prêmio. Esta era a noite de desafio. Era um bêbado desmaiado no bosque.

Mede ficou sobre ele, a faca na mão, enquanto o lobo havia parado para descansar. Não era o que imaginou. Não precisava mudar de forma.

Empurrando-o com a ponta da bota, ele tentou acordá-lo. O homem Vardormia deu um apalmeado em seu pé. Ele suspirou. Por que não podia ter encontrado um guerreiro, alguém digno de uma luta? Comeste triste inútil pedaço de gato ele não conseguiria uma boacatriz para mostrar.

Ele cutucou novamente, muito mais forte.

—Vamos, acorde.

Nada.

Não havia garantia de que encontraria outro felino antes do amanhecer. Tinha que tomar o que podia. Aproximou-

sedoacampamentoembuscadepitasnaterra.Encontroualgoquebrado,velhoquepareciaumcírculo.Comocenhofranzido,tomouapontadafacaegolpeouometaldelado.Fezumruído.

— Gar-umph-arr!

MedesaltoucomsurpresaquandooVarseagitousobreateracomumhomemselvagem.Seucorposetransformouemumfelinomarromescuro,logodevoltaahomemsujo,depoisafelinoumavezmais,comoseseucorponãopudessedecidiroquequeriaser.

Respiravapesado,intimidantelevantouosbraçosparaosladados.

—

Nãodragõesnovamente.VocênãovaitomarumpedaçodeOwain!—

Adecisão de continuarsendoumfelinomudou,obêbadogirouosbraçosviolentamente,asgarrasemposiçãodeataque.Deuvoltaemcírculos,comoseumgrupoDraigorodeasse.Medenotouqueofelinotinhapelosfaltandootodoocorpo.Aoparecer,elanãoeeraoprimeiroDragãoMortoaencontrá-lonobosque.NãoeradeestranharqueRolantapontouestadiressão.

— Apenasprecisodepele,Owain.—DisseMede.

—

Consigaasuaprópria,Dragão.—Elearrastouaspalavras.—Euseiquebuscameuouro.

Medeficou quietae logo lheou para ofelinocom incredulidade. Não tinha certeza de que ou era, se a bebida ou o caso comaranhado.

— Tentegolpear novamente.—
Desafiou, as palavras mal articuladas.

Antes que pudesse responder, um grito feminino soou através das árvores. Medeficou rígida, ao instantemudando para cheirar o ar. Olicora agrediu novamente. Foi então quando percebeu que aia pelo chão. Ao que parecia, os outros dragões fizeram estrago em suas visitas. Bom, isto era o que queria dizer. Ele era provavelmente o bebê adotado que todos sabiam.

— Eusabia!—
Ofelinogritou. Virou suas garras para ela como se quisesse apontar com todos os dedos.

A mulher gritou novamente, soando aterrorizada. Como os Draig, a genética Varera afetada pela radiação do sol azul normalmente apenas tinham filhos machos. Pelo que sabia, ela era a única a shiftar fêmea atualmente no planeta. Isso significava que a mulher provavelmente era uma estrangeira. Medepensou em sua mãe humana.

Não havia como podersedefender de um ataque shifter.

Mede
tomou a decisão num instante e correu forado o acampamento para

ajudar. Ofelinos a rinos gritou insultos a suas costas, com valentia pensando que a assustou.

—

Está bem. Diga aos seus dragões que não os lutam com Owain!

Ela ignorou, sabendo que estava muito bêbada para dar-lhe caça. Uma nova caça estava em marcha. Três pessoas estavam no bosque. O som de péstros pegando vinho na mesma direção dos gritos, com dois mais fortes caçando.

Mede não podia mudar o foco, assim nem se incomodou em entrar. Apenas esperava que os perseguidores estivessem concentrados na busca e não a ouvissem até que fosse muito tarde. O cheiro do medo encheu seu nariz. Ela estava perto.

Não passou despercebido para ela que estava sozinha em solo estrangeiro, tão dentro que os outros dragões não responderia a sua chamada de auxílio. Ninguém iria buscá-la até depois do amanhecer. Ela estava sozinha.

A excitação da perseguição martelava no sangue de Attor, aumentando os efeitos do licor e o consumo antes de iniciar os jogos. A mulher fazia um bom espetáculo a demonstrar medo quase acreditou ser verdade. Cheirava adrenalina, ouviu seus gritos quando Myrddin brincou com ela. Ainda que a fêmea Syogti tivesse muita força física, quando o assunto era correr nos bosques escuros, os felinos poderiam superá-la.

O cheiro dela estava no nariz, o que ali mentou seu ardor. Ainda tinha que tomar o Nef, não queria embotar seus sentidos antes do tempo. Todo o estresse que sentiu no interior do palácio, olhando seu paí fazer o ridículo, sumiu. Myrddin o conhecia bem o suficiente para saber que Attor precisava de uma diversão.

Tudo se acentuava. Sentiu o ar que se movia em seus pulmões. A terra beijava seus pés enquanto corria sobre ela. Galhos tocavam suas mãos quando ele os pulava sobre troncos caídos. Assim ele racou um Varvivia. Caça. Corrida. Liberdade.

Um som chamou sua atenção e parou antes de mudar de ritmo. Alguém se uniu à caça. O fato o irritou e se virou para detê-lo. Quem e como maneirava de alimentarseus desejos que com uma luta?

Quem quer que fosse estava indo para ele a toda velocidade. Em questão de segundos se conheceriam enquanto ambos saltavam pelos ares em um velho acampamento. Um Draig passou por ele e ele sacou as garras em defesa automática. À medida que avançou, golpeou o braço do dragão. O contato fariapouco dano contra a armadura de pele do dragão.

A terra se abriu e se virou para enfrentar seu oponente. O que estava fazendo um Draig em seu bosque? O dragão imitou sua postura, de frente a ele. Attor respirou fundo, antecipando-se à luta. Ninguém o culparia por matar um Draig em um bosque. Varv; isso se alguém descobrisse o que estava a ponto de fazer.

Algo impediu Attor de atacar. O dragão cheirava alícor, mas sobisso haviadoçura. Attor sentiu um arrepiolocar o corpo.

—

Quem é você? Você não fedecomo os guerreiros Draig. Quem é sua mãe? É um híbrido? O que fazemminha terra?

O Draignão respondeu. Um raio de luz brilhou decima, deixando a descoberto o cabelo longo. Attor cheirou o ar outra vez. Algo sobre este cheiro fez desejar se mover, como quando uma mulher restava nocio.

Uma mulher?

—

É a garota do dragão!—

Exclamou, diminuindo a postura desafiante.

A Syog gritou, os olhos mais fracos que antes.

A mulher do dragão ficou rígida.

— Solte a fêmea.

—

A fêmea?—

Attor ri. Agora que sabia que não enfrentava uma ameaça real, relaxou.

Deixou a mudança em suas feições acontecer e ficou de pé diante do homem, com a esperança de que ela fizesse o mesmo. Queria ver a criatura rir a que ela era.

—

Mude o dragão. Então podem ter uma conversa civilizada.

Notícias do nascimento do dragão fêmea se filtrou pelo caminho até o palácio quando era criança. Sem presentir curiosidade e reconhecer-

la, mas nunca pensou que iria surgir a oportunidade. Attor gostava de coisas raras, gostava de colecioná-las. Pensou nas masmorras do castelo negro. Myrddin lhe permitiu manter a mulher dragão ali como mascote.

—

Onde estão suas asas? Pensei que dragões fêmeas pudessem voar. — Ele a olhou. Sim, uma boa mascote.

Ela simplesmente ficou olhando-o.

—

Busca-asilo aqui? —

Perguntou. Sua captura poderia ser fácil, de fato. Poderia levá-la direto para sua jaula.

A mulher Draig relaxou. A armadura escura de seu corpo ondulou, passando de uma pele dura a uma pele flexível. O ouro líquido em seus olhos diminuiu para revelar o cinza sob ele. Uma vez que o rosto se normalizou, a testa ficou lisa. O fôlego de Attor ficou preso. Não esperava a beleza, no entanto, ela era uma das criaturas mais bonitas que já viu. Isso o surpreendeu. Os Draigeram fortes, mas não esperavam um caso sentir atraído por uma.

—

Asilo? —

Elari novamente. Sua voz humana era bonita, mas matizada com um toque de descaroirônico.

Attorfranziuocenho,semgostardareação.Aspeçoasria
mdeseupai,nãodele.

—Então,porqueestáaqui?

Elalevantouafacaetocouumdedolargoeônicoemumala
minacurva.

—Talvezqueiraarrancarapeledeumgato.—
Apontoualaminaparaele.—Etalvezsejaestegato.

Nenhumamulherseatreveuafalarassimcomele.Eleerau
mpríncipe,depoisdetudo.

Aindaassim,aaudácialheexcitou.Elenuncasentiumedod
eumamulher.Logo,olhandoaoredordobosque,percebeuquetal
vezelanãosoubessequemeleera.

—TodosestesanosnenhumVaraviu.Especulava-
sequeamantinhampresaequerealizavamestranhosrituaisDrai
g.Éverdadequebotaovoscheiosdepoder?

Amulherolhou-odeformadesagradável.

—ÉverdadequeosVarcomemsuascrias?

Foiasuavezdeexpressardesgosto.Fezumacareta.

—Entãoprecisadeajuda.Porissoestáaqui.

— Pareçoumadonzelapresaemumcastelo?—
Elaoolhoufixamente,seusolhoscinzabrilharamcomoouroapen
asparadesaparecernovamente.

— Você tem tenacidade. —
Ele levantou as mãos como se fosse do mar um animal selvagem.
— Não vou julgar. Pergunto-
me se também há suavidade em você.

—
Você tem suavidade, gato. Que tal se deixarmos de conversar e no
stransformamos? — Ela moveu a lâmina de forma significativa.

Franzi uocinho, não gostou de lá dizer que era suave.

—
Podem não ser fácil para os homens ficarem ao seu redor sem serem
suaves. Uma mulher que tem sua aparência não pode ser de todo du-
ra. Abaixa a faca e deixe de me ameaçar.

Ela estendeu os braços de lado, sem soltar a faca, mas já não
apontando para ele.

— Bem. Fale.

A Syog fez um som estranho. A mulher apontou a faca para ele
em um instante.

— É um jogo. — Disse. — Um que se joga por vontade
própria.

O dragão não parecia acreditar.

—
Se nenhum Var colocou os olhos em você, posso assumir que você
não conhece nenhum Var. Não somos o que se upovodiz. Sei que há
séculos de discórdia, mas não estamos em guerra neste momento

.Não tem nenhumarazão para não confiarem mim. Não temos razões para machucar as mulheres.—

Ele inclinou a cabeça, tentando ouvir o que estava acontecendo com a Syog.— Use seus ouvidos. Ouve?

Pouco a pouco a mulher assentiu com a cabeça.

— O que estão fazendo?

Attor sorriu. Estava claro para ele que a Syog foi capturada e Myrddin estava na agonia do sexo selvagem. Ah, assim o dragão era inocente. Isto lhe agradou. Talvez não aprendesse em uma jaula com o mascote.

Attor se alegrou de não ter bebido o Nef. O prazer que brotou em seu interior era feroz e forte. Já acentuado pela perseguição, se uga to implorava para brincar. Seus olhos percorreram a forma humana com renovado interesse enquanto se concentravam no ruído. Os barulhos de Myrddin e a mulher alienígena despertavam mais seu ardor.

—

Estão...—

Attor deixou um sorriso tocar seus lábios. Um sorriso sedutor que lhe escapou.— Estão se acoplando.

—

Oh.—

Responda a ela, seguidos por mais uma frase surpresa.—

Oh. Então são casados.

Sim, inocente. Isto estava claro agora.

— Não. Ela está visitando o palácio.— Disse.

mserensinadas—

atitude, confiança, um portenobre, tudoumaevidenciadeclasse superior. Ofatodelaserumshifteradeixavamaispoderosa. Seru maDraigerararo. Ninguémemseuplanetaouemqualquerdosuni versosconhecidos, tinhaumaesposadragão. Elaeraaúnicadesu aespécieviva. E, sua inocênciaainda nãofoicorrompida.

Porquenão seconheceraantes? Apenasassumiuqueseu sanguededragãoacobriadeformavaronilcomsuasescamas. Oq uenãoeraocaso.

— Eapenasparaterumfilho?— Continuou.— Soufilhaúnicaporqueminhamãeédescendentedeumpovodelic ado. Seicomomeusdesejavamquefossediferente. Elestentame scondê- lo, maseusei. ImaginoqueopríncipeVardevesentiromesmo. Fic ocontentedenão terquegovernarumreino.

Asmulheresnãogovernavamumreino. Estenãoeraseupa pel.

— Obosquenãoélugarparaumadama.— DisseAttor, sentindo- semuitoprotetorcomela. Maseramaisqueisto. Eleadesejava. Ep orquenãoa ter? EraoherdeirodotronoVar. Algumdiairiagovernarametaded oplaneta, todooplanetaseMyrddinsesaíssecomasua. Precisaria deumarainhadignaaoseulado.

— Possocuidardemimmesma.— Respondeu ela.

Feroz, inocente e compassiva. Tudo tinha sentido. O destino com certeza tinha uma mão nesta aventura noturna. O encontro era um sinal do que viria. Ele iria possuí-la. Esta mulher seria sua noiva.

*. **

— Porquemeolhaassim?—
Perguntou Medeparaogato. Não que ela houvesse revelado grande segredos. Tudo o que disse sobre sua família era de conhecimento comum entre sua própria gente.

A curiosa era maior. Nunca conversou com um Varante se eles pareciam civilizados. O homem era bonito, mas também o era maior do que os shifters ao seu redor. Seu cabelo curto e loiro, parecia recentemente cortado e ele claramente tinha hábitos de aseo impecável. As histórias que ouviu dos gatos eram de que eram animais sujos, sem educação com línguas mal dasas e corações escuros como feras selvagens. Havia uma razão para os Draig evitarem as fronteiras. Lições de geografia lhe ensinaram que nem todo território Varerapântano, mas elas sempre teve a impressão de que a boate rapertencia aos Draig.

— Você está me olhando.—
Disse quando ele não respondeu. Acalçado o homem era apertado e sua camisa se ajustava aos músculos de seu peito. Ele notou os cordões prendendo a parte de trás. Eles mantinham o material junto, a o mesmo tempo permitindo olhar à pele ao longo das costas do homem. Os Draig usavam calças mais soltas e camisas únicas que o melhor se acomodavam a transformação dragão.

— Você é linda. —
Respondeu simplesmente. Seus olhos brilhavam. Reconheceu a
órbita. Ela também tinha. — Qual seu nome?

Isso o surpreendeu.

— Você não sabe?

Quem era este homem, quem não via a ela como os demais ho-
mens viam? Os Varnão tinham cristais, mas se baseavam em mé-
todos mais primitivos para encontrar um companheiro. Era um ali-
vio conhecer um homem que não era obsessivo com casamento. No-
rmalmente, antes de dois segundos estava molhando seu colo e
para ver se brilhavam, tentando fazê-
lo sem que ela percebesse, como se isso ajudasse. Alguns inclusive
tentaram fazê-
la segurar a pedra como se seu contato fosse ativá-la.

Vários minutos se passaram e nenhum a vez o gato mencionou
a vontade dos deuses e seus companheiros predestinados. Este fato
para ela não deveria cortar uma peça de ele para o desafio da Or-
dem dos Dragões. Ela suspirou. Agora mais saltada e a estrada a
proximava e ela ainda tinha que voltar.

— Não vou dizer? — O homem começou a rir. —
Muito justo. Assim não preciso dizer quem sou.

Os sons dos jogos amorosos diminuíram. O gato avançava li-
entamente enquanto conversavam. Provavelmente pensou que
não notou quando a realidade percebeu todos os seus movimentos
e olhou diretamente em seus olhos. Seus movimentos eram chei-

osdegraca,algoqueguerreirosmaisfortesDraignãotinham.Cad
agestoeraumconviteparadançar.

—

Aomenosmediráoqueestáfazendoemnossobosque?—

Perguntou.

—

Jáofiz.Tenhoquearrancarapeledeumgato.—

Elalevantouafacaebalançouparafrenteparatrás.

— Temoquenãopossapermitiristo.

—

Temoquenãolestoupedindosuapermissão.—

Elagostoudodesafiodele.Emmuitossentidos,suaatitudofoium
alivio.—

Tudooqueprecisoéumamechadepeloelogopossovoltar.Fracas
sareminhatarefanãoéumaopção.

Ogatosorriu.Levantoubraçoedeixouquesuapelemudas
sedeformaparcial.Pelebrotoudepele.Eraumacoloraçãoliradif
erente.

Medenãoprecisoudemaisumconvite.Arrancouopelodes
eubraçocoma
faca,segurandoobraço.Maselaestavaapontodesoltá-
loeagradeceraohomemquandoeleasurpreendeuinclinando-
separafrenteepressionandoabocacontraadela.Elaficourígida
comomovimentoaudaz.Elesegurosuacabeçacomumamãoepeu
xou-acomforçacontraseuslábios.

Sentiuafacacontrasuacarne,aindaquenãotentoucortá-
lo.

Oshomenscomfrequênciainaginavamqueseriamseucompanheiroescolhido,masnuncaseatreveramabeijá-la.Separouoslábios,maselanhãosemoveuparadevolverogesto.Asensaçãoeramaisimpactantequedesagradável,aindaquenãoestivessecomvontadededevolverobeijo.Quandoporfimassoltou,sussurrou.

—Vocêtemseuprêmioeeuomeu.

Medeengoliunervosa.Ogatoouseubraçocortadodespreocupado.Umrastrolargodesanguecorriadeseuantebraçoparaosdedos.Podia deixarumacicatriz,masnãoeeraumalesãograve.

— Eutevereilogo,pequenodragão.—
Seusolhosseiluminaramquandoseafastoudela.—
Masagoraémelhorirdepressapara casa.

Medetropeçoulongedelecomoseeleahouvesseassustado.Asensaçãodobeijoesquentava suaboca,masela ficoumuitosurpresapara reagir.Deveriaterfeitomaisquecortá-lo.Parasuavergonha,inclusiveapequenaferidafoi um acidente.Emlugardisto,congelou-se.Umbonitohomemabeijoueficoucongelada.

Umpequenopreçoapagarparaconseguirquefoibuscar.

Ofelinotinharazão.Eratardeetinhaquecorrerparaasfronteiras.

— Aqui.—Apontou para o território Draig.—

Medelimpouabocacomodorsodamão.

— Quem é você? —

Medeabriuabocapararesponder,masohomemsaltounoa

* **

— OondeestáaSyog?—

— Elatevequepegarseuvoo.—
Myrddinesticouosbraçosacimadesuacabeça.Sujeiramanchav
asuaroupaetinhaumolharsatisfaitonoroço.

— NãoimagineiqueaSyogiriaemboratãorápido.—
Attorfranziuocenho.Estavaàesperadepoderliberarsuatensão.
PelasmanchasnosjoelhosdeMyrddin,ohomemtomouaSyogpo
rtráscomoumanimal.UmarrepiopercorreuAttoranteaideia.Ter
iagostadodeassistir.

Satisfazeramulherdragãoaumentouseuardorjáaquecid
oequeriaseafundaremalgosuaveecálido.Tantocomoqueriafod
ersuafuturarainha,viaumalcancemaior.Seelafoossedignadesec
asarcomele,seriadignadesuasedução.Obeijofoiapenasumafor
mademarcá-
lacomosua.Ogestofuncionou,poisaacalmoudepois.

Myrddinarranhouacintura.

—Oqueaconteceu?Porfavor,digaquenãoperdeuorastro.

— Outracoisaaconteceu.—
Disse,narealidadesemquerercompartilharsobresuafuturarain
haainda.Myrddinpoderianãoprovarseuplano.

— Maisimportantequeumacaça?—
Seuamigobalançouacabeçacom incredulidade.—
Sequiserencontrarumagricultorainda,poderíamostomarumco
pojuntosdepois.—
MyrddinabaixouoolharparaolharatúnicadeAttorecheirouoar.
—Senãopodiaesperarporumabebida...

Attorsabiaquehaviaumleverastrodelicoremseucorpoqu
andotocouamulher.Ocheiroseimpregnouemsuaroupa.

Myrddinlevantouopunhoemsinaldeadvertência.

—Vougolpeá-loantesdedeixá-lotãofracocomoseupai.

Attorbateuemsua mão.

—

Nãosoumeupai.Sequisersabereuestareisentadoemseulugarq
uandotomarotrono.

—

Ahsim?—

Myrddinarqueouumasobrancelha.Aomenosjã não olhava com
decepção.

Contraseumelhorjuízo, explicou.

—DeciditomarafêmeaDraigcomominharainha.

Myrddinretrocedeufisicamenteanteaidea.

— Euaconheci.Elaébonitae...

—

DeixouumDraigescapar?—

Myrddinexigiu.Seusolhossemoverameinclinouacabeça.—
Ondeelaestá?Quecaminhotomou?

—

Não.Deixe-air.—

AttornãoqueriaMyrddinpertodamulher.—
Tenhoplanosparaela.

—

QueplanospoderiaterparaladyMedellyn?—

Myrddinexigiu.—Amenosquesejaparatorturá-

lae iniciar uma guerra? — De repente o homem assentiu com a cabeça. — Poderíamos sequestrá-la e fazer um espetáculo público de sofrimento. Este seria um ato que os Draigh não iriam ignorar.

Medellyn. Este era seu nome? Escondeu seu sorriso.

—

Não. —

Attortentou reverter a sede de sangue de seu amigo. — Penso não é fácil que seria tomar os territórios do norte sem casar com sua única mulher. Se ela me escolher acimade qualquer um deles. Se ela se inclinar diante de mim, seu maridoerei, ante todos os demais. —

Aideia lhe excitava. Ele seria o único a possuir a mais rara das criaturas. Ela seria sua. Ela o amaria. Ela entenderia sua posição como filho único, destinado a governar. Tinha compaixão por seu pai bêbado. Attorse afezrou a estes fatos. —

Juntos vamos governar todo o planeta.

Myrddin sorriu.

— Sim. Juntos vamos governar.

Attor queria dizer ele e sua noiva, mas não corrigiu o homem

.

—

Muito bom, filho, muito bom. —

Myrddin bateu forte em seu ombro. Então, assentindo com a cabeça para baixo, onde o corpo de Attor mostrava a evidência de sua noite insatisfeita, acrescentou. —

Vamos.Vamosencontrarumaservaparachuparovenenodevoc
ê.Prometoquenapróximacaçavocêpoderáiràfrente.

A stylized black dragon with red horns and a red flame coming from its mouth. The dragon is coiled, with its head facing right and its tail curving around to the left. It has a red flame coming from its mouth.

O exercício a fazia sentir-
se maravilhosa, mas não tão maravilhosa como os sons dos aplausos vindos da fronteira. Havia um acendido um fogo para guiá-la e ela correu até ele. Enquanto se aproximava do grupo de dragões saltou sobre a fronteira. Levantando a mão, ela gritou:

Oshomensdisseramemvozalta,quecelebravamsuavitória.

Oshomensgritaram,claramenteanimadoscomsuastaças.Enqu
antoelatinhasuaaventura,elesestavamfestejando.

— Nossasenhoraencontrouogato.—
DisseArthurcomumsorriso,quandoelesentiuocheiroadelicornel
a.Ohomemtinhaumnariztortoquefoigolpeadomuitasvezes.Qu
andobebia,gostavadebrincar.

— Ogatosarnoso?—PerguntouCynan.

— Owainlherecordacomcarinho.—
RespondeuMede,sorrindo.Umarondadegritoserisadascortoua
conversa.Depoisquefinalmenteseacalmou,estendeuamão.—
Meuprêmio.

Algunsdoshomensolharamsuamãoeestendida,depois,al
gunsmais.Suarisadasumiunaconversa.

— Issoseparecea...—
Sabendlhedirigiuumolharinquisitivo.

Dyllanchegouabeliscarumpoucoapele.

—Éloiro.

— Mede?—
Rolantperguntou,desejandoclaramentequeexplicasse.—
Nãoencontrouocaminho?

— Sim,maseuqueriaumalvomaisdifícil.—Disse.—
Alémdisso,aoagricultorjáfaltavamuitapele.Sentipenadele.

Rolantlevantouafaca,mostrandoosangueatodos.

—Comquemlutou?

Medepensounoestranho.Nãohavianenhumarazãoparad
izer-
Ihesoqueaconteceu.Elesnãoprecisavamsaberqueogatoabeijo
u.Esteseriaseusegreto.

— Nós não trocamos nomes.—
Eladeu um pequeno encolher de ombros.

— Vamos fazer prova, assim ninguém pode impugná-
la.—

Disse Rolant. Enquanto vasculhavam em um saco para fazer o te-
ste genético. Quando estavam distraídos, Rolant apuxou o delado.

—
Eua envie o direto para o agricultor. Em que estava pensando? Os ú-
nicos Varsloiros são os guardas de elite do palácio. Ou o príncipe. Co-
mo conseguiu? Porque há sangue?

— Vamos!—
Gritou Dylan, levantando um pequeno frasco que verteu na pele.
Quando a pele do gato combinou com os produtos químicos se ficou
azul pálido, ele gritou.— É Var.

— Agora não, Rolant.— Disse Mede.—
Preciso de uma bebida.

Um garrafa foi empurrada no
mesmo instante em sua direção. Ele bebeu um longo gole de licor.
Ardeu em sua garganta e esquentou seu ventre.

— Conte-nos sobre a caça.— Disse Cynan.

— O que é isto? —
Umavoz masculinaretumbousobre o acampamento.

Mede se sentiu aliviada, já que as alvoudeter que conta rest
a história em particular junto à fogueira.

— Têm permissão para estarem em minhas terras? —
Continuou desconhecido.

Mede abaixou a garrafa e limpou a boca com a manga. Não
conheceu a voz. Vários dos homens bloquearam sua visão. Já que
estava no acampamento nas terras do palácio como o príncipe Rolant, i
sto não o preocupava demais.

— Irmão. — Rolant reconheceu. —
Voltou. Pensei que estivesse caçando yorkins.

— Gilda se feriu. Nada grave, mas decidimos trazê-
lo para casa para que pudesse ter uma atenção médica adequada.
— Respondeu o príncipe Llyr.

Mede mudou de opinião. Não gostou da interrupção. Estava
anhela para comemorar sua vitória. Não queria conhecê-lo novo
macho Draige certamente não o príncipe herdeiro ao trono. O prin
cipe não estava casado e Rolant disse que ele queria conhecê-la.

— Dê-me uma bebida. — Disse Llyr. —
Estão celebrando a vitória de quem?

Como as águas se separando pelo vento, os homens abriram
o caminho para que Llyr pudesse vê-
la. Ela ficou rígida e automaticamente levantou a mandíbula.

—Minha.

—

Sua?—

Llyr repetiu com incredulidade. Olhou para Rolant por confirmação. — E ele passou?

—

Enósavimos voar.—

Sabenassentiu. Levantou o copo e anunciou.

— Isto foi você voando.— Disse Arthur.

—

O está bem.—

Sabenassentiu. Levantou seu copo e anunciou.— Eu voei!

— Como está Owain?— Perguntou Llyr.

— Precisa de um banho.— Disse Mede.

— Ele trouxe pelo loiro.— Rolant declarou.

—

Loiro...?—

Llyr entregou a garrafa que segurava para seu irmão e deu um passo adiante para olhá-la.

Mede se alegrou de cheirar a suorelicor ainda. E provavelmente parecia uma feraselvagem depois da corrida. Obrigou-se a não olhar para seu peito, para o cristal. Mas olharseu rosto foipior.

Em muitos sentidos, ele lembrava Rolant, mas seu solhoseram de um verde tão brilhante que quase afurou, tomando-a comose pudesse vertodosseus segredos. Mede não gostava de se sentire

xposta. Seucabeloeracastanhoclaroechegavaatéoqueixoenqu
antoqueodeRolanteramaior. ElapensounobeijoqueoVarroubo
udela. Nãoesperavaerealmentenãosentiunadamaissquesurpre
saquandoaconteceu, masalembançaafezolpharparaabocadeLl
yr.

— Finalmentenosencontramos, LadyMedellyn. — Disse.

Medeseobrigouatirarosolhosdeseuslábiosfirmes. Engoli
usalivacomnervosismo.

—

MechamoMede. Enãosouumadama. HojesouumDragãoMorto.

Comaspalavrasoshomensébriosgritaram.

— DragõesMortos!

Llyrriu. Maisparasimesmoqueparaeladisse.

— Possoverquenãosejogaforalicorporaqui.

—

Desculpe-
mepríncipe, masganheiamarcadosDragõesMortosequerominh
acicatriz.

Elafezummovimentoparasairdesuapresença, negando-
seaolharparabaixo. Aideiadequepríncipepudesseserseucomp
anheiroaaterrozava. Nuncaquisesteencontro.

—

Espere. —

DisseLlyrtãoudazqueaseguroupelobraço. —

Gostariadeparabenizá-lapelaboacaça.

Medearqueou as orelhas. Quando mais se encontrava hipnotizada por seus olhos, mais teimoso seu comportamento ficava. Quando ela não falou nada, ela disse.

— Então?

— Parabéns pela caça. — Disse em voz baixa.

— Obrigada, príncipe. —

Respondeu obedientemente antes de se mover — se adiante dele. Os homens começaram a cantar uma canção obscena, unidos e abraçados andando pelo acampamento. O círculo foi para longe. Esperou que ficasse de costas.

Llyragarrouseu braço novamente.

— De verdade cortou a pele de um membro da corte real?

No momento não ficou nervosa, mas agora, que Rolante Llyrmencionaram a corda pela, isto a deixou como estomago embrulhado. Nervos se agruparam em seu peito e ela assentiu com a cabeça umavez.

— Suponho que sim, ainda que na hora não perguntei seu nome.

— Como parecia?

— Um felino. —

Respondeu ela de propósito. Seus dedos ainda seguravam seu braço, o toque de alguma forma íntimo. Finalmente teve coragem de olhar para baixo. No princípio, pensou ver um suave esplendor na pedra. Ficou rígida, até que ela percebeu que era um reflexo do fogo.

Não eraseu companheiro. Um suspiro de alívio saiu de seus lábios.
..seguido de uma sensação de decepção. A decepção confundiu
elhe de vontade fugir com uma covarde.

— Estás casada? —

Perguntou Llyr, olhando a falta do cristal em seu pescoço. Sempre
era isto.

Ela abaixou os olhos.

—

Não tenho nenhum interesse no casamento. Mas quero minha
atriz. — Ela tentou puxar seu braço.

Ela apertou mais forte.

— Então é verdade. Você quebrou o cristal. Por quê?

Meu defeito me fez a orelha de lembrança de um dia muito tempo.
Sua mãe chorou abertamente por mais meses.

— Como você. — Pegou o cristal em seu peito, puxando-
o de onde estava e olhou-
o. Ele pulou. Uma fissura quase microscópica arranhava o interior
da pedra.

—

Um acidente quando era criança, caí de um ceffyl enquanto brinca-
va. — Disse Llyr.

—

Meu pai é um criador de ceffyl. Não devem montá-
los para brincar. — Chamou sua atenção. —
São delicados e não para jogos.

— E uera uma criança. — Indicou. Sua atitude a enfiou.

— Não há desculpas. —
Respondeu ela com igual arrogância.

— Quebrei o braço, se isto ajuda.

— É um começo. —
Ela novamente tentou puxar o braço de seu agarre. Um leve arremesso a percorreu onde ele tocava, uma estranha vibração a obrigou a se concentrar no contato.

O canto alcançou o bosque e os homens desapareceram atrás de uma árvore colossal. De algum maneira a ficar sozinha com ele a deixava nervosa.

— Solte-me, príncipe. — Disse por fim. —
Eugenia me encontrou aqui.

Llyrolhou para seu braço com surpresa, como se não o tivesse segurado. No mesmo instante os dedos a soltaram.

— Diga-me primeiro, porque quebrou seu cristal?

— O que? Eu me amo. Casei-me comigo mesma. —
Não tinha certeza de que estava sendo tão sarcástica. O único que sabia era que seu braço estremeceu quando ele a tocou. Lançou um olhar para a pedra. Sem brilho. Ainda assim, o impulso de fugir a ele a deixava.

Seus músculos pareciam
gelatina. Com certeza seu corpo estremeceu pela longa noite de exercício, nada mais. Sua mente parecia confusa porque estava

nsada. Não tinha nada a ver com a cor de seus olhos. Estes malditos olhos verdes.

—

De algumamaneira não acredito que seja tão narcisista, minha dama.

—

Muito bem. Se quiser saber, é porque controlo meu próprio destino. —

Me deu um leve salto diante dele e foi se unir aos homens. Sabem e Cynan romperam a corrente para deixá-la entrar. À medida que se afastou do príncipe, ficou contente por escapar. Algo sobre o homem a deixava frustrada. Tinha certeza que eram seus olhos. Nenhum homem deveria possuir olhos assim.

* * *

Llyrn não podia respirar enquanto observava a mulher se afastar dele. Me deu cheirava a suor e a sujeira em seu cabelo o deixava estranho. Mas havia um brilho em seus olhos que fazia todas as demais imperfeições sumirem.

Ela era exatamente tão feroz como se lembrava, há muito tempo, quando a viu no bosque. Ele sempre quis conhecê-la oficialmente, mas algo dentro dele lhe dizia para esperar. E ele esperou, durante quase vinte anos esperou.

Ninguém acreditaria em seus limitados poderes de adivinhação quando criança, mas Llyrn nasceu com o conhecimento de que se casaria com uma mulher como ela. Desde criança sonhou

emencontrar uma companheira shift. Quando mais velho, uma visão de Medea confirmou. Era muito jovem no momento para receber realmente a vontade dos deuses e seu cristal não brilhou. Mas ele reconheceu. No fundo reconheceu. Não precisava de um cristal para lhe dizer isto.

Durante muitos anos se afezrou a este momento fugaz. Incluía agora, como cheiro do bosque da montanha, agitava-se com a lembrança.

Llyr nunca imaginou que voltaria vê-la. Faria os sentimentos dentro dele aumentarem que podia sentir. Não tão fortemente como esta noite. Sim, teve seus momentos de vida. Vinte anos eram muito tempo para manter algo por uma mulher que apenas viu uma vez. Mas valeu a pena. Tudo o que precisava saber se confirmou quando a olhou.

— Então, o que achou da fêmea dragão? — Perguntou Rolant. — Não disse que ela era bonita? Ah, mas a beleza vem com conjunto de dentes afiados. Ela pode arrancar um pedaço de qualquer homem e manter sua posição ante qualquer guerreiro. Não invejo o homem que está condenado pelos deuses a ser seu companheiro.

Em lugar de responder, Llyr colocou a mão no bolso e puxou seu cristal. Levantou-o para Rolant para que comprovasse por si mesmo. Rolant soltou um leve suspiro e se virou para olhar onde Medea dançava a oredor da fogueira com os demais.

— Mas...?—RolantolhouopeitodeLlyr,ocrystalqueusava.

—

Estouenviandoconvitesparaopaláciohámesesnonomedenoss
amãe,maselasempreencontraumadesculpa.Vocêmedisseco
moelasesentesobreocasamento.—DisseLlyr.—

Ouvisuasadvertências.EstápedrapertenceaGildas.—

Oservodopalácioesteve maisquedisposto aemprestarsuapedra
aopríncipe,pensandoqueistolhetrariasorte.Honraditavaqueoo
bjeto fossedevolvidoembomestado.Bom,entãobomestado,co
moquandoLlyropegou.—

Eleestámachucadoenãotemnenhumusoatual.Jáqueelenãoco
nfianasunidadesmédicas,vaificarderepousoporumtempo.

—

Porquenãocontarparaelaquemévocê?—

Rolantfranziuocenho.—

MeentregueapedradeGildasecoloqueasuanopescoço.Deixequ
eelaveja.Podeimpedirqueconsiga a marcadaOrdem.

—

Nãovoumudarseucaminhoatéqueosdeusesoficialmentenosab
ençoem.—Llyrescondeuseucristalnobolso.—

Quemsoueuparainterferirnodestinodafuturarainha?

— Uh,vocêqueéofuturorei?—Rolantdeclarouoobvio.

Llyrriudeleve.

—

Vocêsviramqueconseguiuapele.Assimganhousuacicatriz.Seti
raristodela,elairáseafastardemim.—

Elesorriueeradifícilescondersuaemoção.—

Você não dita ordens e espera ganhar uma mulher assim. Se for possessivo, se souber quem sou, ela nunca irá ao próximo Festival de Reprodução. Eu preciso do ano Festival. Os deuses cuidarão do resto.

Rolant franziu o cenho.

—

Como se pode ganhar uma mulher assim? Não há outra maneira.

—

Porque conheço os dragões e seu espírito guerreiro. Aquele que se une a Ordem dos Dragões Mortos é de uma raça especial. Ninguém neste acampamento poderia ganhar ou ser persuadido à força.— Llyro observava Mede dançar. Seus olhos se encontraram e ele se sentiu lentamente parar e conhecê-la. Era tudo o que podia fazer para não ir dançar com ela.

Ela era uma verdade que preencheu todo seu ser. Esperou toda sua vida por ela. Mas este conhecimento não o preparou para o que estava sentindo no corpo e no coração— a realidade que era Lady Mede. Mesmo agora podia senti-la contrair seus dedos. Os nervos de sua mão formigavam, enviando diminutas ondas de choque por seu corpo. Por algum desconhecida força de vontade se conteve e observou o balanço de seus quadris e seu cabelo. Llyro sabia que os deuses estavam sempre provando para se assegurar que fosse digno das bênçãos que lhe seriam outorgadas.

— Marque-
a como ela deseja. Deixe que se una à Ordem. Estes homens se con-
verterão em seus irmãos e a protegerão com suas vidas.—
Llyrdisse.

— Vaimarcá-la?— Perguntou Rolant.—
A tradição diz que o mais alto nível deve cortar a pele.

Llyr não podia machucar Mede. Para ele, mesmo quando sol-
icitado, ia contra todo o instinto de proteção que crescia dentro del-
e.

— Não. Deixe que você o faça.— Ele respirou fundo.—
Apenas se assegure que ela não vá a nenhumamissão mais perigo-
sa. Dragão ou não, as fronteiras não são lugar para uma mulher. Po-
de que não estejamos oficialmente em guerra, mas orei Varé uma
marionete e os antigos senhores fazem o que querem. Não irão ho-
nrar nenhum paz se conseguirem entrar em nossas terras.

— Tente impedi-la.— Rolant se defendeu.—
Claro que tentei impedi-la. Dei-
lhe a tarefa mais asquerosamente difícil que me ocorreu. Ela c-
um príncipe e não se queixou. Quando isto não funcionou, eu enviei
um idiota para o alvô mais fácil que dorme no bosque quando está bêb-
ado. Seu pai é um guerreiro muito respeitado. Não poderei rejeitar
sua tentativa sem razão. Não sei como ela encontrou alguém do p-
alácio Varesta noite. O bosque pertode os pântanos deveria estar v-
azio. Cheiram a morte e as árvores estão podres. Ninguém vai lá por
obrigado ou porque estejam na agricultura ilegal. Não há festivais
na esta época do ano.

Llyr colocou braços sobre o ombro de seu irmão.

—

Ela está salva. Isso é o que importa. Mas agora que sabe que ela é sua irmã futura rainha, talvez veja as coisas diferentes. O futuro de nós e o reino descansa nela.

A felicidade futura de Attor recaía sobre a mulher dragão, sua futura rainha. Attor fechou os olhos na longa extensão do bosque, avistando suas acadas particulares. Ficou olhando para o pequeno lago e as montanhas distantes. Uma suave brisa lhe acariciava, fazendo cócegas no cordão transversal que cruzava a parte de trás de sua camisa. Sendo o terraço bem alto, ninguém no pátio do palácio poderia vê-lo, ainda que se inclinasse no balcão ou visse o caminho de baixo.

Attor gemeu e se apoderou da garra fada de licor com mais força. Os omfexos da mulher de joelhos diante dele diminuíram o ritmo de sua boca e chupar com mais força. Sua respiração acelerou.

Já podia sentir o amor de Medellyn por ele, sua adoração. Como não podia ser de outra forma? Sentia que seu destino era ela.

Attor abriu os olhos. Logo toda a terra seria sua. Medellyn seria uma boa rainha. Teria muitos filhos fortes, metade-gato, metade-dragão, uma nova raça feroz para se apoderar do planeta. O gene Draig seria recessivo, claro, já que os genes dos gatos eram muito mais fortes.

Mais que isto, Medellyn tinha a capacidade de amá-lo. Ela o amava. E ele a amava. Sua força estava em seu patrimônio. Ela era forte. Não iria morrer dando à luz como sua mãe. Nunca teria a que ficar sozinho.

Ator rolhou a mulher de joelhos antes de tomar um pedaço de lição. O prazer da boca sumiu quando o olhar se voltou. Os olhos se encontrando - o era mais um não prata. E seu cabelo era vermelho não negro. Com sua mão agarrou a parte posterior da cabeça e segurou em seu eixo. Independentemente de seu aspecto, encontrou sua libertação. A pressão em seu estômago diminuiu e ele gemeu, fechando os olhos com força ao imaginar sua futura esposa.

— Venha, garota. — Myrddin disse vendo Ator amarrar os cordões. O homem estava apoiado contra a pedra e o ferro ao longo da sacada. O céu azul-verde da manhã brilhava em seu rosto excitado. Começou a abrir a calça. A mulher sem dúvida foi a téonobre. Quando Ator se moveu para entrar no quarto, Myrddin girou na sacada e continuou a brindar a calça.

Ator passou pela porta. Assim que a sacada da direita parasse em um enorme quarto. Para o tempo suficiente para tirar a camisa e jogá-la no chão para ser lavada. Tirou os olhos de seu armário na parede e olhou para suas numerosas roupas para olhar pela janela. Myrddin estava levantando a saia da mulher com a intenção de tomá-la por trás. Ator observou o espetáculo por alguns minutos.

— Diga que é o melhor pau que já teve. —
Myrddin ordenou, claramente sem perceber que Attorrouvi adola
do dentro. —

Todos os homens empalidecem em comparação com seu grande
amanho, verdade? Chame-me de seurei. Chame-me de seurei!

A mulher obedeceu, mas provavelmente não como o entusiasmo
moque Myrddin queria porque grunhiu e lhe golpeou com mais fo-
rça. Attor estava muito cansado e muito bêbado para se preocupar
como Myrddin encontrava sua liberação.

O príncipe empurrou a porta do quarto e imediatamente foi para
a cama. Havia fogo na lareira de mármore, a empregada limpou
do antes de se colocar de joelhos. A grande sala com chão de
pedralisa, almofadas tecidas de decoração e ouro se perdeu. Caiu
e barrigou para baixo no colchão, encontrou-
se em lençóis suaves e imediatamente dormiu.

* * *

Mede apertou os dentes quando o símbolo do dragão foi cortado
na parte baixa das costas. Sentiu o licor no ombro descoberto.
Es correu para baixo fazendo a ferida arder, a qual Rolant fez com
uma faca especial. A lâmina que tinha o formato de um dragão foi
aquecida, de modo que pudesse cortar e cauterizar ao mesmo
tempo. Ela não tinha permissão para mudar a retina que suportar a dor
como humana.

— Agh. —
Ela gritou quando o licor caiu na ferida pela segunda vez. Sua camisa

atúnicaestavasomenteumpoucolevantadaparaqueRolanttrabalhasseenãoexpusessesecorpoaosdemais.Olicormolhou sua calça.Nestemomentonãoimportavasearoupacheiravaaumafábrica decervejaetinhaváriasgostasdesangue.Estamanhã marcouiníciodesuanovavida,umavidadeliberdadeerespeito.Respirou forte,tomando adorpelaquallutouarduamente.Oshomens aplaudiram,felicitando-
acomgrunhidosebrincadeiras,todosestavamcansados,masapenasSabendormiucomorostonaterraalgumashorasantes.

—

Acabou.—

Rolantsussurrouemseuouvidoenquantoentregavaafaca paraArthurguardá-la.Alguémcolocouumavendaemsuascostasepuxouacamisapara baixo.

MedeseencontrouprocurandoporLlyr,mas sabiaqueohomemqueinterrompeuacelebração nãooficouparaversuacerimônia.Sentiu-semenosprezadaporseudesaparecimento.

—

Tenhoumaunidademédicanatenda.Não vaicuraraferida,masirátirador.—Rolantapuxoudeladoparaajudá-laaselevantar.

—

Semtratamentoespecial.SouumirmãodaOrdemagora.Ireiatuarcomoum.—DisseMede.

— Nuncativemosumamulher.Achoqueéumairmãde...

—
Quis dizêro que disse. Não sou diferente de qualquer uma aqui. —
Mede-se afastou dele e pouco a pouco se aproximou de sua tenda para dormir. A brilhante luz da manhã brilhava ao seu redor, como um renascimento, já que seus novos irmãos encontraram seu caminho para os sonhos. Ela abriu a tenda e se arrastou para as pedras no chão. Um gemido escapou enquanto se deitava sobre o estomago. Murmurando, ela tentou ignorar o formigamento no braço que o príncipe tocou. —

Não me importa que não fique para presenciar minha cerimônia de honra, príncipe Llyr. Você não foi convidado esta noite de qualquer forma. Volte ao palácio e não me toque mais.

Capítulo Quatro



Norte das Montanhas Draig,

Casa da Família de Medellyn

Mede abriu os olhos. Os olhos das lágrimas da sua mãe era a única coisa que podia fazer com que se sentisse culpada, não importava que tentasse atuar como se não importasse o que sua mãe pensava. Toda mãe era delicada e doce. Sua voz era baixa e suave, como se sempre consolasse uma criança doente. As pequenas mãos nunca golpeavam com força, nem sequer quando fazia um pão. Quando chorava eram soluços suaves e leves ruídos de decepção que partiam o coração da sua filha.

Claro que Mede sabia que Lady Grace não iria gostar de seus novos irmãos. De fato, não tinha a intenção de contar a sua mãe e eles peravam todos que a conhecessem não fizessem piadas a respeito; mas, ao que parecia, nem todo mundo tinha bom senso para manter a tranquilidade das notícias.

—

Mãe.—

Disse Mede, afastando a mecha de cabelo negro que parecia com o seu. Ela tocou o ombro da sua mãe. Algumas pessoas diziam que quando estava parada era uma versão mais jovem de Grace, mas quando se movia e conversava ficavam muito diferentes. Mede era agressiva e obstinada, enquanto Grace era gentil e reservada.—

Trago honra a nome da família. A Ordem é uma das mais antigas do planeta.

Grace respirou fundo. Pegou um prato com biscoitos de açúcar e do seu começo a organizá-lo enquanto caminhava até a mesa da cozinha.

—

Se é tão honrada, por que suas relações são tão reservadas? Ouvi que cortam seus membros. Tínhamos clubes para cavalheiros em meu planeta natal. Há uma razão pela qual as mulheres não podem entrar.

Amarcanas costas de Mede já não doía, mas a ferida ainda machucava. Ela negava a confirmar isto para sua mãe. Com sorte, a mulher nunca veria a cicatriz. Apesar de seus anos de adaptação, Grace ainda mantinha um certo orgulho de sua juventude.

Grace nasceu em uma das luas de Florencia, um museu vivo de uma época vitoriana da antiga Terra. Eles não usavam tecnologia espacial, mas a Terra antiga tinha ferramentas mecânicas que eles consideravam modernas. Esta existência simples preparou Grace para ser uma noiva em um planeta cujos habitantes talvez não optassem por viver com simplicidade. No entanto, Quirix não ofereceu a ela o mesmo alto padrão dos costumes sociais e as regras que aprendeu em sua casa. Pelas histórias que Mede ouviu do passado de sua mãe, ela duvidava que os clubes de cavalheiros fossem tão ferozes como a Ordem.

—
Não acho que se possa comparar homens sentados e conversando sobre política e bebendo licor como os nossos. — Disse Mede. Ela desejou, no mesmo instante, poder pegar de volta as palavras que, inadvertidamente, deslizaram de sua boca.

— Chá. — Sua mãe destacou com um suspiro de cansaço. — A bebida se chama chá.

— Tem certeza? —
Mede franziu o cenho. Assim não era como se lembrava.

— Sim. Tenho certeza.

— Os príncipes pertencem à Ordem. —
Afirmou Mede, com a esperança de aliviar a expressão de sua mãe. — Disse que gostava de Rolant.

— Os príncipes? Ambos os príncipes? —
Isto a animou um pouco.

— Sim. — Mede assentiu. — O príncipe Llyrt também.

— Então conheceu o príncipe herdeiro? —
Perguntou Grace, sem se incomodar em esconder seu tom animado.

— Sim. —
Mede assentiu novamente. Pensou no homem que constantemente aparecia em seus pensamentos. Não havia nenhum arazão para estar ali, mas estava. O fato lhe incomodava mais que o desejo de

esua mãe vê-las da e grávida.—

Conheci o príncipe Llyr. Ele foi muito amável.

— E?— Sua mãe esqueceu as lágrimas.—
Foi ao palácio? Viu a corte dorei? Estávamos guardados do palácio ali
?

— Não. Conheci o príncipe herdeiro no acampamento.—
De imediato me descobriuseu erro.

— Acampamento? Dormi fora de casa?—
Sua mãe lhe olhou irritada. Ela voltou a respirar fundo. Sua mãe tre-
mia.

— Nada impróprio aconteceu. Foi nas terras do palácio.—
Me depensei no corte, na dança dos bêbados pelas tendas, o toque
de Llyr sobre seu braço, a pele Var. A pele Var? Como esqueceu que
eu beijei um gato? O beijo deveria estar mais em sua suspen-
sação do que em seu braço. Gracea observou detalhadamente.
Me sorriu. Que os deuses a perdoassem por mentir à sua mãe.
— Juro. Comportei-me como uma dama.

— O que ele falou para você? Foi convidada ao palácio?—
Perguntou sua mãe.

Amulher nunca se dá a vapor vencida? Me segurou um sus-
piro.

—
Não conversamos muito. Porque um príncipe herdeiro iria querer
conversar comigo? Parabizou-me pela minha honra.

— Nadamais?—Graceinsistiu.

— Nadadeimportância.—
Medependounamãoseubraço.Inclusiveagorapodiasentirof
ormigamento.Alembrança constante
destetoqueeraestranha,considerandoaevidenciadeseucristal.
Talvezosanodesuamãesonhandoacordadaapodreceramseuc
érebro.Elaestavaimaginandoumaconexãoonde não existianen
huma,porqueeleeraumpríncipe.

— EosoutroshomensdaOrdem?—Suamãeperguntou.

—
Todososhomenssãoamáveisemetrataramcomoumairmã.—
Medeesperavadarasuamãeumpoucodeconsolo.Elasemprefal
oudecomodesejavapoderdarirmãosàMedeecomosuaincapaci
dadeparatermaisfilhoseraumpesaremsuavida.

GracetocouocabeloescurodeMede,escorrendopelodors
odeseusdedos.

—
Vocêébonita,minhafilha.Emmeumundodeorigemvocêseriaco
nvidadaparafestasdasociedadeeparachásdatarde.Oshomens
pediriamaseupaipermissãooparalevá-
laempasseiosdecarruagem.

EraumafantasiaqueMedeouviucomfrequência.Quandos
uamãefalava,seusolhosficavamvidradosesuaamenteialonge.S
enãofossepor determinação,Gracenuncateriadeixadoseumun
dovitoriano.Porummomentoamáscaraserenadesuamãedesliz

oupararevelarsuaperdaeumatristezaintensaseapoderoudeMede.

—

Quer dizer que queriaterficado? Nunca falado que aconteceu da decisão que tomou. —

Mede colocou a mão sobre a de sua mãe que organizava os biscoitos desnecessariamente.

—

Não há nenhuma razão para reviver lembranças desagradáveis.

— Disse Grace. Mede podia ver que sua mãe revivia palavra por palavra. Quer a lhe perguntar o que aconteceu, mas sabia que não deveria se intrometer. Esta era uma história que sua mãe guardava para si mesma. Mede nem sequer tinha certeza de que seu pai sabia a verdade.

— Arrepende-se de ter vindo para cá?

Grace piscou e saiu de seus pensamentos privados. Ela no mesmo instante balançou a cabeça em negação.

— Nunca. Nem por um segundo me arrependi de vir para cá. Adoro se eu paimais quem minha própria alma. Evocê, você é minha linda filha. Lamento não poder mostrar meu mundo, as grandes coisas que viviam ali, mas nunca me arrependi de tê-la. Você e seu pai são minha vida. Sem vocês não sou nada.

—

Sinto muito, não posso ser a mãe que quer que eu seja. —

Disse Mede.

— Aforçadodragãoémaisforte.—
Suamãeassentiucomacabeçaemcompreensão.—
Gostariaquepudessesentirahumanaemvocêcomoofazcomodr
agão.Vocêdáaesteladomuitaatenção.Queromais...—
Gracesebalançousobreseuspés.

— Mãe?

— Nãoénada.Estoucansada.—
Gracesorriufraca.Suaspalavrassaíramsemfôlegoenquantoten
tavaatuarcomosenadahouvesseacontecido.—
Queromuitoparavocê.Queroquesintasuaalmahumana.Quero
quesintaoqueéeterocoraçãodeumamulher.Conheçaoamoresec
ase,istodeixariaminhavidacompletateeunãoterianadamaaispar
afazernesteuniverso.

Medeolhouorostopálidodesuamãe,preocupada.

—Queroquevejaummédico.

— Não.Nãoénada.—Elaafastouamãodesuafilha.—
Estouumpoucocansada.

— Mãe,deverdade.Pormim.—
Medeficounafrentedelacomseriedade.—
Senãoofizer,falareicompapai.

—
Nãooincomodecomtolices.Eletemmuitocomoquesepreocupar
comosrebanhos.—
Suamãeseafastoudela,brincandocomoarsenaldearmasantiga
sedecorativasqueseupaimantinhapenduradonaparede.Eraml

embrançasdefamília,facascomséculosdeuso.Amãodamulhers
emoveulentamente,narealidadesemfazeralgoútil.Manteveor
ostoàvista.

— Oquepossofazerparaquevejaummédico?Faleo
quê.—

Medeviuascostasdesuamãe,percebendoqueestavamagra,mu
itomagra.Nósdepreocupaçãooseagruparamemseuestomago.G
racesemprefoidelicada.ComaexpectativadevidadosDraig,am
ortenãoeeraalgonoualMedependavamuito.Elanuncaconsidero
uamortalidadedeseuspaisantes.Oquesuamãeestavaesconde
ndodela?Porqueestavaatuandoassim?Omedoseapoderoudela
.Nãoestavapreparadaparafazerfrenteàperda.Precisavadesua
mãe.Gracenãopodiaficardoente.—Qualquercoisa.

— Qualquercoisa?

—

Sim,apenasseconcordaremverummédico.Possoverquealgonã
oestábem.

—

Fechado.—

Suamãesevirou,sorrindoalegremente.Medecongelou.Estanã
oeraaexpressãotristequGracetinhaháalgunsmomentos.—
Espereaqui.Vaiamaroquetenhoparavocê.

Medeviusuamãeendireitarosombroseempurrouasmech
asdeseucabelotrançadoparaocoquenovamente.Medeolhou
suamãeemestadodechoque.Oqueacaboudeacontecer?Suadoce

einocentemãesimplesmenteamanipulouparaqueaceitasse...oque?

—

Fizparavocê.—

Gracelevantouumvestidoparaela,todaorgulhosa.—

VaiseramaisbelanoivadoFestival.

—

Nãovouafesta.—

Mededisseaturdida,olhandoovestido.—

Eoqueéestacoisa?Pareceumvestidonormal,masquefoiatacad
oeasrendasseperderam.

—

Nãosejatola,filha,claroquevai.Assimcomoireiverummédico.A
senhoritadragãodevemanternossoacordo.—

Gracecontinuosorrindo,ignorandooscomentáriosobreovest
ido.

—

Acaboudememanipular?—

Medenãopodiasemover.Elanãoviuparecer.Sim,sabiaquesua
mãequeriaquefosseafesta,masnuncaemummilhãodevidaspe
nsouqueGracepoderiafingirumadoençaparamanipulá-la.

—

Ohfilha.—Gracesorriusecretamente.—

Pediduranteanosparalheensinarsobrecomoserumadama.Voc
êdragõestolossempreachamquedevemresolvertudopelaforç
a.Seupaiéassim,apenasnãopercebequandoempurrosuaveme
nteemumadireçãoparaseuprópriobem.Senãohouvesseinterfe
rido,seunomeseriaThor.

— Ah.— Osomsaiuestranhodesuagarganta.—
Vocêplanejouisto.

—
Não,euavencicomsuaprópriateimosia.Estourealmentesurpre
saporterlevadoalgumtempoparaperceber.Deverdadeacredita
quefoisuaideiaterseuquartolimpoquandocriança?

—
Nãoqueriasercomidaporyorkinsqueseriamatraídospelocheiro
de...—Medefranziuocenho.—
Esperaummomento,yorkinsnuncaentramnestapartedamonta
nha.

Gracemoveuovestidonoar.

—Tenteusá-lo.

Medenãosemoveuparapegarovestido,olhava-
ocomosefossegolpearemordê-
laaqualquermomentocomoumgivrevenenosodospântanos.

—Então,vocêmanipulameupaicomfrequência?

— Isso é persuasão.—Gracecorrigiu.—
Quandoestivercasadavaientender.Oshomensgostamdesere
mhomens.Deixe-
os.Quepensemqueoquevocêquerquefaçamsejaideiadeles.Dei
xedetentartãoduroserumhomem,Medellyn.Atuacomoseosma
chosfossemosúnicoscomferramentasnaturais.Elesprecisamd
asmulheresparaajudá-
los.Nemsempreadmitem,especialmenteostiposalfa,masemm

uitos aspectos as mulheres podem ser muito mais poderosas do que seus braços brutos.

Mede ficou sem fala.

— Feche a boca, querida. — Disse Grace.

Mede o fez. As palavras incrédulas saíram murmuradas.

—

Fez o vestido para mim. Sabia que podia fazer com que fosse ao Festival.

—

Claro que tinha o vestido pronto. Uma dama sempre planeja com antecedência. Agora prove para mim. —

Grace colocou o vestido contra o peito de sua filha obrigando Mede a agarrar-se a ele. Abaixando o tom, acrescentou. — Pode ser que quando o usar para o Festival possa não se ajustar perfeitamente. Você não quer andar nua na festa, verdade? Ainda que isso pudesse medar netos mais rápido.

Mede ofegou quando ouviu sua mãe comentar tais coisas de brincadeira. Grace começou a cantarolar alegremente enquanto se movia para trás para arrumar seu prato de biscoitos, deixando sua filha atrás dela em silêncio.

—

Ir nua é uma opção? —

Mede franziu o cenho enquanto levantava o vestido do noivo para

ão ser estrangulada pelo tecido. A parte de cima parecia um corpo e ajustado até a cintura e mal podia respirar e tinha certeza que seu seio nunca foram empurrados tão alto e sem sua vida. Sua mãe apertou-

o, puxando os laços a longas costas como se Meda pudesse escapar da coisa horrenda e fugir. Por sorte o vestido escondia a cicatriz para que sua mãe não pudesse vê-

la, ainda que o apertasse. —

Diga a verdade. Isto é realmente uma espécie de dispositivo usado em prisioneiros.

Assim se agitou a ordem de suas pernas enquanto se movia, o tecido era de seda e rendado. Tanto a renda. Seria impossível correr e tropeçar.

— Eu usava um destes quando me casei com seu pai. — Disse Grace. — Traz boas sortes para o passado da moda.

— Acho que será uma sorte respirar. Quer tal se fizermos isto? — Meda ofegou.

— Irá se acostumar a ele. — Disse sua mãe, despreocupada. — Impedirá que saia correndo.

Sua mãe a conhecia tão bem.

— E isto. — Disse Grace mostrando um tecido branco. — É seu véu.

Grace deslizou um pulso de seda sobre o pulso de Meda. Um longo pedaço de tecido fino. Ela primeiro passou a tirá-lo das costas

tasdeMedeantesdeconectarumsegundobracheleteaootropuls
o.

—Lindo.

Medetentoupuxarasmãosparaafrente,apenasparadesco
brirqueovéunopulsolimitavaseusmovimentosdeformasignific
ativa.Puxouumamãoparaafrente,oqueobrigouaoutraairparatr
ásdascostas.

— Tire-medisto.—DisseMede,tentandosemover.

— Háalguémlá fora?—Perguntousuamãe.

— Oquê?—Medesevirou,surpresaaoversuamãesair.—
Não,volte.Solte-me!

Osomdevozesabafadaschamousuaatenção.Medealcang
ouatrásdascostas,respirandocomdificuldade,enquantotentav
aencontrarumaformadeafrouxarocorpeteparaescapardovesti
dodenoiva.Oesforçoadeixouenjoadaecambaleou.

— PríncipeLlyr,bem-vindo,entreesente-se.—
AvozdeGraceaalcançoudesdeasala.—
Sintomuito,masmeumaridoestácomorebanho.Umdosceffyles
táesperandoumfilhote.

Medeficourígida.Oqueopríncipefaziaali?Seubraçoimedi
atamenteestremeceu,masnãotinhacertezaseerapelaalembra
çadeseutatoouafaltadefluxodesangueemseucorpo.Elapuxoup
elacinturaeostomago,tentandoafrouxarotecido.Seuspulmõe

scomeçaram a arder. Ela ficou com as pernas fracas quando tropeçou para a porta.

— Não posso... respirar. — Sussurrou. — Não posso...

Capítulo Cinco



Llyrtentounãoolharaoredorcommuitoentusiasmonapequena casadamontanha, Enquantoquesuacasaerarodeadadepe dratalhada, estacasaeraconstruídamadeira. Atexturadaparedeeraaindaevidentenastabuassuavizadas. Eralimpaedecoradaimpecavelmente. Aindaqueacasainteiraseencaixassefacilmenteemumaaladopalácio, estelugareramuitomaisacolhedor.

Potesdiminutoscheiosdefloressecasestavamespalhadosuniformementeaolongodemesaspequenas, juntoaumsofá. Fechouosolhosuminstante, esperandodetectaradeterioração. Emtroca, sentiuocheirodeumperfumeembriagantedeumamisturade pétalassecas. Umapequenalareiracomlenhaempilhada prontaparaseracesa, apesardosdiasquentes. Tecidofloralcobriaajanela. Coincidiacomopadrãodosofá. Pelostonssuaves, supunhaqueasenhoradacasafezadecoração. Axellrealmentenãopareciaotipocaseiro. SemprequeLlyrencontravaopaideMede, sentiaocheirodesuasatividadesaoarlivre, umacombinaçãoñodesagradáveldeceffylearfrescodamontanha.

DesdequeconheceuMedeoficialmentenoacampamento, quisdescobriroquepodiasobresua família, comaesperança deiniciarumaconversaquandoaencontrassenovamente. Conheciaseupai. Eraoprincipalcriadordeceffylno planeta, Axelleramuitorespeitadoequerido. Seusmodosrudes nãoofaziammenos Draig. Suamãe, no entanto, tinhaareputaçãodefazermuitacaridade. Amaioriadashistóriaserasobrecomolevavacomidaparaosdoent

ese ajudava as novas mães alimparem suas casas para poderem descansar. Na verdade, ele pensava que suas boas ações eram para aparecer, até hoje aolhandocaraacara. Havia virtude nela, o tipo de educação que refletia através dos olhos do espírito. Não podia ser falsificada. Quando olhou para Lady Grace, se encontrou literalmente querendo ser uma pessoa melhor.

ElogohaviaafilhadeGrace. Medeeraumamisturaestranhadesuabonitamãeeseupai,umferozdragão. Inclusive agora os nervos de seus dedos se lembravam de como se sentiram contra a pele do braço dela. Fechou o punho firmemente, tentando abrandar a sensação para poder se concentrar.

Lady Grace sorriu educadamente para ele, esperando que ele se alasse. Tinha a impressão de que esperaria o tempo que precisasse, sem se irritar e olhando com a boca aberta sua casa depois de aparecer ali sem ser convidado.

Llyrcaminhou até a parede de armas.

— São muito impressionantes.

— É da família de meu marido... — Começou Grace.

— Não posso respirar.

Llyr se voltou surpreso justo ao tempo para segurar Mede enquanto ela se sobreele. Seu corpo inerte a oredor de seus braços. Sem pensar, levantou-a contra ele. Sua cabeça rodou para descansar em seu ombro. A respiração superficial golpeou o lado de seu pescoço, tão leve que ouviu

umaisdoquesentiu.Ochoquerepentinoquasedebilitouseusjoel
hoseeeficoutensoparasuas pernas não cederam.

— Oh.—
Graceficousemfôlego.ElafezumgestoparaqueLlyr colocasseMe
denosofá.

Obedeceuemsilêncioadama.Inclusiveenquantosesenta
va,elenãoqueriasoltarsuapresa.

— Tomos,umaunidademédica,rápido.—
Llyrchamouohomemesperandodo lado de fora,
sabendoqueele oouviria.

— Mantenha sua posição vertical.— Grace disse.

LlyrlevantouMedeeaapertoumais,puxando-
acontraopeito.Nãotinhacertezadequepoderiadeixá-
lair.Seusdedosprendiamsuapele.Ocheirodeseucabeloatingi
ueelerespirouprofundamente,tentandonãoterumareaçãoinad-
equadaasuaproximidade.Sonhoucomoencontrocomela,masn-
uncaimaginouquechegariaestemomentoassimtãorápido.

GracesacudiuascostasdeMede,afrouxandooscordõesdo
vestido.Quandoomaterialcedeu,Medeofegouquaseno
mesmoinstanteparatomarfôlego.Levantouacabeça.

— Sempreouseiapertado.— Disse Grace.—
Iráseacostumaraele.

Medepiscouváriasvezes.

—Ow.—

Seu braço direito estava preso de jeito do lado. Inclinou-se para a esquerda. Ele não deixou iren quanto se endireitava. — O que...

O olhar prateado de Mede encontrou o dele. Ao princípio, ele pensou que seus olhos estavam completamente monocromáticos, mas de perto podia ver os pontos violetas neles. Durante um longo momento, maravilhoso, ele não lutou. Em troca, ela se limitou a olhá-lo, como se estivesse se assegurando de algo.

—

Tenho a unidade médica. —

Disse Tomos, passando correndo pela porta. Seus olhos castanho escuro estavam escondidos pelo cabelo mais escuro, que caía por seu rosto. Estava claro que o homem correu para conseguir a unidade medida para Llyr. Tomos tinha um bom coração e com frequência acompanhava o príncipe quando chegava às montanhas, principalmente porque era filho de um dos mineiros nascido na Vila de Mineração. Voltava sempre para poder visitar seus pais.

Mede ficou tensa ante o some e empurrou os braços sobre o peito de Llyr. Ela olhou o cristal em seu pescoço. A suavidade a abandonou quando ela o obrigou a soltá-la. Bom, na realidade, poderia provavelmente manter contra ele com a força bruta, mas não achava que causaria uma boa impressão em Mede ou sua mãe.

— O que aconteceu? — O olhar de Mede foi para sua mãe.

Tomos lentamente se aproximou do sofá.

—Irá precisardisto?

— Sim.—DisseLlyr.

— Não.—RespondeuMedeaomesmotempo.

— Sim.—

DisseLlyrnovamente,apalavrasaindocomforçaparaTomossaberqueeraumaordem.Raramenteusavasuaposiçãoparafazer valer a sua vontade,masesteeraumcasoespecial.OsolhosdeMedeodesafiaram.GraceindicouqueTomosdeveriaprosseguir.

Tomosolhouaunidadeporummomento.Eleeraummineiroqueaindatinhaqueencontrarumaesposaenãouestavaacostumadoaexaminarmulheresmedicamente.OfatodeMedetalvezserumadasprimeirasmulheressemmaridoagravavaasituação.Olhouseucristal,parecendorelaxarquandonãobrilhou.

— Tomos.—

Llyrinsistiu,tentandodarpermissãoaohomemcomosomdesua vozeoestimuloqueclaramenteprecisavaparacontinuar.

Confuso,Tomoscomeçouacaminharadiantecomauidad emédicaapenasparapuxarsuamão.

— Talvezedeua?—Graceofereceu.

Tomospraticamenteempurrouaunidadeparaadamaesai uparadar-lhesprivacidade.Llyrriu.AqueestavapredestinadaparaTomosdeveriatercaráterforte.Duvidavaqueohomemdesseoprimeiro

asso, ainda que os próprios deuses descessem e lhes dissesse para secasar.

—

Estou bem. —

Mede insistiu. Se tu me raia ainda rouco, mas solhou para o outro lado do sofá. Perguntou-
sesesua voz agradável e era um benefício para sua mãe.

Agora que havia distância entre eles, Llyr foi capaz de olhá-lo e vê-lo. Aparte de cima do vestido de noiva a era justo até a cintura e os quadris, de uma maneira que a camisa única bem larga que usava não te desuainicição na Ordem, não era. Também fazia su-
bir se usasse como uma oferta tentadora. Llyr não tinha certeza de que queria fazer mais, agarrá-
los ou escondê-los dos demais.

Espera, não, isto era uma mentira. Definitivamente queria se apoderar deles mais que escondê-los. Pareciam suaves.

Grace correu até a unidade médica e colocou no peito o cabeçote de sua filha. O movimento rompeu seu olhar obsessivo. Llyr percebeu que estava olhando os seios de Mede como um tolo. Tentou afastar o olhar das mulheres, mas não funcionou. Assim, olhou para o rosto de Mede.

—

Aqui diz que seu coração está um pouco acelerado. —

Grace olhou para Mede e depois ao príncipe. —

Seu temperatura mais alta que o normal.

Mede arrebatou o dispositivo de sua mãe.

—
Claro que está. Tentou me estrangular com um vestido novo. A
choque é um sinal dos deuses para não ir ao Festival.

Llyr ficou tenso e teve que evitar interromper.

— Boate tentativa. Vamos. Deus a palavra. —
Logo com um sorriso, Grace pegou a unidade de sua filha e começou
uma exploração em si mesma. Quando terminou, virou a tela para
a Medever. — Tudo limpo.

—
Se tiver que ir ao Festival, então você tem que ir com um médico. Este
rato, não simplesmente usar uma unidade médica. Acho que
o médico mais perto, vivem nas montanhas perto do palácio, mãe.

Grace na verdade empalideceu.

— Deve devolvê-la para Tomos.

—
Sua mãe precisa de atenção médica? Enviarei Tomos com ela ao pa-
lácio. — Disse Llyr, ficando de pé.

Mede agarrou seu pulso.

—
Não se atreva. Se quiser que eu sofra a tentarei encontrar um comp-
anheiro de vida, pode sofrer andando em um ceffyl. Ela odeia estas
coisas.

— Masseu pai...

— Cria-
os? Et o mundo diz que os deuses são bons formadores de casais. No entanto, colocaram juntos um criador de cães e uma mulher danosa que fica nervosa ao redor de grandes animais. É por isso que não há rebanhos perto da casa na maior parte do tempo. Sem perguntas, os deuses estavam bêbados quando os colocaram juntos.

Mede os soltou. Desejou não precisar fazê-lo. Seu toco enviou ondas de choque sobre ele. Como não podia sentir também? Como podia não afetar tão ferozmente quanto a ele? Mesmo agora parecia como se quisesse golpeá-lo, quando o único que queria era beijá-la.

* * *

Mede não queria nada além de deixar de olhar nos olhos de Llyr. Os olhos dos deuses, estes olhos eram perigosos. Quando ela olhava afazias e sentia fracap dentro. Odiava sentir fracasso. Quando ela abraçou... oh, quando ela abraçou. Ela respirou fundo, ainda sentindo cada polegada de seu corpo como nunca sentiu.

Cada nervo estremeceu violentamente. Seu coração acelerou. E, sim, sua temperatura estava muito alta. Ela quase agradeceu sarcasticamente a sua mãe por apontar este fato vergonhoso. Como se o desmaio não fosse ruído suficiente.

Uma vez mais olhou o colar de Llyr. Nada. Sem brilho. O destino não estava de pé na frente dela. Apenas um homem, um homem dragão grande e perfeitamente sexy.

Medeselevantouefoi para o quarto a fim
de podertirar o ridículo vestido. Tentou pensar em algo inteligente
para dizer, mas nada veio à mente, assim ficou quieta e tentou não
parecer como se estivesse fugindo da presença do príncipe.

Uma vez sozinha, ela lutou para sair do vestido. Depois de fin-
almente conseguir movê-lo pelos quadris e pernas, lançou-
o contra a parede. Fez um som abafado antes de cair no chão. Quas-
e desafiante, ela respirou fundo várias vezes. Como supunha que
uma
mulher pudesse correr ou lutar com este instrumento horrível de tor-
tura? Meda mal podia caminhar pela casa.

Foi até seubaú, encontrou-
se pegando um bonito vestido, em lugar da calça e camisa que usava
anormalmente. Sua mãe ficaria feliz. Apesar de escolher o vestido
, agarrou uma camisa no lugar, sabendo que estava sendo infantil.
Ela vestiu uma calça e botas antes de voltar para a sala.

Grace sorriu.

— O Príncipe Llyr veio falar com seu pai.

Mede assentiu e evitou olhar o príncipe diretamente.

— Ele não está aqui. Procure nos vales a norte.

— Sua mãe me disse. — Respondeu Llyr.

Sua voz tinha que ser toda suave e baixa? Ela começou a tre-
mer.

— Bom, então você pode ir. —
Mentiu. Se nunca o vissem novamente, nunca se sentisse toda a trêm-
ula e fraca com seu toque, seria bom.

— Mede. —
Disse Grace com firmeza. Um sorriso se mantinha em seu rosto agra-
dável apesar da advertência em seu tom. Sem dúvida, Grace que-
ria que Mede o convidasse para jantar, que se converteria em um d-
esfile insuportável de pratos deliciosos, mas de forma lenta. —
Como tenho que me preparar para ir até o palácio ou ver um médico, v-
ocê terá que escoltar o Príncipe Llyr até onde está seu pai no campo
ocidental.

Os olhos de Mede se abriram.

— Mas...

—
Você deve ser capaz de seguir a pista com muita facilidade. —
Disse Grace.

— Mas... —
A mente de Mede procurava por uma saída. Ela se aproximou de su-
a mãe e abaixou a voz, ainda que soubesse que Llyr poderia ouvi-
la. Estava de pé a poucos metros de distância.

—
Decoro. Sempre diz que as mulheres nunca devem andar com um
homem sem escolta.

Grace começou a rir como se Mede estivesse contando uma
piada engraçada.

—
Em meu mundo antigo e vitoriano, com machos humanos. Desde quando se preocupa com a decência?

Me desabiu que contar a sua mãe sobre o acampamento foi um erro.

— O que a preocupa? — sussurrou Grace. — É um Draig e seu cristal não brilha. Leve o príncipe para ver seu pai.

Me deu o príncipe, em silêncio implorando para que a deixasse livre.

— Sua presença será uma adição bem-vinda a nosso grupo de viajantes. — Llyr disse.

A maldição o-o.

—
Vamos esperar que você possa reunir os pertences necessários para a viagem. — Agregou.

—
Porquê? O que você precisa? Os campos ocidentais não estão longe. — Desafiou. —
Podemos ir voltar esta noite se corrermos sem parar.

—
Estamos preocupados com alguns ceffyl. Pensamos que era melhor levá-los até seu pai, em lugar de convocá-lo ao palácio e afastá-lo de sua manada. Estão viajando lentamente. —
Llyr não mordeu sua isca.

— Meupainãovaificarfelizcomisto.—
Murmurouarrumandoumamochila.Medeesperavaquenãofoss
emaisqueumanoite,aindaqueaideiadepassarumanoitecomLly
rnoacampamentoadeixassecomreceio.

Capítulo Seis



Palácio Var, quarto de Attor

— O que quer dizer com não sabe onde ela está? —
Attore exigiu, olhando o guarda. —
É tão difícil encontrar uma fêmea dragão?

Andou por seu quarto com frustração. Era como se Medehouvesse desaparecido. Onde eles a mantinham? Enviou seus melhores exploradores ao território Draig para encontrá-la. Deveria tê-la diante dele neste momento.

— Estivemos observando o céu, mas não avimos. —
Disse o guarda Novem se defendendo.

— O céu? —
Attor tentou respirar fundo para acalmar sua indignação. Se não estivesse tão decepcionado, teria rido do homem. Em troca, ele arrastou o objeto mais perto e lançou-o na cabeça do guarda. —
Ele não pode voar, seu idiota! São histórias para crianças.

O guarda se esquivou do objeto e parecia querer escapar.

— Por que me olha? — Gritou Attor. — Volte. Encontre-a. Procure nas montanhas desta vez.

Novem rapidamente assentiu e saiu do quarto. Attor agarrou o objeto de decoração e jogou. A antiga peça se rompeu, mas não fez com que
sesentisse melhor. Alembraçadobeijo o perseguiu. Queria Lady

Mede. Ele queri a dominá-la, fazê-la sua rainha. Vê-la, tocá-la, abri-seus olhos. Ela o entendia. Poderia amá-lo. Viu a simpatia em seus olhos quando falou do príncipe. Por que não lhe contou que era o príncipe?

Por que não terminou sua sedução no bosque aquela noite?

Atto rolhou para a longitudinal de seu corpo, para sua ereção. Sentia-se fora de controle. Onde estava Myrddine seu Nef? Precisava controlar seus desejos. Quase com irritação virou-se para os passos entrando em seu quarto. Uma serva levava um baldede água quente e alguns produtos de limpeza. Ela congelou quando ouviu.

— Eu... eu vim limpar o quarto. O... o guardadi disse que... — Ela fez um gesto para o objeto quebrado.

—

Deixe-o. —

Atto ordenou. Logo o lho seu quadril ordenou. —

Tire este vestido e fique na cama. —

Seu cabelo loiro e figura arredondada não era o que queria, ainda que fosse agradável à vista.

— Eu sou casada. — Sussurrou ela em estado de choque.

— Então me traga alguém que não seja! — Gritou Atto.

A mulher saiu correndo do quarto, deixando o balde para trás. Atto agarrou outro objeto, uma estátua de gato e a jogou. O metal ecoou, batendo no chão, mas não se rompeu.

Asparedesdopalácioosufocavam.Odiavasua vida,odiava
seupaifracoesuamãemorta.Estaraivaoalimentava.Desdequed
ecidiutomarMedecomoesposa,avidasemelaficouinsuportável.
Fazer sexotraziaalivio,massempreeratemporário.

Ondeestavaaserva?Comoseatreviaaousarocasamentoco
modesculpaparanão
obedecer?Porqueestavademorandotantotempo?Teriaquetê-
laobrigadoaficardejoelhosparaele,casadaounão.Elaeraumae
mpregada.Eraseutrabalhosatisfazertodassuasnecessidades.

Attorjogououtraestatua,apontandoemdireçãoaometalq
ueestavanochão.Oruídoaindanãoliviousuaira.

— Apenastragamminhanoiva.—
Sussurrouentreosdentesapertados.—Querominhanoiva.

* * *

—
Porqueé tãocontráriaaocasamento?Seuspaisparecemseadapt
arbemumaooutro.—

LlyrobservavaMedecuidadosamenteenquantocaminhavajunt
oaosceffyl doentes.

— Esteceffylcomeuflorsolar.—
RespondeuMede.Ograndeanimalcaminhavalentamentecom
euchifreapontandoafrenteecomcabeçabaixa.Acriaturaficoupe
rtodeMedecomoselebrassedeladoestábulo.Omaisprovávele
raquesim.Acriaturaabriuabocaedeslizousualargalínguacontra
obraçodeMede.Aaçãofoilenta eosolhosdoréptilestavamsembri

lho.—

Eentão lhederamcomidanormal.Istoéoquehádeerradocomela.
Elesnãopodemcomerflorsolarecomidanormaljuntas.Étóxicop
araeles.

—

Istonãorespondeaminhapergunta;porquenãogostadaideiado
casamento?

—

Vocêrealmentedevecuidarmaisdosanimaissobsuaresponsabil
idade.

Medecontinuoucaminhando,semolhá-
lo.Abrisa frescadamontanhaeraumestranhocontrastecomocal
ordomeio-
dia.Aoveroorbeazuldosolselembroudecomoonascimento deM
edeerararo.Astemperaturasdo planetaeramsempremornas,ai
ndaquepudessefazerfrionasmontanhas.Aradiaçãoazulalterav
ageneticamenteoshomens,assimamaioriadeseusfilhoseram
machos.

— Nãovairesponderminhapergunta?

—

Quãodifíciléseassegurarquenãotenhaflorsolarpertodasterras
ondepastam?—Perguntou.

Llyrriu.

— Certo.Nãoquerresponder.

Mede olhou por cima do ombro para onde Tomos seguia atrás
sdeles. Estavam muito longe para ouvir facilmente.

—

Todoma chodurante meu crescimento tentou me reclamar como
noiva. Minha mãe quer que tenham filhos. Meu pai quer qualquer
coisa
que satisfaça minha mãe. Quero ser tratada como igual e não uma
égua de reprodução.

— Apenas mil? — Llyr arrastou as palavras com ironia.

Mede se virou com a sombra para ele e logo começou a rir.

— Sim, apenas mil.

—

Assim que sua mãe quer ser avó e os meninos queriam se casar com
você desde
criança, assim não quer se casar apenas para contrariar?

Mede fez uma careta.

— Não fale assim. Faz-me soar ridícula.

— Bem...

Ela arqueou uma sobrancelha.

—

Não vou pedir desculpas por ser eu mesma pelo que quero, não au
m plebeu, não um Var, não um príncipe Draigen não a oreia do mal d
ito Universo. Assim pode sorrir e estar bonito e pensar o que q

uisei, mas insultei minha escolha de novo e estes serão
abatalha que irão perder para uma mulher.

Llyr tentou olhar como se tivesse sido castigado.

— E está me colocando mais ca, verdade? —
Perguntou comexasperação.

Llyr não pode manter a inocência e começou a rir.

— Acha que meu sorriso é bonito?

— Acho que você, príncipe, está zombando de mim. —
Mede levantou a mão para acariciar o cefylen quanto caminha-
va. Seus dedos longos e delicados passaram pelo centro da cara do
animal. — Não tenho certeza do porquê.

— Talvez porque eu gosto. —
Llyr admitiu. Era apenas uma fração da verdade. Quando ele a olhou,
sentiu como se houvesse encontrado a si mesmo. Quando ela lhe
toquei, sua pele ardeu e uma onda de choque o sacudiu até a medul-
la. Pensava nela mais do que pensava em si mesmo. Queria desesperada-
mente conquistá-la, não pelo cristal em seu bolso que dizia estarem predestinados,
mas porque ela a escolhesse. Como Draig, passavam toda a vida dizendo que os deuses sabiam o que eram e
o quanto a assuntar do coração e os recompensariam se vivesse
em uma vida honrada e cumprisse seu dever. Esta prática contra-
dizia as dragões independentes como Mede que não apreciavam que
lhe dissesse o que deveria fazer.

—
Eu fiquei muito emocionada quando ouvi que se eu paientrou em conta como a Corporação Noivas da Galáxia e pediu um envio constante de noivas que concordaram em se casar com estrangeiros. É genial pensarem com o comércio de noivas sem trocar de pedras.—

Ela suspirou dramaticamente.—

Tinha a esperança de que fosse distrair os homens com sangue novo, mas rapidamente descobri que ainda não impedi os homens de me procurarem.

Mede era uma mulher estranha e complicada. Ele podia dizer dentro de cinco minutos depois de conhecê-la. Desafiou os deuses e a tradição, esmagando seu próprio cristal e não aparecia lamentar.

Não, uma mulher como Mede não queria que um cristal lhe dissesse o que deveria fazer. Havia a necessidade de descobrir seu futuro por si mesma. O fato do cristal brilhar, não significava que a noiva tinha que dizer sim.

Llyr precisava que ela dissesse sim.

— Por que me olha assim? — Perguntou.

— Há sujeira em seu nariz. — Respondeu.

Mede limpou o rosto. Llyrriu.

Ao perceber que outra vez brincava, fez um leve ruído infantil de descontentamento e fixou sua atenção no caminho à frente de les mais uma vez.

* * *

Montanhas Draiga norte, camposocidentais

Medebateudistraidamentenoanimaldoenteenquantoca minhava,tentandodaraoceffylumpoucodeconsolo.Seupailhee nsinoumuitosobreosrebanhos,especialmentedepoisquedesco briuqueelafezcomseucristal.Apesardenarealidadenuncadize rnadadiretamenteaela,tinhaasensação dequeeelequeriaqueela tivesseumahabilidadeemcasodenuncasecasar.Ocuidadodore banhoeraumtrabalhohonrado,quegarantiriaseufuturoeolega do,aomenospormaisumageraçãodeAxell.

Oscamposocidentaiseramfáceisdeencontrar.Consistia memumaseriedevalesconectadosentrepicípios.Asparedes rochosasproporcionavamsegurançasombraparaosrebanhos .Encontrarseupaialgun recantodestesvalesrevelou- sedifícil.Emtroca,seobservasseosceffylpoderiaencontrá- lo,poissabiamquandooutrosetstavamperto.

Llyreraumacompanhiaagradável.Nãopodiaculpá- loporseuencantoesimpatia,masaindaficavatensaaseulado.Vo ltaràconsciênciaemseusbraçosdepoisdeserestranguladapelov estidodenoivafoiumaexperiênciasurreal.Estesolhosverdesap erfuravam,atéqueaconfusãoeodesejobloquearamseusmúscul osedeixavamaresistênciaimpossível.Aindaqueomomentofoss ebrevedopontodevistareal,sentia- secomosetivesseduradoumaeternidadeemsuamente.

Umapartedela,diziapara correr.

Uma parteda, dizia para beijá-lo.

Uma parteda dizia a orestantedela, para ficarem silêncio e controlar suas emoções.

Medenão podia explicar o fio que se filtrava fora dela para ele . Encontrou-
se olhando seu pescoço, sua pedra em estado latente. Tudo em sua cultura dizia que não estavam destinados a ficarem juntos. Desse pescoço, olhar foi para o peito. A única moldava seus músculos . Lembrou-
se do contato com seu estômago quando ela o abraçou no sofá. Havia muito homem em boa forma em seu planeta, mas por algum razão ela estava olhando Llyr com uma renovada visão. Seus passos vacilaram e ficou alguns passos atrás dele. Abrisasoprava sua camisa contra as costas, enterrando-se nos músculos ali.

Seu ventre formigou. Medenão queria se casar. Ela se aferrou a este fato. Com tudo dentro dela se agitava, tinha que pensar algo lógico.

— Minhadama?— Llyr perguntou.

Medepercebeu que parou de caminhar. Em vez de admitir que estava olhando seu traseiro, apontou à distância.

—

Meu pai gostava de acampar perto da aquela caverna. Se ele não estivesse ali, podemos seguir a partir daí.

Llyr levantou a mão e indicou novamente a Tomos antes de mudar de direção.

Mede fechou os olhos e respirou fundo. O ar da montanha era doce nos vales. Uma mistura de ervas e flores azuis minúsculas como cheiro ácido das rochas porosas negras que cobriam o chão, como pedras esquecidas do passado.

—

Não acho que já estiven nesta parte do nosso território antes. — Disse Llyr.

—

Muita gente não vem aqui. — Respondeu Mede. — Não há nada aqui, mas a terra será um bom pasto para os ceffyl. O território é protegido. Nada de caça. Não há razão para vir aqui.

Llyr agachou e pegou uma pedra negra. Ele segurou-a na mão.

— Nunca vi pedras afaníticas como estas também.

— Afaníticas? — Ela franziu o cenho.

—

Vê os grãos finos? Isto ocorre quando as rochas esfriam rapidamente nas altas temperaturas. — Passou o dedo pelo centro da rocha.

Observou o tato, cativado pela ponta do dedo.

— Gostou das rochas?

—

Gostou dele. —

Admitiu. Llyr deixou cair a mão, mas manteve a rocha, como se f

osseficar com ela. —

Você disse antes que comérciamos rochas e metacanos. Na verdade comérciamos minerais, não simplesmente pedras. O minério é uma grande parte de nossa economia planetária, pelo qual é o tema. Depois sobre estas rochas e minerais. Então sobre a transformação do minério em combustível. Depois sobre os motores que usam este combustível.

Mede levantou a mão para a rocha. Ele a olhou inquisitivamente antes de entregá-la.

— Deveria ter lido sobre nossas leis. —
Deixou cair a rocha no chão. —
Esta terra está protegida, o que significa que pegar pedras está proibido.

— Apenas se eu for pego. —
Llyr deu um passo audaz para perto. Seu olho hardesceu para os lábios. — Não iria me denunciar, verdade?

— Qual seria o ponto? —
Ela arqueou uma sobrancelha. Era difícil atuar indiferente quando ele estava perto. Imaginou que podia sentir o calor de seu corpo. Seus olhos foram a seu peito, ao cristal rachado. Sem saber porque, ela tocou levemente a pedra fria. Havia apenas alguns centímetros entre eles quando tocou o cristal com seus dedos. —
Tenho a sensação de que não seria preso pelo delito.

—
Está dizendo que poderia usar minha posição para quebrar a lei?—
Estende sua mão para cobrir a dela. Seus nervos saltaram a vida.

—
É possível que não queiram fazer isto com seu pai vendo.—
Disse Tomos casualmente enquanto passavam por eles.—
Parece irritado. Muito irritado.

Mede soltou a mão rapidamente. Ele deu uma volta para ver seu pai, de pé perto da entrada da pequena caverna.

Os braços de Axelle estavam cruzados sobre o grosso peito. P odiava ver porque pensavam que seu pai era intimidante. Raramente sorria e tinha um gênio seco que deixava os outros ponderando sobre a verdadeira significação. Mede sorriu e correu adiante. Sobre tudo, afastou-se de Llyr. Precisava colocar distância entre eles.

—
Alguns dos ceffyls do palácio parecem ter comido flores solar.—
Disse Mede. Fez uma pausa para beijar-se o rosto.—
O príncipe Llyr trouxe para que você o lhe. Precisava de um guia para encontrá-lo e a mãe me enviou.

—
E comeram depois?—
Perguntou Axell. Ele colocou sua mão com carinho no ombro de sua filha e assentiu em saudação.

—
Acho que sim.—
Respondeu Mede. Flores solares matavam as criaturas de fome quando combinada com outros alimentos no processo digestivo, dei

xava-

asdoentescomastoxinasliberadas.Overdadeiroproblemaeraqueumceffylpodiaencontrarumafloresolaremumgrandeterreno,comoumagricultorcomseuicornopântano.—

Mostramsintomasclássicos.

— Voucomprová-los.—Seupaisuspirouforte.—
Verifiqueorecém-nascidoparamim.

— Vivo?—Perguntou.

— Sim,estamanhãmaiscedo.Estáumpoucodeoente.—
Seupaiindicouquedeberiaentrarnacaverna.—
Ésortequetenhavindo.Quandomenostempoesperarparaseuni
raosdemais,maischancedesobreviverterá.

Entrounacavernaeeencontrouobebêceffylnosacodedormir
deseupai.Acavernaerapequena,comochãodepedras.Inclusi
vecomumapequenafoqueira,aluzeratênue,maspodiaverfacil
mente.Oceffylbebêgostavadetemperaturasmaisfriaesambien
tesmaisescuras.

Acarinhadacriaturaassomouforadapequenaaberturado
sacodedormir.Sualongalínguaestavaparaforaeestremeciaco
mcadarespiração.Medesentou-
senochãodeterraemoveuopacotesólidoparaseucolo.Coçousu
avementea protuberâncianacabeçadoanimal,ondeumchifreiri
acrescermaistarde.Fezumruídofelizeesticouaspatasrechonch
udascontraolençol.

— É uma pequena fera.— Sussurrou em voz baixa.—
Abra os olhos.

A criatura obedeceu lentamente sua gentil insistência. Olh
os marrons encontraram os dela.

— Boa pequena fera.

* * *

Llyrouviu acarinhos a voz de Mede enquanto falava como ce
ffyl. Emoção crua fez um caminho instável por cima de seu corpo. E
ra impossível mover. A ternura de luz a um intenso anseio. Sua
mão se moveu de forma automática por baixo da única para chega
ra ao bolso. O cristal estava quente e sabia que brilhava. O zumbid
o de energia que vinha dele irradiava para sua mão. Sua palma ardi
a, o poder queimava sua pele.

—
Teria sido o melhor não olhar com a comida até que digerisse as flores
solares, pelo menos três dias.

Llyr deu um leve sacudido de surpresa e soltou a pedra no b
olso quando se virou para enfrentar o pai de Mede. Ele sempre resp
eitou Axell e não importava sua natureza rude.

— Não devem comer as flores.

Axell olhou para a caverna onde estava sua filha e logo devol
ta ao príncipe.

— Oh, as flores solares.— Lly rapidamente moveu-
se, obrigando seu cérebro a funcionar.—

Nãotinhacertezasecomeramalguma.Tenhodoisrapazesconsta-
ntementeprocurando-
as,mascrescemcomoervadaninhapelopalácio.

— Diga-
me,comoningué mreconheceuqueestavamdoentesporcausad
asflores?Comovocêmesmodisse,crescemcomoervadaninhan
opalácio.—Axelloobservou.

Llyrnãopodiaencontraroolharperceptivodohomem.

— Porqueveioaquideverdade?—PerguntouAxell.—
OuvirumoresdequeosVarestãoseaproximandodasfronteiras.
Supunhaquenossosjovensnafronteirattenhamdadoupoucod
etrabalho.

Llyrolhoudenovoparaacaverna,ouvindoMede.Pensouna
noitequeelafoiintroduziaaOrdem.

— Émaisdoqueisto?—Ohomemfranziuocenho.—
Seveioparapedirmaisfilhotesdeceffyl,nãopossoaceleraroproc
esso.Nãohámaisfilhotesemmeurebanho.

DentrodacavernaMedefalavasuaumentecomooanimalc
omosefosseseupróprio filho.

— OqueestáfazendoMedeali?—PerguntouLlyr.

Axellriu.

—
Ah,entãonãoveioaquipormim.Aomenosdigaquenãoalimentou
osanimaisdepropósito.

Llyrriu, sabendo que o homem estava brincando com ele. A xella sabia que nunca machucaria um animal. Olhou tímido para o cão.

— Ela está ajudando na união com os demais animais. — Disse Axell. —

São mais sociáveis com as pessoas quando são recém-nascidos, mas precisam de um lugar tranquilo. —

O homem observou. —

Me dê uma fraqueza pelos animais. Você deve entrar e oferecer a ração. Pode deixar os animais doentes comigo. Irei me assegurar que purguem as flores.

Llyr sorriu, agradecendo o conselho.

—

E tu me ajudarás como se fyllantes de irmos para a Vila de Minério. Esta é nossa próxima parada. E letemos a família ali. Lady Graceta me impediu que trouxéssemos comida.

—

Minha esposa, sem dúvida, enviou o suficiente para alimentar todo o exército Draig. Você deve se unir a mim para uma refeição antes de ir.

Llyr assentiu.

— Com prazer.

—

Obrigado. Gostaria de passar algum tempo com minha filha, mas neste caso... — Axell olhou para a entrada da caverna. —

Diga a Med que precisa de um guia forado vale. Mastenha a honra de um príncipe ou...

— Você virá atrás de mim como qualquer paifaria?

—

Não.—

Axell negou com a cabeça e colocou as mãos nos ombros de Llyr.—

Minha filha pode prendê-

lonas minas de deixar o dengo emo en contraria. Este dragão tem
temperamento.

Llyr ri nervoso.

—

É possível que queira envolver esta pedra em seu bolso com algum
material mais escuro. Quando está parado nas sombras posso
vê-lo brilhando através da túnica.

Llyr sem necessidade olhou para baixo.

— Posso explicar.

—

Não precisa. Conheço minha filha.—

Arisa da bruscade Axell foi baixa enquanto pegava um pacote perto
da entrada da caverna. Colocou a mão no pacote e tirou um pedaço
do tecido antes de entregá-lo a Llyr.—

Desejo sorte, príncipe. Irá precisar.

Llyr observou o homem enquanto caminhava para os ceffyl
doentes. Envolveu o cristal no tecido antes de colocá-lo
novamente no bolso. Uma pequena ondatada culpase apoderou de
ele, mas não se atreveu a mostrá-

lo ainda. Ele queria que elasoubessedeformainataqueestavamde
estinadosaestarem juntos.

Era fácil descobrir onde Mede estava na caverna. Seguindo
o brilho útil da luz do fogo, encontrou-
a sentada no chão como o filho em seu colo. Um olhar para baixo ao
seu lado assegurou que o brilho estava escondido.

— Aí está meu doce amor. Não seicomonãoviantes. —
Disse.

Llyr ficou todo rígido antes das palavras.

— Tudo tem sentido, não? — Continuou.

Seu coração acelerou e buscou ansioso no bolso, para ver se
mostrava seu destino. Será que era isto? Ela iria ver. Ela viu.

— Saia! — O tom de Mede era baixo. —
Sua inquietação está rompendo minha conexão.

Llyr percebeu que as palavras não eram para ele. Ele soltou
um leve gargalhada desmesmopor atuar como um tolo.

— Aí está o lugar. — Continuou falando como o animal.

— Podem mostrar como se faz? — Perguntou Llyr.

Mede assentiu e se molhou.
lo. A luz do fogo acariciava sua pele com tons laranja. Ele se aproxi-
mou mais. Segurou o filho em suas pernas cruzadas enquanto
havia em seus olhos. Llyr sentou-
se junto a ela, de propósito tocando suas pernas.

—
Eles não podem ver muito bem nesta idade, assim precisase assegurarquesuacaraestejaperto.—

Medemanteveavozsuaveetranquila.—

Nãoimportaoque diz, mascomodiz. Eestegostaquandooacaricioo lugarondenasceraéseuchifre.—

Mededeslizouodedoparatráseparafrentenacabeçadofilhote.—

Comoesqueciestelugar? Sim, gostadisso. Devemosdaraopríncipeuma oportunidade?

O animaldeslizoualíngua. Alongitudelargaefinalambeus eusbraçosaindanocolodeMede. Elafinalmenterompeuo contatovisualesorriu.

—Viuisto? Funcionou. Elegosta.

— Comonãogostar?—
LlyrtocouorostodeMede. Elainterpretoumalogestoeempurrou oanimalnosbraços.

—
Quandotelambe, vocêcriaumaconexãoparavidatodacomele.—
Medebateuemseubraçoeselevantou.

— Nãovaificar?—
Começouaficardepé, masacriaturaseagitouemseusbraçoscom umruídodeprotesto.

— Funcionamelhorseestiversozinho.— Saiudacaverna.

Llyrsuspirou. Logoolhouapequenacriaturaemseusbraço sedisse.

—

Vaite rqueme ensinarseusegre do. Estar comela durante dois seg
undose já está unida a você.

O animal fez um estranho som de grunhido se golpeou as pat
as contra o peito de Llyr.

Llyr arqueou as orelhas e soltou um leve gargalhada.

—Tudo bem.—

Esfregou a cabeça da criatura como viu Medo fazer. Ao instante o a
nimal de acalmou.—Tente manter-seusegre do, cefyl.

Capítulo Sete



Havia muito adizero sobre a tarde do vale. Lembra-vam a Mede sua infância, decorrer para tocar um rocho irregular depois voltar, já que seu pai treinava sua velocidade. Apenas mais tarde percebeu que era para que parasse de olhar sobre seu ombro e fazer perguntas.

Aluz da fogueira brilhava suavemente da clareira da terra. O fogo era mais para o calor que a luz. Mede inalou um pouco de ar fresco. Os pastos desprendiam um cheiro sutil de baunilha doce. Ficaria apenas mais uma hora antes de desaparecer. Em todo o funcionamento do deserto, nunca encontrou um cheiro parecido em nenhum outro lugar do planeta.

— Gostadele. — Declarou Axell sorrindo.

Mede olhou seu pai e logo olhou onde Llyre estava com o filhote de effyl. Llyre se moveu para colocar o animal para baixo. A criatura protestou chutando seus pés. Os príncipes renderam-se a um aperto nos braços. O filhote num instante ficou quieto.

A risada de Mede se uniu a de seu pai. Axell colocou a mão na bolsa de comida que sua mãe enviou e lhe entregou o pacote de tecido. A forma e o peso eram familiares para ela e sorriu à espera, inclusive antes de abri-lo. Enquanto abria uma parte para revelar a massa recheada de carne parou a meio caminho de uma mordida quando viu Llyrolhand o-a.

Tinha um estranho olhar em seu rosto, que ela não podia decifrar.

Fechou a boca sem morder, olhou sua comida e logo estendeu sua mão para ele para que pudesse comer sem soltar o animal. A ação obrigou a inclinar-se diante. Separou os lábios lentamente, mas ela não abaixou os olhos. Ela tremeu nervosa enquanto observava a comida entrar em seus lábios.

— Bem. — Disse Axell limpando levemente a garganta. — Vou ficar aqui um pouco para começar a pensar que é sua mãe. E tenho um vínculo com esta pequena fera. Ela será uma das criaturas mais sociáveis que já vi desde há muito tempo. — Pegou o ceffyl, que protestou, dos braços do príncipe afastando-se para longe e os deixando sozinhos.

Ele rapidamente afastou o olhar de Llyr. O que estava fazendo? Seu coração estava acelerado e sua cabeça lhe parecia como se estivesse em círculo, no entanto, tinha que parar de girar.

Ela se perguntou se o cristal rachado, de alguma forma, parou de funcionar corretamente, porque sentia uma atração por Llyr. Era febre quente, ela suspeitava que senão colocasse distância entre eles, logo algo aconteceria.

O destino era muito claro. Não estavam destinados a ficar juntos como marido e mulher. Mas estavam destinados a ficar

m juntos como algô mais? Me desabiu que os homens do planeta en-
contravam, muitas vezes, prazer físico com mulheres solteiras de
outros mundos. Neste mundo ela era a única mulher solteira e assi-
m não era uma opção.

Mas, o que aconteceria se...?

Ela não entendeu o olhar de Llyr quando estendeu a carne que
ele mordeu. Se deu dor ou de lá quando o
pegou. Ocho que do breve contato abriu caminho por seu braço.

Ficou a correr?

Seu corpo implorava para ficar. Para tocá-
lo mais vezes. Duas vezes mais. Três...

Sua mente começou a correr. Isto era exatamente o que nu-
nca quis sentir. Acabou de se unir aos Dragões Mortos, a mesma
demonstrou ser um da elite. Ela era o primeiro dragão. Sempre
um dragão, não uma mulher. Não como sua mãe. Ela era feroz e inde-
pendente. Tinha a alma de um guerreiro. Ela...

Não podia deixar de olhar seus lábios, não podia afastar a se-
nção de formigamento nos dedos onde entraram em contato. A
guerra dentro de láhedavavontade de gritar. Seus olhos cheios de
brilho da luz do fogo. A atração magnética piorou. Era como se to-
dos os deuses brincassem com ela.

Malditos deuses.

Maldito príncipe.

Maldita traição de seu corpo e mente.

—
Tenho certeza que Tomos gostaria de ir para a aldeia versua família
alogo. Não é uma viagem longa. —
Disse Mede em um esforço para incentivar o príncipe a ir mais rápido.
o. Ficar sozinho com Llyr era muito difícil manter a postura.

— Pensei que gostaria de passar um
tempo com seu pai antes de irmos. —
Respondeu Llyr, não parecendo que iria sair com rapidez.

— Planejei ficar com meu pai para ajudá-
lo, enquanto você vai até a Vila de Minério. — Disse.

— Seu pai insistiu que nos mostrasse o vale. —
Seu sorriso encantado restava intacto. Perguntou-
se se podia evitar olhar. Nascer com um futuro rei, provavelmente
elhedava a confiança que irradiava de cada gesto e olhar. Os olhos
sdeuses, era um olhar sedutor.

—
Como nosso príncipe não pode andar sozinho por nosso vale? —
Perguntou Mede.

— Talvez queira companhia. — Disse.

—
Talvez estejam planos importantes que está interrompendo. —
Ela respondeu.

—
Tomos vai me abandonar por sua família e não quero interferir. Pen-
se em explorar as minas. —

Llyrlançou um olhar significativo ao redor. —

Sem dúvida, um companheiro Dragão Morton não seria adverso à aventura.

Ante a menção das minas, sentou um pouco mais reto pelo entusiasmo.

—

Nunca estive nas minas. São perigosas e restritas aos mineiros.

—

Vou contar um segredo. — Sussurrou inclinando-se para ela. Ela moveu automaticamente mais perto para ouvi-lo. —

Sou um membro da família real. Posso ir quase a qualquer parte que eu quiser e recom quem quiser.

Sua respiração tocou sua bochecha. A carícia parecia como fogo sob sua pele. Encontrou-se sentindo.

—

Maravilhoso. — Llyr manteve a voz baixa. — Vou desfrutar de encontrar problemas com você.

—

Vou ficar como Ceffyl de Tomos. — Axell anunciou. Mede ofegou e se afastou de Llyr. Seupa estava de pé ao lado do fogo, observando-os.

Mede piscou, tentando recuperar seus sentidos e não o aqueceu e sentou sobre ela. Abriu a boca para balbuciar uma desculpa para seu comportamento, mas não teve a oportunidade de falar.

—
Suafilhaconcordouemmemostrara rotamaisrápida paraVilade
Minério.—DisseLlyr.

— Medetemumbomsentidodeorientação.—
Disseseupai.Aspalavrasforambaixaseinclusiveoorgulhoporsu
afilhaeraevidentenaformaqueumlevesorrisotocouocantodesu
aboca.

— Amenos queprecisedemimaqui.—
Medeimpulsionou.Nãotinhacertezadequerespostaesperava.

—
Adorariasuacompanhia,masnão.Nãohánadaparafazeraqui,al
émdorecém-nascido.—Axellsesentoueseserviudecarne.

— Suaesposaéincrível,comcomida.—DisseLlyr.

Axellassentiu.Soltouumlevesuspiro,comosesentissefalt
adesuacompanheira.

—
Elaéumaesposadoce,caridosaeumamorperfeito.Souverdadei
ramenteumhomemabençoadopelosdeuses.

Medeescondeuseucenhofranzido.Seupaiquasecitouasc
aracterísticasqueMedenãoherdou.

— Elaaensinouacozinhar?—PerguntouLlyrparaMede.

Axellriuforteecomeçouabateramãoseujoelho.

—A única tentativa de Mede na cozinha foram biscoitos que ficaram duros como pedra, tanto que pode usá-los para acertar alguns garotos da aldeia como eles durante os jogos de guerra.

— Não tente deixá-los duros como pedras.— Mede sussurrou.— Apenas aconteceu.

—
Pelos deuses, juro que tentei comer um equase quebrou meus dentes.—

Os sorrisos de Axella aumentou e ele ficou mais forte. Mede adorava os olhos da mãe dele, ainda que a causa fosse seu fracasso na cozinha.

— Faça outras coisas.— Mede disse em sinal de protesto.

Axel limpou o rosto com a manga do olho.

—
Não se preocupe príncipe, vou compartilhar minha comida com você. Não precisa morrer de fome em sua viagem.

Llyrriu agradeceu.

Mede fez uma careta amarga e estendeu a mão.

— Possa terminar a carne agora?

Axel colocou a mão na bolsa e lançou a comida em sua direção. Ela pegou com uma mão.

—
Por isto que não quero me casar. Se continuarem casando não precisam
eicozinha nem cozer ou qualquer outra destas tarefas das
de esposas.

— É melhor que não diga isto à sua mãe. —
Axella advertiu brincando. —
Ela vai acabar com a comida mais rápido que um dragão cuspi-
do fogo.

* * *

— Gostou de seu pai. —
Llyrd disse enquanto abriam caminho pelo campo.

— Ele é um bom homem. — Ela concordou.

— São suas habilidades na cozinha tão ruins? —
Estariam tentando as mesmas se não admitisse que a revelação de-
cepcionou um pouco. A comida da sua mãe era coisa mais deliciosa
aque provou.

— Não vou morrer de fome, mas não sãonada demais. —
Medenão olhou para ele. Manteve-
os diante enquanto chegavam às rochas proeminentes. Ela pon-
tou para cima. — A forma mais rápida de se mecessar está ali cima.

Llyravia mudar para sua forma de dragão e saltar no ar. Dra-
gão, humana, não importava a forma que tomasse, ela era linda. O
uviu os passos de Tomosse aproximando dele. O homem também
mudou de forma para que pudesse saltar facilmente pela rocha. O
coração de Llyr acelerou. Solto um grunhido baixo quando adura

pele do dragão cobriu seu corpo. Mudaresfriava seu desejo sexual um pouco, mas não diminuía a conexão que sentia com Mede. Quando aterrisso sobre uma rocha, viu que Mede estava adiante, saltando de rocha em rocha, antes de finalmente aterrisar no caminho o mais alto fazendo a execução completa.

Sem ficar atrás, a seguiu com entusiasmo até a rocha, fazendo um caminho diferente do de Tomos. Uma parede de pedra e terra passou junto ao seu braço e o outro lado registrou um precipício. Não iria matá-los, mas uma queda assim causaria algum dano, mesmo em sua forma de dragão. Havia suficiente espaço para correr em fila indiana. Com Tomos entre eles, Llyrvia apenas a cabeça de Mede e as pernas alargadas enquanto corria.

* * *

Mede olhou por cima do ombro para ver Llyr aproximar-se dela. O estreito caminho aberto em um bosque levava a um povoado. O terreno era pouco familiar, mas conhecia a direção. Logo ela deveria ser capaz de pegar os sons dos mineiros e suas famílias, o que ajudaria a guiá-la o restante do caminho.

Correu mais rápido, seu coração tão acelerado que quase explodia no peito. Esquivando algumas plantas, quase tropeçou com uma pilha de galhos caídos. Mede ficou sem fôlego pela surpresa e parou até parar justo a tempo de evitar se empalmar no galho quebrado. Pequenos filamentos acertaram, mas não doeu. Ela se empurrou para trás apenas para descobrir se o cabelo enredado

nos galhos comespinhos amarelos. Com mais vergonha que outra coisa, ela puxou as mechas para soltá-lo.

— Calma, Mede, deixe-me ajudar. —
Disse Llyr. Respirava com força.

— Príncipe? — Perguntou Tomos, para não perto.

—
Dêminha saudação à sua família. Vamos a camp na sua mina esta noite se precisarem de algo. —

Llyr gritou com voz rouca. Os olhos de Mede encontraram os seus. Sozinhos? Toda a noite?

— Muito bem príncipe. —
Disse Tomos. Ouviu o homem continuar a sua corrida.

Llyr mudou novamente a sua forma humana, incentivando -
a a fazer o mesmo. Seria mais fácil soltar o seu cabelo como se fosse
em lugar de garras afiadas.

—
Ameno que esteja com medo de dormir numa caverna. —
Disse, puxando suavemente as mechas do seu cabelo, soltando-as.

— Porque deveria ter medo de uma caverna?

—
Trolla, a protetora das minas, não tolera amavelmente outros que
não sejam os mineiros do seu território.

Llyrsoltouaúltimamecha,masnãoaliberoudeimediato.D
eslizouosdedossoobreseucabelo.

— Não temonenhumamulher.—DisseMede.

— Naverdade,nãotemmedodoconfronto,certo?—
Llyrriu.—Trollaéumadeusa.

— Não.Nãotenho.—Medesorriuanteoelogio.—
Masseumadeusaserevelarenospedirparasair,prometoirseu
maluta.

Llyrcolocouseucabeloatrásdoombroedeixouapontadod
edosearrastarsobreapeledopescoço.Traçouumcaminhoclaroo
ndeocristalestariaseelanãohouvessedestruído.

—
Tenhoasensação deque mesmoos próprios deuses não poderiam
lhedizeroquefazer,minhadama.

— OnomeéMede.—
Elarespondeuporcostume,masaspalavrasfaltavamaforçahabi
tual.

— Mede.—
Sussurrou.Suavozeramaisíntimaqueumacaricia.Ossonsdobo
squeficaramaltosaoseuredor,osgritosemovimentodesenhand
oseufeitiço.Estremeceuaseafastou,semsabersepoderiaounão
colocardistânciaentreeles.

Antesquepudesserresponder,umbandodepássarosverm
elhosdesceu,atéasespinhasamarelaseasarrancoudogalho.Me

desoltou um leve som de surpresa e saltou para trás. Foram tão rápidos como chegaram, desaparecendo entre as árvores.

— Acidade está tranquila. Vamos. —
Llyragarrou um pacote que devia ter caído quando foi ajudá-la e logo abriu o caminho pelo bosque. Caminhava a passos rápidos, mas não correndo. Quando ia passar adiante dele, estendeu o braço e apontou. Uma pequena casa apareceu à vista. Luz brilhava desde dentro e viu uma sombra junto à janela. —
Vá com calma. Não queremos alarmar as famílias da localidade.

Fizeram um trilha curta no bosque, onde transitavam por décadas. A Vila de Minério se encontrava a longo do vale rodeado por árvores e precipícios a norte, justo depois de um barranco ao sul. A água fluía sempre dentro do vale. Ela concentrou sua audição na água caindo em cascata pela pedra.

Acidade parecia uma estranha combinação de tendas e casas recém-construídas. Era evidente que tiveram cuidado em onde colocaram as casas. Agrupavam-se em um padrão próprio, em uma linha de quatro casas separadas por ruas laterais. Algumas casas estavam ainda em construção, como se houvessem começado no centro da cidade e simplesmente abriam caminho para o exterior.

No entanto, as tendas ao redor da aldeia eram mais casuais, otimizando o espaço e muito provavelmente bloqueavam o vento dos precipícios. Caminhos de terra convergiam em uma estrada a princípio

alque conduzia às cascas. As ruas eram de terra, mas os caminhos até as cascas estavam cheias de pedras recortadas.

Um pequeno grupo de homens Draig caminhava até as tendas. Suas risadas cansadas chegavam tranquilamente e saudaram Medee Llyr quando passaram, mas não pararam. Iam vestidos com calças largas de cordões e camisas únicas, cobertos de terradas minas. Apenas seus olhos e bocas estavam limpos e demais provavelmente usavam óculos e respiradores para trabalhar.

Llyr se afastou da cidade até um largo precipício. Arbustos e árvores grossas preenchi a paisagem abaixo, assim era muito difícil ver o quão profundo era realmente. A água que ouviu antes era na realidade uma cascata. Golpeava abaixo sobre as pedras e fazia eco ao redor dos precipícios como um trovão constante.

Amã de Llyr se abriu o braço e fez olhar para ele. Ele assentiu com a cabeça e a clareira antes de passar e saltar acima e logo depois apareceu do outro lado. Ela o seguiu, descobriu uma abertura e uma caverna atrás do véu de videiras verdes brilhantes. Ele ficou lá do lado para ela passar. Quando as vinhas caíram atrás deles, criou uma parede que bloqueava a água.

Capaz de falar sem gritar, ela mudou a forma humana e perguntou.

— Estão nos grandes minas de minério?

Olhou a longo das paredes da grande caverna, tentando ver a fortuna Draig nas paredes de pedra azul misturada com cinza e rateado. A

formação de cristais gigantes bloqueava a rota, já que imitavam mármores caídas e grossas. Me depassei um pouco pela superfície lisa, vendo uma fenda vermelha, já que a luz brilhava através de seu corpo.

Llyr saltou e estendeu uma mão para ela. Ela o ignorou, seu dragão não precisava de ajuda para cruzar. Subi rampa pela formação de cristais. Quando estava novamente na entrada da caverna, Llyr se moveu para trás e sorriu.

— Sim, são as minas.

— E é mineral combustível? Prata? — Me deparei com a parede onde a prata brilhante corria e do lado como se entrasse mais fundo. Quando ela se aproximou, apenas podi distinguir seu próprio reflexo. O rangido das rochas soltas atrás dela assinalou sua posição, mas ela não precisou olhar para saber que ele estava atrás dela. Ela sentia. Era como um farol na tona dentro de uma que apenas sabia onde estava a todo momento.

— Não. O minério fica mais profundo. Venha comigo. Querolhem o raro. — Llyr não tocou, mas não precisava fazê-lo. Cada rocha de seu corpo queimava sua carne, sua mão no braço no acampamento da Ordem, seu corpo junto a ela quando desmaiou em seus braços, seus dedos quando comeu de sua mão.

— Llyr? — Sussurrou ela, insegura. — O que estamos fazendo aqui?

— Acampando. — Respondeu simplesmente.

— Vocêsabequenãooéoquequerodizer.—
Elarespiroufundo.Tinhaquesentiroquesentia.Comonãopoderi
a?Eramuitopoderoso.

— Apenasvenhacomigo.Porfavor.—
Eleseafastouváriospassosantesdevoltaredaravoltaparaadent
rar
mais.Acavernaseestreitouecaminharamatéacavernanaturalq
ueseconvertiaemumtúnelartificial.Emlugaresqueaáguasemo
viasobreeles,detectávelpelosuavefluxo,fazendoecoemumaco
rrentesubterrânea.

—
SevocêestivermelevandoparaalgumtipodesacrifícioparaTroll
a,vouficarmuitoirritada.—Disseela,tentandofazerumapiada.

— Aíestáela.Perguntevocêmesma.—
Llyrapontouaumaafêmeadragãoaterrorizantequefoigravadana
parede.Elase
mantinhadepé,rodeadaporpequenosadoradores.Llyrolhouap
edraelogoMede.—
Eh,vocêseparececomela,menosasasas.Temsuaessência,euac
ho.

Medearqueouumasobancelha.

—Acabadetentarmefelicitar?

— Nãovaideixarquetechamededama,assimvouchamá-
ladedeusa.—Respondeubrincandoclaramentecomela.

— CuidadoouTrollateouvirá.

—
Vamos ali. Teremos que engatinhar, mas vale a pena. Confie em mim. —

Ele jogou sua bolsa para cima e um buraco estreito antes de entrar. Empurrando para frente, ele avançou.

Mede vacilou, olhando ao redor da caverna. Ao ver Trolha olhando-a, sussurrou.

— Humildemente pedimos sua proteção, muita.

— Vem? — Gritou Llyr.

Mede conteve a respiração enquanto entrava no espaço estreito. Não gostava da sensação de estar fechada e tentou se apressar. Ela fez um ruído fraco quando um inseto de seis patas quase tão grande como sua mão se lançou fora dela para entrar em um buraco. Ao chapressionou-a o seu dor e ela fechou os olhos. De alguma forma se empurrou adiante e apenas abriu os olhos quando ouviu Llyr cair para o chão. Logo a ajudou a sair do buraco e ficar de pé.

Luzes diminutas dançavam ao seu redor como as estrelas e um anão de névoas planetárias. As criaturas bioluminescentes abriram caminho para deixá-lo passar, estendendo-se longe até as paredes arredondadas. Llyr chutou a bolsa para o centro do lugar.

— Nós a camparemos aqui. — Disse.

—
É notável. —
Mede girou em círculos lentos antes de caminhar até a parede. Ela tentou tocar uma das luzes, mas as diminutas criaturas se espalhar

amforadeseucaminhoee lanemsequer podiadistinguirsuaverd
adeiraforma.—Nuncavinadaigual.

—

Osmineiroschamampódeestrelasporqueparecemestrelaseviv
emnochão.Illuminamasminasesempreviajamemgrupos.

— Estãobrilhando.—Mededeclarouoóbvio.

—

Abioluminescência.Elesproduzemluzesparasecomunicareme
ntresi.Aomenosistoéoque medisseram.Secaíremsobrevocê,é
sinaldeboasorte.—

Llyrseocupoudabolsa,puxandosacosdedormirecolocandonoc
hão.—Estácomfome?

Medeseaproximoudele.Elalhetocouoombro.Llyrolhousu
rpreso.Quandoelanãosemoveuenemfalou,ficoudepélentame
nte.

—

Nãoestamosdestinadosaficarjuntos.—

Medeapenasdeclarouumfato,noentanto,provocouumaondad
etristezaemseuinterior.Enterrouasensaçãoeseobrigouatocar
apedralatente.

—

Entãováembora.Afaste-se.—

Suaexpressãodiziaquenãoqueriair.

Elatentou.Seuspésnãosemoveram.Suamãonãosaíades
euombro.

—Nãoposso.

— Então fique comigo e me dê um beijo.

—

Llyr, pode vertãobem como eu quando não vamos nos casar. Seja o que for, não pode durar. Trabalhe muito para o meu nome e reputação. Não posso...

—

Mede, não tenha nem um desejo de arruinar sua reputação. Ninguém vai sabernada sobre esta noite se não contar. Dou minha palavra como um príncipe, como dragão e como homem. Desde o primeiro momento que a beijei, mas não vou forçá-la. Aconteça o que acontecer será como você quiser. —
Vacilou a cabeça —
la. Quando ela não se afastou, seus dedos correram sobre sua bochecha. — Não pense no casamento, não deuse os cristais. —
Tirou o colar e deixou cair na bolsa aberta antes de voltar a acariciá-lo. Os dedos deslizaram pela garganta, sentindo o pulso e a artéria do pescoço. —
Não pense na sorte ou reputação, inclusive no mundo fora deste lugar mágico. O que quer? O que sente?

Mede não pode se conter. Ela apertou os lábios contra os dele. Toda a preocupação e dúvida sumiram como o que da boca dele. A partir deste primeiro e segundo beijo ela lutou contra seus sentimentos por ele. Ela encheu totalmente, querendo se encher agora para encher —
la de fogo e necessidade. Antes que pudesse pensar no que estava

azendo, seus dedos se apoderaram de sua camisa e estava puxando-a para tirá-la.

Llyr rompeu o beijo e a mavel mentetirou a camisa. Deixou cair no chão e voltou para o beijo. Desta vez, ela tocou a pele nua. O calor dele combinado com a suave textura de sua pele a hipnotizou quando explorou toda a longitudinal de seu peito e costas. Seus dedos tocaram a cicatriz dos Dragões Mortos e se afastou.

— Você não ficou para me ver ganhar minha marca. — Disse ela, seu olhar indo para os lábios úmidos antes de olhar em seu rosto. — Foi durante minha cerimônia de honra.

—
Como pode me culpar por isto? Tanto como queria, de verdade achava que poderia ficar do lado e ver sua pele linda ser marcada? Fui embora porque era em sua honra. Não precisava que eu arruinasse sua marca porque não podia suportar a ideia de estragar este corpo seu.

—
Então não tinha nada a ver com eu ser mulher e pensar que sou indigna?

— Indigna? Não, minha dama. —
Llyr corrigiu rapidamente. —
Mede. Fui embora porque seria obrigado a levantar sua camisa, teria me envergonhado e desonrado grandemente.

Deslizouamãoaoredordaparte baixadesuascostas,onde
acicatrizcuradaestavaporbaixodacamisa.Umleveefelizsorriso
escapou.

—

Vocêganhouamarca.Aindanãoseicomoconseguiupelarumme
mbrodacortereal.—

Elecomeçouaseinclinarparaela,apenasparaseafastar.—
Comoconseguiu?

Medefezumacareta.

—Nãoquerocontar.

—

Prometoqueseusegredestáasalvocomigo.Nãoenganouningu
ém,verdade?

— Claroquenão.Euconsequiestanoite.Éapenasque...—
Elafezumruídofracoeologorodouosolhos.—
Bem.Ogatomedeu.Querialutarporela,masenegou.

— Elelhedeu...?

—

Sim.Deu-
me.Enãohavianenhumaregraquantoàformadeobteroprêmio,
apenasqueprecisavafazê-
lo.Euestavacorrendopelobosqueeencontreioagricultorbêbado
nopântano.Estavaapontodetirarumpedaçodelecomotodos,oq
uenãoseriaumdesafio,quandoouviumamulhergritar.Naturalm
entefuiajudá-
la,masentão,encontreiumVar.Conversamos.Pareciamuitoint

eressadonofatodeeuserumafêmeadragão.Dissequeprecisava
dapeleedeixou-mecortarasua.—

Quasenadefensivaacrescentou.—

Negociaçãoprecisademaishabilidadequeaforçabruta.

— Apenasassim?Vocêpediueelelhedeulivremente?

— Bom,ele...—AvozdeMededesceuaum murmúrio.

— Oque?

— Elemebeijou,estábem!—

Mededeuunpassosatrás.Suamãodeslizoudeseucorpo.—

Juroquenãosabiaqueiriavireterminouantesquepudesselevant
arminhafaca.Achoqueeraapenascuriosidadesobremimporque
souumafêmeadragão,comotososhomenssentemcuriosidad
epormim.Apenassoualgumprêmio,
umajoiaespecial,raraquepodeserpossuída.

AexpressãodeLlyrendureceu.

— Eletebeijou?

— Porqueestáirritado?Nãoéqueoconhecia.—

Elacruzouasmãosobreopeito.—

Nãoécomosecorresseporáiprocurendohomensparabeijar.

— EsteVarseatreveuatocá-lasemuapermissão?—

Llyrrespiroucomforça.Cadasegundoquepassavapodiaversuai
raumentando.—

Euomatarei.Voucaçarseutraseirofelinofedidoevoupendurá-
loematá-lo!

Quando Medepercebeuquesuairanãostavadirigidaaela
,relaxou.

—

Nãofoinada.Menosquenada.Esemdúvidanadapeloqualvaleap
enaumaguerra.

—

Eleseaproveitoudevocê.—

Llyrapertouasmãosempunhos.

—

Epossocuidardemimesma.—

Medecolocouamãosemseupeitoelhedeuumolharsevero.

Elasentiuseucoraçãobaterselvagemsobseusdedos.Suaferocidadeaexcitavaaindamais,juntocomseuolharprotetor.

— Seiquepodecuidardesimesma,éapenasqueé...

—

Umamulher?—

Elaempurrouseupeito.Elecambaleouumpouco,masnãocaiu.

—

Minhamulher.—

Aspalavrasforamsuaveseeleolhousuasmãos.Estavanervosoc
omosefossepegaralgodentrodobolso.

Medegarrousuasmãoseaseguroentreassuas.Oshomem
nspossessivosearrogantesdiziamtantascoisas.Elasabiaqueele
eracapazdetalarrogânciaepossessividade,masnãoaolhavaco
moumobjeto.Seusolhostinhamumapaixãoagitadaporela.

Mederespiroufundo.Elapodiaterlhelembradoquenãoper
tenciaanenhumhomem.Poderiaterditoqueo cristal
nãostava latente.Elapoderiaterridoefazerumacaraboa.Emtro

ca, e ela não fez nenhuma destas coisas. E em sua inquietude, alguma scriatura bioluminescente se aproximaram, pulando ao redor.

— Mede, tenho que dizer, você...

— Shh.— Ela negou com a cabeça.— Sem mais falar. Olhe onde estamos.

Não olhou para a caverna. Em troca, seu olhar vagou por seu rosto. Mede deixou a ira se inclinar para beijá-lo. Um gemido escapou enquanto deslizava a língua pelos lábios, separando-os. Ela respirou fundo e seu cheiro a encheu. Ela não era de fugir de uma aventura e sempre foi atrás do que queria. Neste momento, isto era o que queria, era o que ela queria.

Apaixão surgiu entre eles e em um frenesi deram-se à tirada carícias ansiosas. Lily levantou sua camisa sobre a cabeça. Fez uma pausa para desfrutar da roupa interior que usava. Um tirador de tecido a envolveu para suportar o peso de seus seios, cobrindo a parte superior até a cintura. Um gemido baixo de aprovação escapou enquanto segurava o montículo de carnes sensível. Ela roçou o mamilo ainda escondido sob a tela antes de enganchá-lo nos dedos na parte superior para puxá-la sobre seu ombro. Como se abraçasse o presente, tirou o tecido lentamente por seu corpo e ficou de joelhos diante dela. Quando tirou sua roupa interior, também se apoiou sobre sua calça e tirou as pernas, ficando quase nua. Mede usou os dedos para tirar suas botas e colocá-las de lado.

Llyr se levantou novamente. Este primeiro contato da carne quente com seu corpo nu foi um choque de prazeres surpresa. Ele abraçou com força. Seu peito pesava com a respiração contra o peito dela. Ele sentiu a dura pressão de seu membro contra seu estômago. Mede cresceu em um planeta de shifters masculinos. Ele não era completamente inocente quanto à forma masculina e sua função. Instinto a encheu como que faltava de conhecimento real.

Seu corpo tomou o controle por completo. Mãos vagavam por braços sólidos, pescoço e o peito quente, passando por sua coluna vertebral. Lábios absorviam a língua e a boca. Quadris buscavam avançar e se esfregar contra a longitudinal dura sob sua calça.

Mede encontrou a cicatriz antes de descender e agarrou-se a ela, deslizando os dedos pela parte traseira de sua calça. Ele gemeu e agarrou a cintura para soltar os cordões. O tecido deslizou pelos quadris. Não pode evitar sua curiosidade, rompeu o beijo e o deixou para baixo. Llyr aproveitou o momento para empurrar suas botas como se os dedos pudessem lançar o tecido ao redor dos pés.

O eixo grosso se manteve de pé e se inclinava diante de ambos, apontando seu estômago. Ele se aproximou tocando a ereção firme e suave. Segurou o fôlego. Mede usou sua mão livre para segurá-lo e seu pescoço puxá-lo para frente. Beijaram-se novamente, mas desta vez os movimentos se viram obstruídos por suas respirações fortes. Não tinha certeza de quem começou a descer para o chão, mas os dois se moveram a um ritmo para se ajoelharem em um sacode dormir.

Medeoempurrouparaaficardecostas.Eladeslizouseucorp
ocontraodele,desfrutandodocontato.Llyrcolocouojoelhoentre
suaspernasparatocarseusexo.Ocalorúmidadeseucorpoaajud
ouadeslizareelasacudiucomointensoprazerdogesto.Elasoltou
umruídofracoefficourígida.

Llyrrodousobresuascostas.Emunsmomentos,eleestav
aentresuaspernas,empurrandoseusquadrisparafrentepara fu
ndirseumembrodentrodela.Aprensaduracontrastoucomsuasu
avidadefeminina,obrigandoseusexoaceder.Elelevantouseusb
raçosparasegurarseupesoquandopenetroumaifundo.Medear
ranhouseupeitoenquantotomavatodaaplenitudedele.Oestira
mentodoeu,masoprazersuperoutudoodemais.

Aaventuraaexcitavaeoqueera
istosenãoumaaventura?Seucoraçãoacelerou,suarespiração fi
couofegante,seucorpoestremeceu,seusnervosestremeceram
,seusexodoía.

— Nãoimaginavaqueistoseriatão...—
Llyrfechouosolhoscomforçaegemeu.Deslizoutotalmentedentr
odelaepressionouosquadrisentreascoxasentreabertas.Elapod
iasentiropulsaremseusexo.Quandoelenãosemoveu,elasemov
eusobele.Llyrabriuosolhos.Seuslábiossecurvaramcomosea aç
ãocausassedorfísica.

Elecomeçouasemoverdentrodela,poucoprofundonoiníci
ocomoseambosprovassemoritmoesaboreasseomomento.Oei
xoaugmentandoanecessidadeinataadentrodeseusexoee laenvio
uosquadrisparatrásacimaparaanimarseusmovimentos.Logo

estava acelerando o ritmo e movendo seu quadril para frente com tanta força que sua pele batia contra a dele.

— Portodosos deuses, não pare. —
Gritou Mede. As pequenas luzes dançando ao redor de sua cabeça. A mudança do ouro irradiava de seus olhos e se imaginava que ela tinha o mesmo olhar líquido, quente e cheio de paixão. —
Os deuses me ajudem. Eu temo que separem.

Llyr bombeava seu quadril mais forte. Ele grunhiu com violência, abrindo a boca para morder o ar, como se o fado não o pudesse carregar e se manter o ritmo de seu corpo se frustrasse enormemente. Mede nunca sentiu algo tão intenso, nem sequer quando explorou seu corpo e aprendeu o funcionamento. Se soubesse que um orgasmo poderia ser tão poderoso e teria, provavelmente, encontrado um companheiro de cama muito antes. No entanto, ela não acreditava que os outros dragões pudessem fazê-las sentir tão bem como Llyr.

Ela ficou rígida, arqueando as costas enquanto se aproximava. O tremor se espalhou por sua espinha, tremia até a medula. Ela abriu a boca, um som agudo de libertação. Llyr empurrou algumas vezes mais antes de se sentar —
seu corpo firme em seu interior. Seu corpo se acalmou com força. Durante muito tempo foram incapazes de se moverem. Quando por fim sua respiração se acalmou e eles se acomodaram, deitaram-se de costas. Os freios da fúria se acalmaram e as criaturas brilhantes se acalmaram, visualmente em contradição com a calma e serenidade que sentiam em seu interior. Seus ossos, sem dúvida, estavam

líquidos. Seus músculos relaxados. Llyr deveter experimentado a mesma sensação porque mal se movia, apenas colocou a mão sobre a dela.

Nenhum dos dois falou. O que poderia ser dito depois disso? Medificou olhando as estrelas dançarem e sorriu. Pela primeira vez sua vida, ele não se arrependeu de ter nascido mulher.

* * *

Palácio Var, Salade jantar

— Tem algo. Eu senti.—
Attor olhou para seupa quando o homem se a treveu a ir dele. Foi
tão tolo a pensar que poderia dizer a orei seus planos para se casar com
a mulher dragão.

— Você quer se casar com um dragão?—
O rei Auguste segurou seu ventre gigante que balançava de alegria.— Quer
colocar um destes dragões em meu trono?

— Não será seu por muito tempo.—
Attor murmurou. Traçou o dedo sobre a pequena cicatriz que estava
aparecendo ao longo do seu braço onde Mede o cortou.

O comentário não foi baixo o suficiente, porque seupa ouviu. Imediatamente seupa se moveu e balançou sobre ele. Havia uma força surpreendente pelo tamanho do homem. Sua pele marrom clara escondia o nariz se avermelhando e o círculo sob o olho. Lançou Attor contra a parede.

—
Acha que pode me ameaçar, garoto? Acha que é homem suficiente para tomar meu trono?

Atto estremeceu, odiando-se por temer de medo ante o rosto mudado de seu pai. Ficou pressionado contra a parede. Quando mudou para um felino, seu pai quase parecia um homem feroz e orgulhoso. Amáscar de pele esconda ossinais da gula, mas não podia esconder o estômago arredondado pela bebida.

—
Isto foi o que pensei. —
O rei Auguste despediu com um gesto da mão. Deixou a mudança desvanecer de seu corpo. —
Porque a mulher mais poderosa nasceu neste planeta iria querê-lo? Tenho certeza que os Draigtêm planos para ela. Porque eu iria conectar-nos a suas casas? Eles nos deixam em paz. Nós os deixamos em paz. O planeta está em paz. Porque mudar o que funciona?

Atto não se incomodou em mencionar que este sistema não estava funcionando para muitos dos antigos nobres da casa com o Lorde Myrddin. Obrigou-se a ficar de pé, ainda que não desse um passo adiante.

—
Ele me quer. Inclusive me beijou quando eu a encontrei no bosque. Ele queria ficar comigo, mas me fez voltar para que pudéssemos fazer isto corretamente. Não posso buscá-la pelos canais reais sem sua bênção. Tanto que estou pedindo por isto.

Guardas do príncipe não opuderam localizá-la. Seseupaidissequenão, Attoriri buscou-a por sua própria conta. No entanto, os membros da realeza Draig seriam capazes de encontrá-la muito mais rápido e poderiam salvá-lo da dor de cabeça.

—

Quer minha benção para a raia e o dragão e pedir que lhe envie a única mulher Draig para seu noivo? Assim não é como se faz as coisas. Eles esperam que seus cristais brilhem para mostrar-lhes o caminho. —

O rei grunhiu e se aproximou das mulheres para tomar uma bebida. —

O rei Draig não mandará ninguém para seu casa com você, porque é um Vare assim deseja.

—

Eufiz seu cristal brilhar. —

Attormentiu. Não se lembrava de ter visto nenhuma pedra, mas na verdade não procurou por uma. Os Draig eram um povo primitivo e supersticioso. Apenas se inclinavam ante a vontade dos deuses.

Isso fez a expressão de seu pai mudar.

— O fez? Tem certeza?

— Sim. — Attor deu um passo desafiante mais perto. —

Seus deuses nos abençoaram. Agora apenas precisamos de sua benção, meu rei. —

Eles sabia que o ego de seu pai gostaria de estar no mesmo nível que os deuses, inclusive dos deuses dos dragões.

Funcionou porque seu pai assentiu lentamente.

—

Porquenão? Se for para ser assim, assim será. Tem minha permissão para recuperar a mulher Draig e fazê-la sua companheira.

—

Eu irei ao palácio Draig para fazer meu pedido. —
Attortentouir, mas se eu não puder ir.

—

Não. Se é como você diz, irá ao Festival de Reprodução quando o noi te chegar à terra e irá reclamá-la ali. Se quiser se casar com um dragão, será melhor se assegurar que siga seus costumes, então eles não podem negar o uso com o qual se casou para a guerra. Depois da cerimônia, traga-a de volta aqui e então será sua responsabilidade se assegurar que saiba atuar como uma dama Var, não um dragão pagão.

Era uma pequena concessão, mas Attor odiava assim mesmo. A única noite no ano? Isto não aconteceria durante semanas ainda. Não queria esperar por ela. Queria reclamá-la agora. Apertou os dentes.

— Como quiser, meu pai. —

Incapaz de suportar a presença do homem por mais tempo, caminhou rapidamente até a porta.

O rei bufou ante a marisada antes de gritar para seu filho.

—

Espero que seus filhos não se pareçam a ela. Assim, teremos netos mais feios do que todo o reino Var!

Attorsaiuaosomdapiada.Aoverumguardanofinaldasala,
pegouohomemdesprevenidoeolancoucontraaparede.Ohome
msurpresocambaleou,aturdidopeloimpactodapedranacabeça
.Attoraproveitouomomentoecomeçouagolpearofelinonoestô
magoenorostotãofortecomopode.Mesmoquandooguardaerau
mcaossangrentonochão,nãopodeparar.Aoverorostootônitode
umaservapróxima,elebalançouosdedoseosanguepingounoch
ão.

— Não selimiteaolharcomabocaabertaparamim.—
Grunhiu.—Limpeestabagunça!

Capítulo Oito



Llyresticou as pernas, os músculos fortes mal se movendo. Um relaxamento profundo se instalou em seus ossos. Deixou que sua mente fosse à deriva, contemplando se a ía no novo mundo ou acordava por completo. Algo fez cócegas em seu peito e abriu os olhos.

Mede.

Levantou a cabeça, esperando ver sua mãe sobre ele. Em lugar disso, várias criaturas bioluminescentes caíram sobre sua pele nua, cobrindo-o com luzes suaves. Com cuidado para não assustá-los, pouco a pouco virou Mede que estava deitada junto a ele. Eles dormiram depois do sexo profundamente, tão profundamente que praticamente não se moveram muito durante a noite. Ele esperava que as minas fossem mais frescas, mas a sensação térmica era quase perfeita.

— Mede, não se mova. — Sussurrou. — Abra os olhos.

Ela obedeceu, piscando várias vezes como se despertasse de um sono profundo, mas sua respiração não mudou. O fato o impressionou. Era uma antiga tática dos soldados acordarem sem revelar o fato ao inimigo. Ainda que tivesse pouco para o engano, era uma tradição que passava aos jovens soldados. Alguém treinou Mede muito bem. Supunha que Axel o tenha feito.

O olhar de Llyr foi para seu corpo nu. O pó de estrelas cobria seu seio e seu tórax, e ele imaginou que poderia sentar e verificar se estaria em suas maravilhosas pernas atléticas. Os corpos transparentes e magros tinham fios de luz e ele viu as batidas acimadeles.

Mede soltou um longo suspiro. Um sorriso curvou sua boca quando ela o olhou. Lentamente levantou os braços para ver. Alguém a luz essa íram voando.

— Lindo. —
Sussurrou ela, como solhos cheios de assombro, enquanto tentava levantar o braço mais perto para observar os melhores pequenos seres. —
Suponho que isto significa que vamos ter um pouco de boa sorte.

Llyr não poderia resistir por mais tempo. Inclinou-se e passou o dorso da mão pelo centro de seu peito. Os bichinhos voaram até o teto. Mede soltou um aleva e finalmente esticou suas extremidades.

— Acho que já tenho sorte. — Disse.

Ela começou a falar, mas acabou virando a cabeça em um bocejo.

— Mm, acho que ouço alguém.

— Os mineiros irão começar a trabalhar. —
Respondeu Llyr.

Mede sentou e olhou a redondeza do lugar. Pegou sua roupa.

—Depressa.Se vista.A última coisa que quero é que alguém descubra o que fizemos.

Llyr franziu o cenho.

—Seriamente, você não quer que alguém soubesse?

Sua expressão foi resposta suficiente. Jogou a camisa nele. Virou a cabeça, sem se importar em pegar, já que o golpe o useu pelo.

— Não acho que virão aqui.— Disse, ainda que sua atenção estivesse mais em suas pernas que em suas palavras. Ele se virou e viu a cicatriz da Ordem. As linhas ainda estavam vermelhas e ele bem se lembrava do que a marca produzia. Uma unidade médica ocorreu, mas sabia que não iria deixá-la lá.

— Não quero correr o risco.— Ele virou freneticamente em círculo em busca de suas botas. Encontrou-as a alguns metros de distância, foi até elas e colocou suas roupas no centro de seu peito.— Não gostei da ideia de casar e o casamento sobrenossas cabeças, mas se as pessoas souberem o que fizemos, então as expectativas irão começar. Eles esperarão que estejamos destinados. E então não esperar que nos casemos. E quando descobrirem que o cristal não brilha... onde está minha outra bota?

Pouco a pouco vestiu a camisa e depressa vestiu toda a roupa como se o inimigo estivesse esperando para invadir.

—

Passei muito tempo tentando ganhar meu lugar. Não quero ser um anoiva. Não quero que outro homem pense em mim como uma amante e me potencial. —

Ele perdeu o cordão da cintura. De repente parou. —

Oh, então há minha mãe. Sabia que algum idiota falou sobre os Dragões Mortos e que eu era um membro? Idiotas me frustram como o inferno.

— Frustramo quê?

—

O inferno. É algo que minha mãe fala. Maldições da época vitoriana. — Ele de repente parou. —

Sei que minha botanã osaiu por sua própria conta. De qualquer forma, qualquer um que conheça minha mãe sabe que não deve focar sobre certas coisas com ela. Posso imaginar notícias sobre nós. Ela vai chorar durante um século por causa da minha virgindade.

— De verdade? Por quê? — Llyr franziu o cenho. — Tenho certeza que exagera.

— É sua cultura. São sérios com a coisa da noiva virgem. —

Calçou uma bota e começou a caminhar procurando a outra. Llyr chegou às suas costas e pegou a bota que faltava e a segurou no alto. E lá não viu de imediato, assim simplesmente esperou que ela olhasse em sua direção. — Oh, aí está. —

Me decruzou até que ele pegou a bota.

—
Assimquetodososhomenseasmulheressãovirgensquando sec
asam?—

PerguntouLlyr,estranhamentefascinadocomocostume.

Medesorriulevemente.

—
Apenasasmulheres,nãoooshomens.Oshomensnãovivempelom
esmopadrãovirginalcomoasmulheres.Hánormasdiferentes.O
shomensgovernamoexterioreamulhergovernaacasa.Sevocêa
chaqueosDraigsãoestritosquantoaospapeismasculinosefemin
inos,nãoviuoscostumesvitorianos.

—
Istonãoparecejusto.—
Llyrnãoseincomodouemficardepéparavestiracalçasobresuas
pernas.Estavadecostaseempurrouseusquadrisesdeamarrar
oscordõesnacintura.

— Exatamente.—Elaviroudecostasparaele,semolhá-
lo,masnãoparafazerrealmentequalquercoisaquandoacrescen
tou.—Nãoéqueseráumnoinovirgememseucasamento.

— Já não mais.—Ele concordou.

—
Quer dizer, você provavelmente teve mais mulheres que se pode.
..—Suas palavras pararam de repente e ele se virou para olhá-
lo.—Disse “não mais”? Ontem à noite...? Eu fui...?

Llyrri antesua surpresa. Soube a vida toda que estava destinado a estar com ela. Como poderia ter ficado com outra mulher? Sim, a se estranheirasse ofereceram, mas nunca se sentiu tentado.

—É tão difícil de acreditar?

—

Mas você é um príncipe. Sei que Rolante teve com... quer dizer, eu o ouvi conversando com alguns dos homens sobre as mulheres que se oferecem a realeza. —

Mede parecia confusa, como se quisesse acreditar, mas via como era possível. Ela pegou as botas dele e levou até ele. —

É muito bom nisso.

—

Obrigado. —

Disse arrastando as palavras, alcançando as botas. —

Você é bom nisso também. Então devos suspeitar que não era sua primeira vez?

— Claro que era. — Ele rejeitou. Logo sorrindo, disse. —

Acha que sou boa?

Agora que estava vestido, ficou de pé e se aproximou dela. Tocou seu rosto.

— Sim, Mede, muito talentosa. — Llyr se moveu para beijá-la, desejando-anovamente. Seupautremeu com a lembrança do que compartilharam.

Mede se retirou.

—Devemosarrumarnossascoisasesairdaqui.

—

Você não estava preocupada como que pensariamos outros onde
m quando veio aqui comigo. — Decepção soou em sua voz.

—

Isso foi antes de nos convertermos em amantes. Agora é diferente
. — Ela pegou os sacos de dormir e guardou na bolsa. —
Eu disse que não queria minha reputação arruinada.

—

Ninguém vai saber a menos que você diga... ou a menos que nós seja-
mos pegos no ato.

— Ele sentou no chão. — Disse ele se achando seu braço. —
Devemos tomar um banho. Ou ir correr para tirar o chão.

Ele tinha um ponto. Se o chão ficou em seu corpo. Era glorio-
so não estava pronto para lavá-
lo. Uma parte dele ficou ferida com sua insistência em esconder o q-
ue eram. Como podia não sentir sua conexão? Não suspeitava que
seu cristal era falso?

—

Há uma cascata na frente. Apenas siga o caminho. Podemos nos li-
mpar ali. Os mineiros trabalham em um lugar completamente dife-
rente. —

Ele fez um gesto para uma abertura após a qual entraram.

Ele levava a bolsa e seguia sua direção. Com um leve suspiro
da, ele disse.

—
Seu bolso está brilhando. Alguns bichos querem dar um passeio.

Llyr olhou para baixo. O cristal que se escondeu escondeu.
. Tirou-o do bolso e tentou levantá-lo para mostrar, mas ele caminhou adiante. Suspirando, colocou-o novamente no tecido escuro e uma vez mais o escondeu. Mede precisava descobrir sozinha. Algo no seu íntimo sabia que isto aconteceria. Do contrário, podia fazer com que o cristal que fez com ela — destruí-lo para impedir o processo de casamento. Por muito que confiasse no destino e nos deuses, estava muito assustado para mostrar-lhe a verdade.

* * *

Mede não tinha certeza de porque caminha tão rápido através da caverna. Por algum razão parecia difícil respirar quando ela ficava muito perto de Llyr. Concentrou os olhos mudados diante, ignorando os insetos e as patas que se escondiam nos buracos e apenas saiu para picar os lagartos pequenos que corriam através de seu caminho. Não demorou muito para ouvir água e se não houvesse ajuda encontrou lugar. Os passos de Llyr atrás dela a fizeram ir mais rápido.

O som da água ficou mais forte, um trovão constante. Os passos de Llyr aumentaram o ritmo. O coração de Mede acelerou rapidamente. Luzas audíveis já não precisavam de olhos mudados para ver. O ar frio lhe beijou a pele ao entrar na câmara.

Acascata quedetectouforadacavernacaíaporumaabertura,criandoumaparedemóveliluminadapelaluzexterior.Amaiorpartedaáguafluíaapelaladeiradamontanha,maschoviapelacavernaparaalimentarumapiscinaquecobriaquasetodooolugar.Musgoestavapenduradoemgrossascordaspelasparedesecolunasnaturais.Eramverdesegrossospertodaáguaondeosolbrilhavaatravésdacascata.

Llyracapturouportrás.Abolsadeslizoudeseuombroecaui fortetochãodurodepedracomruídosurdo.Envolveusuacintura eapuxoucomforçacontraele.Umarrepiopercorreuseucorpoeelafechouosolhos.

Medenãotentendiasuaconexão.Suamenteracionaltentavapensar,maseleatocava,elaseesqueciadesimesma.Talvezfossenanovidadedeterumamante.Talvezanosdesuamãefalandocomelafinalmenteentraramemseucérebrosemquesoubesse.TalvezagoraquefinalmenteseconverteuenumDragãoMorto,suamenteprecisasse deumanovaaventurae escolheuLlyr.

Eles não estavam destinados.

Eles não foram escolhidos pelos deuses.

Eles não estavam destinados a ficarem juntos para sempre

.

Mas então...

— Não fuja de mim. — Sussurrou Llyr.

O coração acelerou com suas palavras. Havia uma suave vida nelas, quase uma súplica que a fez sentir uma grande emoção. Tentando soar confiante e segura, disse.

— Porquê? Acha que é de você e não que queria uma corrida?

Deslizou a mão por seu pescoço, pelo braço que descansava entre seus seios. O braço aoredorde sua cintura era como aço quando a abraçou com força ao seu corpo. A evidência de seu desejo pressionando-a por trás.

— Sintoseu coração acelerado. —
Ele estendeu os dedos sobre seu pescoço. Sua voz baixa em um timbre sedutor. —
Sintoseus pulmões agitados. Não acho que deseje correr, minha dama.

— Mede. —
Ele corrigiu automaticamente, já sem fôlego como ele apontou.

— Acho que quero sentir novamente. —
Llyr moveu os quadris. —
Você me quer dentro de você. Quer me cheiro em você. Quer prazer. Diga. Diga para soltá-la, minha dama.

—
Mas se me soltar, príncipe, então não será capaz de fazer todas as coisas. Eu poderia escapar. — Brincou.

Um grunhido baixo revelou o dragão em seu tom. A mão em sua cintura num instante deslizou para baixo, passando pela

barriga até seu sexo. Ele a massageou através da calça. Tremia em quanto o prazer a abriu e caminha através dela.

Esqueça sua mente racional. O que ela sabe de qualquer forma?

— Você quer me upar. —

Llyre entrou no seu rosto e seu cabelo e seu fôlego tocaram-na. Ela estremeceu e pequenos arrepios percorreram sua pele.

Ela assentiu com a cabeça, rendendo-se.

— Sim.

Llyre puxou seu ombro, obrigando-a a girar seus braços. Seu peito parou o impulso à medida que ela pertava contra ele. Lábios quentes pressionavam os dela. Suas mãos se converteram em frenesim de movimentos, desnudando-se. Roupas voaram e a redonda caverna. Vagamente ouviu um movimento atrás dela, mas decidiu ignorar. Fosse o que fosse poderia esperar.

Ela queria mais dele. A sensação de suas mãos e boca não era suficiente. Envolva os braços e a redonda como se fosse devorar.

* * *

Llyre não podia se controlar. Foi atrás dela apenas para poder em tomar um banho e sair da caverna, mas seu corpo atuou fora da vontade de sua mente. Um olhar para ela e a água se viu obrigado a capturá-la.

Apelesuavemisturadacomumavontadedesafiadoracria
vaumamulherfrustrantementeperfeita.Comopodiar resistir?Lly
rpodiaserofuturorei,maseleiriainclinar-
sediantedestamulhercadavezquequisesse.Seelaotivesse,con
trolariaametadeDraigdoplaneta,porqueelacontrolaria.

Llyrsabiaqueistoeratãocertocomonadamaís.Claro,esta
serampalavrasquenuncaseriamditas.Umreinãopodiaadmitire
stetipodecoisas.Massentiaaverdadedelas.

Agarrando-
apelotrasedironu,elelevantoudochão.Elaenvolveuaspernasao
redordesuacintura.Llyrtentousemanterbeijando-
aenquantoprocuravaumbomlugar.Ochãoeraumacombinação
deáreaúmidaacommanchasdebarro.Aferrou-
seaseuspésetentouencontraralgoquepoderiaserumacama.Se
mprovaraágua,imaginavaqueestavamuitofria,assimnãqueri
anadarecorreroris codematareaçãoagorapressionadaentree
les.

Optandoporumaparededacaverna,levou-
aeaapertoucontraapedrademusgoacolchoada.

Llyrmanteveaforçaemsuaspernas.Medeagarrouasvidei
raspenduradasatrásdesuacabeçaantesdeenvolveracordagros
saaoredordeseupulsoparaajudaramanterseupeso.Emquestã
odesegundoselemesmosedirigiuaela.Aoverumseiopertodese
uslábios,elegemeu.Abriuabocaemordeusuavemente.Omamil
osefranziucontrasualínguaenquantochupava.Ocalorúmidade

seu sexo chamou e ele empurrou com força. Um rugido agudo escapou em seu reclame.

Moveu-se dentro dela, incapaz de impedir os movimentos de seu quadril.

Desesperadamente, ele precisava que ela sentisse o mesmo que ele e admitisse seus sentimentos. Estava desesperado e estava com uma paixão selvagem.

Seu corpo a acolheu perfeitamente. Tudo nela o acolhia. Se usasse a língua de sua boca.

Ele a agarrou pelas coxas e se inclinou para tocá-la com a testa dela. Medo e fôlego. Seu olhar manteve o seu, mudando.

O prazer se apoderou dela fortemente, culminando em uma explosão vertiginosa que quase o fez cair de joelhos. Apertou-a novamente contra as pedras quando seus músculos tensionaram. Medo puxou a videira. Viu seu braço flexionar antes da plantação romper. Seu peso repentino o fez tropeçar para trás. Seu pé escorregou no barro e ele amontou seu corpo enquanto caía no chão.

A areia rasgou-se e ele se irrompeu. Medo sentiu-se sobre sua cintura, pulando sobre seu pau quando caíram. Ele fez um ruído estranho gemendo enquanto seu corpo sacudia violentamente. Suas mãos apertadas contra seu peito, enquanto sacudia novamente, ainda encontrando a libertação.

Um breve gargalhado aturdiu-o e escapou.

— Está ferido?

— Não sei. —

Llyr moveu os quadris. O movimento com seu pau ainda dentro do
a causou um leve espasmo de liberação. Fechou o olho e gemeu a
nte o prazer.

—

Acho que talvez devêssemos reconsiderar a nossa posição na próxima
vez.

Llyr abriu um olho.

— Próxima vez?

—

Preciso de uma nova aventura. —

Sussurrou, inclinando-se para beijar a ponta do seu nariz. —
Até nos vemos obrigados a ir ao Festival de Reprodução para encon-
trarmos companheiros, será a minha.

—

Então vá ao Festival? —

Ele deixou suas mãos sem mover até seus quadris.

—

Tenho que ir. Não tenho quem me case. —

Mede ficou de pé. Ela fez um aceno quando suas pernas se estica-
ram. Seus joelhos se arrastaram na queda. Silenciosamente se ofe-
receu para ajudá-lo a se levantar.

Llyr levantou e tirou a areia do traseiro. A carne ardia.

— Há uma unidade médica na bolsa.

—

Limpe-se primeiro. — Disse Mede. Aproximou-

se da água e colocou a ponta do pé. —

Você não irá querer um curativo com areia em sua pele. Gostou de

utraseiro como é. Não precisatransformarestepedaçoemalgopa
recidoaumyorkincareca.

— Comominhadamadesejar.— Respondeu Llyr.

Medearqueouumasobrancelha,masdestaveznãoocorrig
iu.

Capítulo Nove



—
Oreienviouummessageiroeoconvocaaopaláciodeimediato.—
DisseTomos.ManteveosolhosafastadosdeMedeenquantoolha
vaoPríncipeLlyr.—Elenãodissepor que,apenasqueé
umaquestãoreale requersuaassistência.

— Nãoháinformações?—PerguntouLlyr.

— Nada.—DisseTomos.—
Apenasquedevefazeraviagemdeimediato.

Medeobservouosdoishomenscominteresse.Llyrconseg
uiusairdacavernasemincidentes.Osmineirostralhavamemu
macâmaradiferente,longedeondecaminhavam.Quandosáira
m,Tomosestavaencostadoemumarochaesperando-os.

Llyrassentiuelogosevirouparaela.

—Vemcomigo?

— Aopalácio?—
Medenegoucomacabeçainstantaneamente.—Não.

— Tomosficaráaquicomsuafamília.—InsistiuLlyr.—
Gostariadecompanhia.

MedeolhouparaTomosquepareciasurpresocomoplano.S
uavozmuitoaltaquandorespondeu.

— Não. Acho que vou para casa ajudar minha mãe... a fazer... algumas coisas. Não é um longo caminho até o palácio. A estrada é fácil. Ficará bem.

— Com o príncipe, não deveria viajar sozinho. — Disse Tomos. — O peso da coroa.

Llyr sentiu como olhar. Med viu Tomos olhar duro. O homem levantou as mãos e se afastou dela. Caminhou vários passos adiante, deixando um pouco de intimidade.

— Tem medo de ir ao palácio? — Llyr arqueou uma sobrancelha.

— Não tenho medo de nada. — Med ficou rígida.

— Não tenho certeza. Você está evitando os convites reais há algum tempo.

Med mordeu os lábios. Abaixando a voz, perguntou.

— Então notaram?

— Meus pais? Sim, claro, o rei e a rainha notaram que a única mulher do raço no planeta menos prezou o convite da rainha enviando desculpas em seu lugar. Várias vezes.

Med se aproximou mais. Um das suas botas caiu na água quando tiraram as roupas e agora fazia barulho cada vez que movia a direita. Ela virou a cabeça em direção a Tomos, sussurrando.

—Arainhaficouirritada?—

Pensou em sua mãe, chorando de decepção por algo que Mededeixou de fazer.

Llyrnã respondeu e não podia ler sua expressão.

— Se insistir que eu vá, então vou. —

Ela endireitou os ombros e tentou parecer indiferente. Tomara um ano, mas suas roupas não estavam realmente em forma para a corte real. Talvez se causasse uma má impressão, a rainha não a convidaria mais. Este pensamento não a deixou tão feliz como deveria. Ela queria que gostasse dela. Não simplesmente porque era mãe e a rainha, mas porque queria que o país de Llyr gostasse dela.

— Maravilhoso. —

Llyr agarrou seu cotovelo suavemente quando passou ao lado. — Arainha ficará muito contente. —

Deixou cair seu braço e deu uma palmada no ombro de Tomos enquanto passava por ele. —

Nos vemos no Festival, Tomos. Boa sorte para encontrar uma noiva.

Mededeu a Tomos um sorriso tenso. Abotafazia um barulho de água audível enquanto caminhava atrás de Llyr. Opalácio? No que se meteu?

* * *

A corrida para o palácio foi mais fácil em outra forma. Llyrnã o admitiria, mas a convocação o preocupava. Seus pais não o chamavam de volta ao palácio desde que era criança. O

comprovavam de formar regular, sabiam seu horário diplomático e fugia algumas vezes durante seu tempo livre para caçar ou acampar ou mais recentemente para se dedicar a sua futura esposa. Sem necessidade de olhar por cima do ombro, confirmando o que já sabia. Mede estava ali, mudada e correndo descalça sobre o terreno áspero. Ofereceu-se para encontrar suas botas por ela, mas riu dele, dizendo que aborrecaria rapidamente se ela não a usasse.

Não havia nuvens no céu tingido de verde e ossois brilhavam quente, mas Mede não se queixava, não que ele esperasse que o fizesse. A ampla trajetória de vermelho e cinza era um arco direto ao palácio por toda base das montanhas. Pico sem forma de lanças para virem desde a terra atrás deles como uma advertência da terra, ficando mais suave enquanto se dirigiam aos sulcos nas colinas. Quando mais longe viajavam, mais vermelho e cinza ficava, até o cinza de saparecer por completo.

Ossentimentos de temer não se dissiparam ao se aproximar do palácio, ainda que não pudesse entender porque estava apreensivo. Queria que Mede conhecesse seus pais. Por todos os direitos, deveria estar emocionado com o fato. Em troca, tinha um impulso de correr até sua casa.

—

Alguém vem. —

Disse Mede, parando sua corrida. Quando ele a olhou, estava em forma humana, mas seus olhos brilhavam enquanto ouvia a longo. — Um homem.

Llyrouviu também.

—
Estamos muito perto do palácio. Provavelmente seja um guarda.

— Não. É Rolant. — Disse Mede. —
Passei horas correndo com ele em minha iniciação. Conheço seu
asso.

Como se separar seu ponto, seu irmão aparece um cam-
inho. Mede tinha um bom ouvido. Llyr assentiu, impressionado.

Rolant sorriu e assentiu em sinal de saudação antes de
passar para Mede. No
mesmo instante ficou paralisado. Olhando para Llyr disse.

— Ossos dos deuses, Llyr, porque trouxe?

Mede ofegou em choque.

— Vou levá-la ao palácio. —
Llyr olhou para seu irmão em advertência. Rolant olhou o pescoço
de Llyr ainda com a pedra errada. — A rainha quer encontrá-
la há algum tempo.

— Não sabe o que aconteceu? —
Perguntou Rolant, seu corpo tenso. — Pensei que voltou para...

—
Papai enviou um mensagem para me encontrar. Ele apenas disse
que havia um assunto importante que tinha que atender. —
Respondeu Llyr.

— O que está acontecendo, Rolant? —
Mede perguntou, parando ao lado dos irmãos.

— Cynanse foi. — Disse Rolant. —
Dois dias agora. Sabene Dylan encontraram seu acampamento a
bandonado e Sabense guiou um grupo de felinos Varnos pântanos p
erto da fortaleza de Lorde Myrddin.

— O que está sugerindo é um ato de guerra. —
Disse Mede. —
Acha que Lorde Myrddin tem algo a ver com isto? Eusei que ele não
deia, mas iriase até revera isto?

—
Não temos nenhum prova além de seus homens que patrulham p
erto de nossas fronteiras. — Disse Rolant. —
Estapeleloira que conseguiu de vir de algum do palácio. Não sei
por
que, mas a maioria dos felinos loiros são recrutados como guardas
do palácio. Suponho que é uma coincidência?

— Ofelino lhe deu algum pista de sua identidade? —
Llyr pensou no que lhe contou, de como o homem tomou liberdade
se beijou. O dragão ele queria encontrar o guardado palácio e de
rrubá-
lo por isto. Não eram muito lógicos, mas o cérebro masculino do dragão
o estava por trás deste espetáculo possessivo dominante de amor
.

Mede negou com a cabeça.

—
Era apenas um Varcorrendo pelo bosque perto do agricultor no pã

ntano. Estava bem vestido e falava com eloquência, mas comparado a
Owain todos pareciam bem vestidos. Poderia estar protegendo
alguém mais nobre que. Ouviram a mulher e um homem.

— O quê? — Rolant perguntou.

— Estavam se acoplando. — Murmurou. —
Talvez o guarda estivesse ali como proteção? Disse que a mulher e
ra uma estrangeira e não estavam casados. Talvez o príncipe estivesse
correndo com alguém que não era sua esposa? Ouviram os ho-
mens casados e com frequência dormiam com outras mulheres.

— Chama-se meio casamento. —
Rolant franziu o cenho. —
No entanto, os membros da realeza não têm uma metade gêmea,
não que tenha ouvido falar. E o príncipe Attor casado?

— Não acho que seja ele. — Llyr se virou para Mede. —
Não vejo o príncipe deixando o luxo do palácio para ter um encontro.
Ouviram um pouco...

— Delicado. — Rolant ajudou.

— Sim, delicado. —
Llyr repetiu, no entanto, pensando. Nas poucas vezes que teve
um filho como homem, o príncipe Var pareceu um homem mimado. In-
clusive o rei Auguste indicou em uma conversa que Attor era um
fraco. —
Deuses ajudem os felinos quando este homem estiver no poder. É

possível que tenha ouvido falar da antiga casa nobre. Ele não a verdadeira ameaça. Orei é mais uma figura decorativa.

— Isto foi o que aconteceu. —
Mede lançou Llyr um olhar suplicante. Ele não iria dizer a ninguém sobre o beijo. — Ouvimos o casal. Peguei a pele. Saí. Agora, o que é isto sobre Cynan? —

Mede trouxe o temo novamente a o dragão que sumiu. A preocupação era evidente em seu rosto. — E por que não o meque aqui?

—
Ore reuniu os Dragões Mortos. Desde que Cynan é um dos nossos vamos atrás dele. Qualquer um dentro de um raio de cinco quilômetros do palácio vai ser reunido para a busca.

— Sim, claro. — Respondeu Mede. — Vamos agora.

— Mede, isto não é uma caça para tirar a pele de um gato. —
Disse Llyr. —
Isto não será agradável. Não sabemos o que está acontecendo.

— Mais razão para nos colocar em marcha. —
Mede disse entre dentes, com firmeza. —
Treinei toda minha vida para a batalha. Não tenho medo. Não quero a guerra, mas se me chamarem para a batalha irei. Não vou desonrar meu sobrenome.

— Eu aprobo. —
Llyr reconheceu o erro de suas palavras no instante que as falou, mas ele não queria pegá-las de volta. — É muito perigoso.

—
Você não tem o direito de me proibir. Não é meu pai e não sou uma criança. Você não é meu rei. Não é nada. É o príncipe que deveria estar mais preocupado em responder ao chamado de seu pai ao palácio do quem dizendo o que posso ou não fazer. Sou um Dragão Morto. Ganharei meu lugar. E Cynan não é apenas um irmão Dragão, é meu amigo. — Virou-se para Rolant. —
Evocê, não se atreva a me deixar para trás nas montanhas. Vou encontrar os outros e me preparar.

Me deseje afastou deles. Llyr tentou segui-la, mas Rolant agarrou seu braço e puxou-o.

—
Ela tem razão. Você não tem nenhuma autoridade para impedir-la agora que está aqui.

Llyr colocou a mão no bolso para se segurar seu cristal.

— Istomedá autoridade. Ela é mi...

— Sua o quê? — Rolant exigiu. —
Não tem nada para dizer. Não é seu marido. Ela tem que escolher primeiro.

— Mande-a para casa. — Llyr ordenou.

—
Eu disse para não deixar que a marcasse. Adverti que impedisse que ela tivesse a oportunidade. Agora está fora das minhas mãos. Ela é um denósenão posso favorecerê-

la. A tradição antiga e o decreto do rei ditam o contrário. —

Rolant colocou uma mão em seu ombro. —

Ela está aqui. Ela vem conosco. Eu a protegerei como fariacom qua
lquer dos meus irmãos.

—

Vou com você. —

Llyr fez um movimento para seguir Mede.

—

Não. —

Rolant agarrou o braço dele com força e apertou. —

Vá ao palácio. Tenho a impressão de que algo mais está acontecen
do ali do que simplesmente o sumiço de Cynan. Descubra o que é. P
roteja nosso povo. Cumpra com seu dever.

— Seela vai, eu vou. — Soltou o braço do agarre de Rolant.

—

Você sabe que não é o mesmo para você. É o nosso futuro e ie coman
dante e precisa de você no palácio. Está é uma missão na qual não
pode se unir a nós.

—

Não tenho medo dos Var. —

Llyr negou, apesar de saber que seu irmão tinha razão. Ganhou su
a marca na Ordem, mas ele tinha que cumprir com seu direito de ser
o primeiro na linha de sucessão do governo do planeta. Ameno squ
e fosse uma guerra, não participava de combates. Ninguém pe
nsaria menos dele por não ir. De fato, se fosse poderia pensar qu
e não se preocupava com o futuro de seu povo. Mas, e seu futuro e o
de Mede?

— Vocêsabeoqueémelhor.—Rolantfranziuocenho.—
Nossopainãoenviariaalguématrásdevocêamenosquefossegra-
ve.TemquehavermaisnissodoqueodesaparecimentodeCynan.

Llyrodiavasuas circunstânciasatuais.

— Váaopalácioedescubra.—
Rolantempurrouseuombroparaqueelesemovesse.

Llyrassentiulentamente.

—EncontreCynanetraga-oparacasa.E,Mede,porfavor...

Rolantassentiu.

—Sefornecessário,dareiminhavidadoporela,Llyr,eujuro.

Llyrsabiadisso.RolantcorreuatrásdeMedeondeosDragõ
esMortossereuniam.Ficouolhandoolugarondeseuirmãodesap-
areceunalinhadeárvores.Tudodentrodeleexigiaquefossejunto
.Masseofizesse,desonrariaasimesmodesafiandosuasleis.Epio-
rainda,desonrariaMedeaodaraentenderqueelanãomereciaest-
arjuntoaoshomens.

— Portodososdeuses,mantenha-seasalvo.—
Llyrsussurrouatrásdeseuirmão.Éassimcomoasesposassesent
emquandoossoldadosDraigvãoparaabatalha?Otemoreopânic
oquenãopodiammostraraomundo?Odesejodohomemlutouco-
modeverdeumpríncipe.—Imploroqueamantenhamasalvo.

* * *

Cruzara fronteira para as terras Var nesta segunda vez, para Mede, em nada se assemelhava com a primeira. Antes, apenas o orgulho importava. Agora, a vida de Cynan estava em risco. O homem já poderia estar morto. Ninguém sabia porque os Var o levaram. Cynan com frequência acampava no bosque fora do palácio, vivendo da terra e sempre brindando a um amigo.

Não podia também deixar dependerem Llyrou como, de forma frustrante, ele colocou em dúvida suas habilidades frente a Rolant. Tentou realmente impor que fosse para casa porque eram muito perigosos.

— Guardesua ira para os Var. —
Rolant sussurrou, para não pertoda ela. Sem mudar para forma humana, falando no idioma Qurilixen. Agacharam-se atrás de uma árvore, esperando o sinal para seguir adiante. — Seique meu irmão pode ser um idiota, mas ele tem boas intenções.

— Não sei do que está falando. —
Mede mentiu, também sem mudar novamente. Precisava de seus sentidos em alerta máximo.

— Então não estava amaldiçoando-o agora mesmo em voz baixa? —
Rolant sorriu. Ele estava tentando aliviar seu estado de ânimo, mas via a preocupação em seus olhos.

—

Talvez estivesse. —

Medelevantou uma mão para colocar fima conversae logo aponto
uà distância onde viu um movimento dentro de uma clareira.

Rolant seguiu seu olhar. Durante um longo momento ficou
molhando. Alguém diante dele soltou umasso vivo eumpássar voou.
Relaxou sua guarda e se levantou para seguir adiante.

Overdede suas roupas se misturava ao redor, como a cor marrom
de sua pele blindada. Os Vares estavam em desvantagem quando
se moviam pelo pântano, em razão
de sua pele colorida nem sempre conseguiam se esconder. Até agora
viajaram sem incidentes, seguindo o exemplo de Saben até onde
determinava o caminho.

Estavam perto do lago, tão perto que se viram obrigados a en-
trar na água putrida. Os ninhos de serpentes se contorciam, adve-
rtindo-
os do perigo que era realmente a água. Mede saltou sobre um galho
particularmente grosso, vermelho e negro para deslizar e cair no
arro. Por sorte, conseguiu se equilibrar e não cair.

—

Cuidado com as marcas no terreno. —

Rolant ordenou. Mede fez uma careta. Ela já sabia, mas não podia fa-
zer nada para responder sua repreensão. O deslizamento foi um
acidente. Ele assentiu com a cabeça sobre o pântano onde ela pode-
ria ter distinguido o muro de pedras sobre a água. —

A Fortaleza de Myrddin. —

Musgo de um tom doente de amarelo e verde lhe lembrava

depuse infecção estava aoredordocastelo. Pelo que ouviu falar de Myrddin, era uma cena apropriada para o homem.

Rolantalevoulongeda fortaleza. Aoverosoutros dragões se unidos juntos em um pequeno lote de terra seca, se reuniram com eles.

— Cheira agatomolhado.—
Arthur tocou a ponta do nariz torcido.

— O castelo de Myrddin está logo ali.— Disse Rolant.

— Quem levou Cynan a campou ali.—
Sabena pontou a orientação de onde vieram e logo moveu os dedos para apontar ao sudoeste.— Mas continuou por ali.

— Está longe da fortaleza.— Rolant franziu o cenho.—
Assim quem não podemos culpar os antigos nobres da casa?

— O que aconteceu como agricultor do pântano?—
Mede perguntou.—
Elenão estava longe daqui quando o encontrei. Estava irritado por o perseguirmos e reclamamos sobre seu licor. Não o vejo capaz de idealizar um plano, mas se tiver amigos...

— Eupensei o mesmo.— Respondeu Saben.—
Revisei os alambiques atrás de seu astro. Não havia evidência de que estes bêbados fizessem algo, além de andar por aqui.

—
Myrddin pode ter saído da pista para nos enganar e logo voltou aqui para a fortaleza.— Disse Arthur.

— Não confio em Myrddin, mas seguirei o astro. —
Disse Rolant, sua decisão tomada. —
Se entrarmos e não encontrarmos Cynanali, perderemos qualquer oportunidade de encontrá-lo.

— De acordo. —
Sabem, assim, uma vez que eu fui para dirigir o grupo fora da fortaleza.

Não conversaram muito enquanto andavam pelas terras Var. Medo manteve seus olhos no chão e nas árvores, em busca de pistas de que um grupo poderia ter passado. Foi Dylan quem finalmente encontrou várias pistas. As pegadas eram fáceis de seguir, mas não havia nem uma garantia de que era o grupo correto de Var.

— Marcas de algo arrastado. — Sabem apontou.

— Poderia ser uma partida de caça. — Disse Arthur.

—
As presas nestas pedras não são tão grandes. Tem que ser ele. —
Rolant não esperou que concordassem com ele e acelerou o passo através das árvores. Medo seguiu sem hesitar. A apreensão que sentia era compartilhada por todos, via em suas expressões graves. Mas nenhum a demonstrava, nenhum guerreiro vacilava.

— Eles pararam aqui. —
Rolant franziu o cenho, olhando o chão. Ficaram em uma pequena clareira de terra firme aolado de um aborígene. Obosque est

ava em silêncio, talvez muito tranquilo, mas não podia detectar a presença de algum Var. — Ele simplesmente sumiram.

Mede levantou os olhos do precipício e lentamente retrocedeu. Justo acima de onde determinava as pistas havia uma pequena enseada de pedra. Ela abaixou a voz em um sussurro.

— Uma caverna. Lá

Juntos os homens dragões olharam para cima e se afastaram da borda para ver onde indicava.

— Podemos subir. — Disse Saben.

—

Mede e Dylan que são menores. Precisamos de você caso haja um espaço reduzido. Vocês dois subirão comigo. O resto fica aqui vigiando. —

Rolant ordenou antes de saltar e subir pela parede de escarpada. Seu pé escorregou, mas rapidamente conseguiu se endireitar. Mede e Dylan obedeceram, indo atrás. A pedra era suave e as peças irregulares não permitiam muito espaço. Enquanto se aproximavam do topo, Rolant agachou e estendeu o braço puxando-a para cima e sobre a borda, antes de fazer o mesmo com Dylan.

Estavam de pé em uma borda larga na entrada da caverna. Uma escada de cordão enroscado não o pertencia. Mede chamou para o caso de ser necessário para os outros subirem. Rolant mudou a forma humana para passar através da abertura pequena da caverna. Seu corpo dragão não era flexível o suficiente para passar.

Medeoseguiu,forçavaausarasmãoshumanasparaabrirc
aminho.

—NãohácomoteremtrazidoCynanaqui.

Rolantapontouumaespessamanchadesangueedeimedi
atotocou-o.Eleo cheirou.

—ÉDraig.

* * *

Llyrolhavaparaobosquedobalcãodoescritório.Asacadad
epedralheimpediasaltarpelaborda.OdesejodeiratrásdeMedee
ratãofortequemalpodiaseconter,masaquedaprovavelmenteiri
amatá-
lo.ElaestavaalinobosqueVar,caminhandoatravésdospântanos
eapenasosdeusessabiamoquemais.Suasgarrasarranharamap
edra.

Opalácioeramaisumafortalezaqueumcastelo.Sealguém
olhassedebaixo,nãoveriamasjanelasouassacadasdosquartos
eais.Oexteriorfoicuidadosamentetalhadocomumaspectonatu
ral,comoabordadeumamontanha.Ovalequerodeavaseriaonde
secelebrariaoFestival.Maisalém,haviaopequenopovoadopert
odasenormesárvores.Podiadistinguiroscaminhosdepedraforr
adosequadradosentreascasasdemadeiras.Opovoeraumalem
brançadoporquenãopodiairatrásdeMede.TodopovoDraigesta
vasobaproteçãodaCâmaraDraig,acasadeseupai.Sobogovern
odesuafamília,asfamíliasprosperavam.Ninguémpassavafome

.Ningúémficavasemrefúgioamenosquequisessem.Todostrabalhavamecontribuíamdentrodesuaspossibilidades.

SeuolharpassoupelasaldeiasVar.Opríncipeeohomem.Comopodiaescolherquecaminhotomarquandolevavamemdireçõesopostas?Seupovo?OuMede,seucoração,suarazãodeviver?Inclusiveagoraelpoderiaestarempерigo.

Eleagarrouapedramaisforte,arranhando-aemsuafrustração.Anteosomdeumdeseuspaisseunindoele,virou-secomimpaciência.

—

EuseisobreCynan.ViRolantemmeucaminhoparacá.Queoutra coisaaconteceu?

ArainhaLornalevantouasmãosesemoveupara frente,comoseparaacalmaraferaselvagemdentrodeseufilho.Elanãoeaumamulherdragão,maslidavabemcomosDraig.ArainhachegouaQurilixenquandotinhaidadeosuficienteparasecasar.Elatinhaoscabelosescuroseosolhosdeseupovoenãoseencolhiadiantedeobstáculoscolocado semseucaminho.ComoaúnicafilhadeumapobreartesãSerean,suamãeaprendeuafazermoveisaindamenina,ajudando-aatalhar.Elafezistoemvezdeirpara aescolaenãosabialernada,nemmesmoSereanatéseusvinteanosdevida.Estainfânciaadeixoucomcicatrizesnasmãosquenuncatentouesconder.

— Relaxe, meu filho. —
Disse a rainha. Ela colocou a mão em seu peito. —
Seu coração está muito acelerado de preocupação.

— Lorna, onde está... —
A voz do rei sempre arrouca com ela, como se suas cordas vocais se
bloqueassem de forma permanente em meio a uma mudança e af
etasse seu tom. — Aí está.

O rei Tarederam muito parecido com o herdeiro do trono, Llyr,
uma paixão do povo e seu protetor com sua família, de tal man
eira que os dois homens poderiam, inclusive, se replicar, mais ou
menos por algum cicatriz de batalha. Rolant parecia mais um
a combinação de seus pais, como o cordão e as feições de Sere e de
uamãe.

— O que está acontecendo? Eu deveria estar com o grupo de procura
por Cynan. — Llyr fez um gesto além das fronteiras.

— Bom, então sabe que há uma urgência. — Disse o rei.

— Há algo mais? — Llyr apertou o balcão.

— Todos sabem que Cynan acampou sozinho. —
Seu pai foi à frente. —
Acho que não iríamos descobrir que desapareceu tão rapidamente
e. É possível que tenham sido levados para poder dar informações sob
re os dragões mortos, nosso exército ou o palácio. Ele tem privilég
ios como os seus.

— Cynan tem sempre cuidado. —
Llyr sabia que era um fato. Era um guerreiro muito forte.

—
Não temos certeza do que aconteceu. Havia marcas de algo sendo arrastado em seu acampamento. É possível que nem sequer teve a oportunidade de lutar. — Orei observou seu filho. —
O que sabe de nossa fêmea dragão? Lady Medelyn.

— Eua conheci. —
Disse Llyr com cuidado. Ele pensou, sentindo-se culpado pela pedra escondida em seu bolso. —
Ela está como os Dragões Mortos atrás de Cynan.

— Deixou uma mulher ir? —
A voz de rei Tared se levantou pela surpresa.

—
Ela é mais dura que muitos homens da nossa espécie. Rolant garantiu que está treinada para a guerra e ela é um membro da Ordem. Vo-cê decretou que todos os Dragões Mortos dentro de um raio de cinco quilômetros deveriam se reunir para um grupo de busca. —
Llyr teve que afastar o olhar do olho de observação de seu pai.

— Você deu a ordem, meu rei.

— Por que não uma mulher? —
A rainha Lorna exigiu de seu marido.

—
As mulheres devem ser protegidas a qualquer custo. Os homens são guerreiros. As mulheres pertencem às casas sob nossa proteção.

Estafoiaformacomoosdeusescriaramosgêneros.—

Oreidefendeusuaposição,masLlyrtinhaasensação deque seupa
isedesculpariaprofusamentecom suaesposaquandoestivesse
msozinhos.

ArainhaLornabufou,masnãodissemaisnada.Sim,seu
paiiriatermuitasdesculpasparapedirmaistarde.

— PorquemeperguntasobreLadyMede?—
Llyrchamouaatençãodeseuspaisnovamenteparasimesmo.

—
RecebiuamensagemmdoreiVarqueperguntavasobrenossafê
mea.Solicitoupermissão paraparticipardenossoFestivaldeRep
rodução.—OreiTaredbalançouacabeçacom incredulidade.—
Em todosmeus anos,nuncaouvifalardeumVarserconvidadopar
anossafestasagrada.Nãoencontroubommotivoparaseupedi
do.Temosumafêmeaaanos.Porqueperguntarporelaagora?Log
oquandoCynandesapareceu.Atéagora,penseiqueoreiAuguste
queriaquenossapazdurasse.OsVars
permaneceramdoseulado.Ficamosnonosso.Nenhumadaspart
estemnadaavercomaoutra.Gostoassim.Estepedidomeinquiet
a.

Ocoração deLlyracelerouviolentamente.Oquequeriaorei
AugustecomMede?Eelaestavaali,nestemesmomomento,note
rritórioVar.Osequestroeraumaarmadilha?

—
QuandoMedefezsuainiciação pelobosqueVar,voltoucomumap

eleloira, não a pele de um agricultor do pôntano como a maioria dos homens. E se foi assim como orei Auguste ou viufalardela? Se encontrou alguém da casa real, poderia contar o aorei. Ela é bonita e forte, causa muita impressão.

—

Não há nada mais que possamos fazer a respeito, mas apenas esperar notícias de Cynan. — A rainha tocou o braço de seu marido. — Devemos ir ao templo e pedir aos deuses para protegê-los. É mais produtivo que especular.

— Vamos filho. — Orei fez um gesto para Llyr segui-los.

—

Dê-me um momento. —

Disse Llyr, tentando manter o controle. — Já vou.

Sua mãe sorriu suavemente. Seu paide formabrusca. Ambos se foram.

Porque orei Varqueria ir ao Festival de Reprodução? Orei Auguste esteve casado umavez, mas sua companheira morreu. Não tinha certeza de exatamente como funcionava, mas os Varnão eram como os Draig. Nem sempre se casavam com uma mulher apenas. Podiam, mas também podiam ter muitas companheiras. Em teoria, supunha-se que um Var podia tomar várias mulheres e logo uma companheira. A ideia era estranha para Llyr. Como podia um homem amar mais de uma mulher? Como podia um homem se casar com ela se não estava completamente apaixonada? Se a companheira de Llyr morresse, nunca iria se recuperar da perda. Llyr virou-

senovamenteparaopovoadoeasterrasdafronteira,sentindo-sepiorqueantes.Poderiasearriscarpelamulherqueamava,quen emsequerpoderiaestarempерigo?Oudeveriadefenderahonrad eseutítuloeffazeroqueatradição,seuspais,osdeusesaleiDraig exigiadele?

Comodeveriaescolher?

Comoiriaescolher?

Capítulo Dez



Medelevantouacamisatúnicaepuxouaespadadacintura. ElaesperouenquantoRolanteDylanfaziamomesmo.Seusolhos semoveramparaquepudessevernaluztênedacaverna.Apedra eravermelhacomoeira adopalácioDraig.Otúnelseabriaemumagrandecavernadeform açõesdecristaisquerefratavamaluzeaconvertiaemumarco- írisprismático.Enseadaspequenasnãorevelavamnadaalémder ochaeterra.Pegadasfrescasestavamnochãosujoeelasasseguir amdentrodostúneis.Aindaquehouvessealgunsgiros,seantiv eramnocaminho.Aspistasterminavampertodeumafortedescid a.

QuandoRolantvacilou,Medesaltouprimeiro.Apedraesta vaúmida.Eladeuumpassocomcuidadosobreaspóçasdeágua.D erepeteparou,levantouamãoparaosoutrosdoisfazeremomes mo.Umaportadeferrogrossaestavanofinaldetúnel,emumlugar ondenãodeveriaaterumaporta.

Elacolocouamãosobreaporta.Estasemoveuaoseucontat o,batendonomarcoantesdeseabrirosuficienteparadeixaraluze ntrarnotúnel.Ouviu,capazdedetectaroquepoderiaserumaresp iraãosuperficial.

Rolantaagarroupelobraçoepuxou- acomumolhardeadvertência.Inclinou- separaolharaluz.Lentamente,abriuaporta.Movia-

seemsilencio.Ohomemsaiuàluz.Medeoseguiu,ignorandoome
doemseuventreeasbatidasaceleradasdeseucoração.

Estavamemumlaboratóriodealtatecnologia.Apedradoc
hãodacavernaestavaforradacommetal.Cadeirasforamempurr
adasforasdastabas.Documentosearquivosestavamespalhad
ospelasmesas.Quemquerqueestevealidesapareceu.

— Quelugaréeste?—
PerguntouMede,olhandoparaDylan.Moveu-
seaummonitordecomputadorecomeçouaprocurarnosarquivo
s.

— Éminhairmãdragãoouestoualucinando?

Medeficourígidaevirou-
separaavoz.CynanestavapresoemumajaulajuntoaumOwain
morto.Ocheiroquaseinexistentediziaqueamortefoirecente.Lin
hasdeliquidonegrosaiamdonarizeolhosdeOwainemumapoçan
ochão.Estavamuitoescuroparasersangueetinhaumcheiroestr
anho.

— Cynan!—
Medealcançouaportadajaulaeasacudiu.Atrancaeramuitoforte
paraseromper.Paraosdemais,elagritou.—
Precisodeumachave.

— Não,pare.—DisseCynancansado.—
Vocêdevesairdestelugar.

— Viemosporvocê.—
Medeobservouseurosto.Pareciadoente.Tinhaolheirassobosol

hos. Tossiu, muito fracoparalevantaramão. Uma pequena linha
e agradeceu por seu queixo. — O que aconteceu? Quem fez isto?

—

Os Varmes capturaram. Tinha que ser um Var. Invadiram meu acampamento, acertaram-me com algo e a próxima
coisa que vi foi que a cordeia aqui junto a este filho da puta ruído, ro
deado por quatro cientistas estrangeiros. —

Os olhos de Cynan foram brevemente para Owain. —

Pelo menos está tranquilo agora.

— Onde foram? — Perguntou Rolant.

—

Não sei. — Cynan fechou os olhos. —

O cientista nos injetou algo. Quando este agricultor do pôtanoco
meçou a ficar doente entraram em pânico e saíram daqui. Não pod
eríamos sequer fazer de centenas de nós a miséria.

—

Vamos levá-lo para casa. — Disse Mede. —

Dylan abra a porta.

—

Portodosos deuses. —

Sussurrou Dylan. Seu rosto pálido enquanto se afastava do monito
r para olhá-la. — Não acho que podemos.

Cynan voltou a tossir. Algum negro saiu de seu nariz e pingou no
peito.

— Ajude-o! — Ela exigiu.

—

Não há nada que possa fazer. — Insistiu Cynan. —

Deixem-me. Fechem este lugar com uma rocha.

—

Não.—

Medenegoucomacabeça.Aslágrimasdeslizandodeseusolhose elanãoseimportavaquevissem.Estendeuamãoparaajaula,tent andotocarCynan.—Dê-mesua mão.

—

Mede,nãotoqueonegro,écontagioso.Eletemrazão.Nãopodem osfazernadaporele.Temosquedeixá-lo.Estasubstânciaqueinjetaram,matashifters.Selevarmosda qui,vamosmatartodosqueotocar.Nestemomentonãoeestánoar ,masseestender-se,éapenasumaquestãodetempoantesquemudeeseadapte...

Medecaiunochão.Suamãoindoaofundodajaula,masnão apuxando.Elaapertouorostocontraasgrades.

—

Argh!—

Rolantgritoucomira,suamãoderrubandotudonamesa.Ospequ enosfrascosseespalhandoportodolaboratório.Medeignorou-o.Rolantsomenteatuavacomosesentia.

—

ContinueprocurandoDylan.—Sussurrou.—

Temquehaverumaformadeimpediristo.

— Encontrealgo.—Rolantrepetiu a ordem.

UmalágrimanegrasaiudoolhodeCynan.Medenãotinhace rtezadequantotempoficouolhando-o,desejandodesesperadamenteconsolá-lo incapazdechegaraele.Falavaemvozbaixa,semsaberoquere almentedizia,apenassuavozpareciadar-

lheumpoucodeconsolo.Elaviusuadorequistirá-
la.Apoucaprofundidadedeseupeitoeaquedasuavefaziaparecer
quequasenãosemovia.

— Vamosvingá-lo.—Prometeuaohomem.—
Nãovãovencer.

— Sefoi,Mede.—
DisseRolantcolocandoamãoseuombro.

— Sintomuito.—DisseDylan.—Eutentei.Eu...

— Foibompelomenosestarmosaquicomele.—
DeclarouRolant.—Ninguémddevemorrersozinho.

Medevoltouosolhosdurosparaopríncipe.EleeraumDraig.
Nãoestavadestinadoamorreremumajaula.Elaafastouamãode
Rolant.Virou-semoveu-
sepelolaboratório.Logo,aoverumjalecobranco,oagarroueaper
toucontraorosto.Ocheiromédicoaindaestavaali.Virou-
separaDylan.

—Abençoe-o.Enviou-
oparasesentaraoladodosdeuses.Nãodeixeseuespíritoficarnes
telugar.Logobloqueieestelugareoenterresobumarochaonden
nguémpossaencontrá-
lo porcentenasdeanos.Deixetudodentro.

Dylanmudouecomeçouacantaraspalavrasantigasparau
mfuneral.

Medenãopodiacontrolarseudragão,jáqueseapoderoude laemumaondulaçãoforte.Eladestruiuojalecocomiraelançouos pedaçosdelado.

—Vouçaçarestese strangeirosedestroçá-losempedaços.

Saiudolaboratório,correupelotúnelelogosaltoupelobura co.Rolantmanteve-seatrásdela.Ouviusuarespiraçoairritadaesabiaquedeveriaten tarimpedi-la.Correndo,elanãoparouatéseencontrarnaentradadacaverna doladodoprecipício.Medeesquadrinhoubosquedo alto do precipício.Seusolhosseestreitaramquandoseconcentrouem suavisão.Ospássarosvoaramàdistânciacomosesurpresos.Co mumgrunhido,elacaiumaisbaixopelarocha.Osdemaissereunir amaoredordela.

— Oqueaconteceu?—Arthurexigiu.

—

Morto.—

Medeconseguindizer,apalavraquasenaãosaindodesuagargant a.

— Mede?—Llyrdeuumpassodiantedela.Ochoquedevê-loacongeloounolugar.Deveterseunidoaogrupoenquantoelaest avanacaverna.Seusolhosseencontraramcomosdele.— Oqueaconteceu?

Rolantsaltou.

—Cynanestámorto.

—Dragõesàsarmas!—

Gritouela,correndoparaobosque.Semdúvida,seguiramseuexemplo,mudandoanteabatalhaqueestavaporvir.

Ouviumarisadanomesmomomentoquesentiuocheiroq
ueestavanolaboratório.Oruídoaenfureceu.Comoseatreviamar
ir?Comoseatreviamarespirar?

Disseumhomem.Falavaoidiomaantigodasestrelascomumsota
quequenãoreconhecia.—

Estenãoéseumundonatal,Cragenenãotemobrigaçõescomasle
isdesteplaneta.Logoteremosidoemboraenãoiportará.—

Respondeu o outro homem. Parecia mais jovem que o primeiro, com uma energia nervosa que quase podia cheirar e irradiar pelo bosque. Med seguiu o som.

— As coisas morrem com os sujeitos que foram cobaia. Ninguém se quer saber do que fizemos. Não importa. Esta pequena estúpida parte do planeta não importa.

— Não deveríamos ter aceitado este trabalho. — Respondeu uma mulher. — O código genético é muito forte. O DNA shifter é muito similar e se transforma na natureza. Olha onde nos colocou. Não há uma cidade decente neste planeta primitivo.

— Você foi aquele que podia ser alterado e acelerar o processo do Rastear Negro, Shann... shhouvia algo. — Disse a segunda mulher.

— Estás indo para noíca. — O homem mais jovem respondeu.

Med saiu de entre as árvores, as garras a mostra. Foi diretamente ao cheiro do jaleco que encontrou. Uma mulher ruiva gritou quando Med caiu sobre ela. O vestido prateado da estrangeira brilhou com o malvo.

Dragões surgiram do bosque. O zumbido de um laser passou por ela e acertou uma árvore. Todos os guerreiros foram treinados para usar um laser, mas eram considerados armados e sonrosos.

porque precisava de pouca habilidade para apontar e disparar e
mumalvo. Em todo caso, Qurilixen preferia facas. Ougarras.

— Pegue-o! — Llyrgrunhiu.

A raiva fluía através de Mede e era difícil se concentrar a lémd
e qualquer coisa que não fosse à vingança. Seu sangue se sentia co-
molava de dragão, queimando sob sua pele. Os dedos de Mede env-
olveram a garganta da ruiva e a virou sua presa pelo pescoço para
apoderar o melhor campo de batalha. Outro disparo de laser soou
. A ruiva se sacudiu enquanto era atingida nas costas. Ela abriu a bo-
ca para falar, mas apenas saiu sangue. Mede deixou cair o peso mo-
rto.

Rolante Arthur segurava uma morena pelos braços. A mu-
lher chutava violentamente os homens, mas eles não sentiam. Ai-
nda que um molhador de Rolante disse que ele queria rasgar
em pedaços a mulher pelo que fez. Llyr enfrentava o cientista que
ele chamava Cragen, quem apontava uma pistola laser para o prínci-
pe e o outro lado. O homem mais jovem, um humanoide estava ju-
nto a ele, chegando para pegar a segunda arma.

Mede correu de lado para derrubar os homens. O coração es-
tava acelerado de preocupação. O laser dirigido a Llyr poderia perf-
urar sua armadura de dragão facilmente. Um disparo mataria. O
observou o cano da arma. Se disparasse poderia impedir com seu co-
rpo. Ninguém mais morreria. Hoje não. Não Llyr. Por todos os deus
es, por favor não Llyr.

O homem disparou. Medesaltou diante de Llyr para tomar a explosão. Llyr grunhiu com ira e apuxou para seus braços contra seu corpo. O coração batia com tanta força e queimava tanto que pensou que Cragen fez um buraco em seu peito. Llyr tentou virá-la, mas ela lutou contra ele, usando o corpo para protegê-lo de outro disparo. Esperou a dor ardente da morte, mas ela nunca chegou. Quando o solhou para baixo, estava inteira.

O cientista mais jovem caiu de joelhos com um olhar de asombro no rosto. Cragen disparou em seu colega no peito no momento que tentou tomar a pistola. O homem virou a pistola dirigida a Llyr de lado e disparou novamente, desta vez acertando a morena que estava com Arthur Rolant. Ela caiu e fez um ruído de borbulhante. Os dragões diminuíram seus domínios sobre ela.

O homem estava matando sua própria gente. Medesoltou o sedo e agarre a perna de Llyr. Ela grunhiu a o cientista. Precisava saber quem o contratou antes de matá-lo.

—

E não se sabe falar meu idioma, mas Shann não olhou de lado e correu. —

Disse Cragen. Estava claro que não entendia a língua do dragão. — A potência estava errada. Esta doença é muito pura em seu estado atual e a cura não é forte o suficiente para funcionar ainda. Não era nossa intenção matar ninguém.

MedeselançouaomesmotempoemqueLlyrofez.Llyraem purroudelado,foradoperigo.Ocientistavirouolaserparasuacab eçaeatingiuasimesmoantedepoderserdetido.

Medeolhouoscadáveres.Elanegoucomacabegasemener gia.Istonãoeaoqueimaginavaemsuaprimeirabatalha.Suacab eçaeastavazonza.

—Oqueacabadeacontecer?

— Voltou-secontraosseus.—
OolhardeLlyrestavairritadosobreodelaetevequeafastarosolho s.—Alguémquermeexplicaroqueestamosfazendoaqui?

— Eles...—
Mederespiroufundoe fechouosolhos.Araivanãosefoi.Veroscien tistasmortosnãotirousuador.Elaaindaqueriaromperalgo.

— MataramCynan.—Rolantterminouporela.—
Elesinjetaramnelealgocontagioso.Nãopodemosmoverocorpo comtemorqueeseestendesse.Tivemosquedeixá-
lonacavernaVar.Dylanestá cuidandodele.—Rolantvirou-
separaArthureSaben.—
Eumostrareiocaminho.TemosqueajudarDylanaenterrarolabo ratórioumavezqueacabarosrituaisdofuneral.

— Laboratório?Emumacaverna?—
ArthurperguntouquandoRolantcomeçouacaminharrapidamen te.Deixou-asozinhacomLlyr.

— Estálouca?Estetiroeraparamim!—
Llyrgrunhiu,girandoaoredordelaepuxando-

a. Tropeçou, não estava pronta para o movimento repentino de seu corpo.

Um alágrima deslizou de seu olho para a bochecha. A mudança tirou a energia de seu corpo.

—

Não me questione. Não tenho humor para me defender. Fize o que eu preciso: proteger o futuro rei.

—

O futuro rei? —

Perguntou. Llyr também mudou para a forma humana. —
Isto é tudo?

—

Sim. —

Ele fez um gesto fraco. Não. Não, isto não é o ratão. A ideia de ele morrer era mais do que poderia lidar. O medo que senti naquele momento subiu por sua garganta. Se ela o perdesse... se ele o perdesse Llyr... Me deu o olhar dos corpos antes de fazer seu caminho até os demais. Ele não poderia respirar quando o olhar para Llyr. —

Que apodreçam onde caíram. Não merecem uma sepultura adequada.

—

Mede, pare, diga-me o que aconteceu. Não parecevocê mesma.

—

O que está fazendo aqui? Suponha que tinha que estar no palácio.
— Disse a mesma coisa.

—

Um dragão estava com problemas. Não iria me sentar no palácio e

esperar.—

Llyraseguiuduranteváriospassosantesficarna frentedelaepará-la.

— Istoéexatamenteoque deveriaterfeito,príncipe.—

Medegrunhiu.—

Vocênãoopertenceaqui.Vocêéofuturodoreino.Istoémaisimportantequequalquercoisa...—

PensouemCynan,nãomuitoseguradesuadeclaração.—

Nãohánadaparavocêfazeraqui.Deveriateridoaopaláciocomoo reiordenou.

—

Eufuiaopalácio.MeupaimedissesobreosequestrodeCynaneasu speitadaparticipaçãoVaremeadvertiusobreoshomensdeLorde Myrddinaolongodenossasfronteiras.Tambémhaviaumincomum pedidodoreiVar.

— Quepedido?

Llyrnegoucomacabeça.

—Nãoestouautorizadoafalarsobreisto.

— Entãoporquemencionou?

—

Porquê...—

Passouasmãospeloscabelosemsinaldefrustração.—

Porqueeu...

—

Oqueestáfazendoaqui,príncipe?Vocêéofuturorei.Váficarnotro

no.—

Medeoempurrou.Suagargantaeeestômagoqueimandocomose houvesseengolidoumatochaoualgoqueelaprópriacozinhou.Apertouopunhocontraseupeito,tentandodeteroardor.—

Nãodevecorrerparaoperigo.Oqueaconteceráseforinfectado?O queaconteceráselhedispararem?Refiro-meapovo.Oqueopovofaráentão?

— Entãorolantiráherdarotrono.—

Gritounovamente.Suavozfezeecoerespiroufundoparaseacalm ar.Commaiscuidado,continuou.—

Nãosoumaisqueumfuturorei,Mede.Conheçomeudeverefuiaopaláciocomodeveria.Equandoterminou,vimporvocê,Mede.

— Pormim?—

Mededeuumpassoatrásparacolocardistânciaentreeles.—

Nãoprecisodaproteçãodeumhomem.

—

Nãoestouaquiporqueéumamulherqueprecisadaminhaproteção.Seievocêpodelidarcomtudocomoumdragão.—

OtomdeLlyreradesúplica,tentandofazê-

laentenderalgo.Nãotinhacertezadoque,noentanto.Tudoeram uitoconfuso.—Euvimporqueprecisavafazê-lo.Vimporque euteamo.

Elasoltouumalevegargalhadaparaabafaraslágrimas.As palavrasteriamtrazidoprazersenãohouvessevistoaprovadesu afalsidadeclaramentenocristallatente.

—
Ouviu, minha dama? Eute amo. Quando saltou diante de mim qua-
sem mata. Eute amo. —

Llyr tentou se aproximar, mas ela levantou a mão para impedi-
lo. —

Ossos dos deuses, mulher, estou dizendo que amo. Diga algo.

Mede-lambeu os lábios lentamente, tentando conseguir que
ele deixasse de tremer. Se apenas suas palavras fossem certas. Ela
negou com a cabeça.

—
Olhe seu cristal. Você não pode me amar. Eu apenas sou a única mu-
lher que conheceu. O sexo foi apenas... —

Seu fôlego ficou preso, mas conseguiu terminar. —

Uma má ideia. Está confundindo as coisas entre nós.

— Este não é meu cristal. Você fez meu cristal brilhar. —
Llyr alcançou os bolsos. — Eu provarei. —

Ele franziu o cenho, procurando os lados e desesperadamente ol-
hando para o chão. Mede a arqueou a sobrelha com incredulidad
e. —

Llyr, não faça isso. Tente alterar os fatos, não vá mudar nada. —

Ele deu um passo amplo ao seu redor para que não pudesse impedi-
-la. —

Não posso ter esta conversa com você. Tenho que ajudar a terra
e meu irmão agora.

—
Claro, tem razão. Foi egoísta da minha parte. Devemos honrar Cy

nan.—

Llyrpareciadesesperadoparadizermais,masnãoofez.Elaviroud
ecostasparaseuniraosoutros.

Medeparou,ouvindoseuspassos.

—Vem?Estamosemterritórioinimigonestemomento.

MedeesperavaqueadorquesentiaporCynanescondesses
eussentimentosporLlyrparaqueninguémpercebesseaprofundi
dadedesuaagonia.Hojenãofiumbordia.Erapossivelmenteop
iordiadesuavida.

Elanãoprecisavadesuapedratrituradaparahedizeroquej
ásabia.AmavaopríncipeLlyr.Pordesgraça,nãohaviaummapacl
arosobrecomooscristaisfuncionavam.Erapossívelqueseucrist
albrilhasseporLlyr,masodelenãobrilhou porela.Coisasrarasaco
nteciam.Suaprópriavidaeraumaprovadisso.Talvezelafossean
tinaturaleosdeusesnãoqueriamquesereproduzisse.Talvezasf
êmeasdragãonãodevessemexistir.Dragõeseramfortes.Supun
ha-
sequeasmulhereserammaissuaves.Talvezoequilíbriointream
ulhereodragãofosse muitodifícil,muitocontraditório,muito inst
áveletambémimpossível.

Llyrnãoestavadestinadoaela.Talvezfosseossussurrosdos
deusesquefizeramcomqueesmagassesuapedraquandocriang
a.Sabiamadorquesentiriaquandochegasseestemomento.Mas
mesmocomsuaintromissão não podiacurar com coração partido

.Não seria a razão do futuro rei Draïgnão ter filhos ou uma verdadeira
companheira ou o amor verdadeiro.

O sacrifício provavelmente a mataria.

E como podia estar tão concentrada em si mesma quando C
ynan estava morto? Ela deveria ter entrado na jaula. Os cientistas
deveriam tê-
la capturado em seu lugar. Queria dar a volta a matar os bastardos j
á mortos.

— Mede? — sussurrou Llyr.

Percebeu que deixou de caminhar.

— Não pude salvá-
lo. Eu vim morrer e nem sequer pude tocar sua mão. Não pude salvá
-lo.

Llyra apertou contra seu peito enquanto ela começava a cho
rar.

— Eu queria tanto. — Ela chorou. — Mas não pude salvá-lo.

Capítulo Onze



LlyrnãodeixouMedeforadesuavistaenquantoabriamcaminhodevoltaatravésdospântanosparaaterraDraig.Sabenexplorouafrenteparaseassegurarqueocaminhoestavalivre.Arthur eDylanse moveramatravésdasárvoresacadaladodogrupo.

Ninguémfalava.

Llyrvoltouaprocurarnobolso.Seucristalsefoi.Amedidaque eavançavam,tentouprocurá-lonochoão,masnãohaviacomosaberquandooucomodesapareceu.

Quandoeletomouadecisãodeseguirseusamigos,concentrou-seapenasemsegui-loseajudandoaassegurarquetodoschegassemàcasaasalvo.Nemsequerpodiaseleembrardarotaexataquetomou,apenasquedeuavoltapertodafortalezadeLordeMyrddin.Peloquesabia,seucristalseperdeunaáguaadopântanoondehaviamuitosninhosdegivre.

HojenãoeraodiadeconvencerMededeseuamor.Elenãotinha nenhumaaprova.Adordesuaperdaestavamuitorecente.

Pareciaquemuitotempo sepassouantesdecruzarenovamenteparaoterrítórioDraig.

Sabenparoupertodafronteira.

—VouolharatendadeCynan.

— Vou ajudá-lo. — Respondeu Arthur.

— E le tem um irmão que vive nas altas montanhas. —
Dylan olhou para Llyr. — Precisamos contar a ele.

— Vou para as montanhas. — Mede disse. —
Conheço a área. Eu estava com ele no final. Devo ser aquele que conte a o
irmão de Cynan que ele morreu com o umherói.

— Vou com você. — Disse Llyr.

Mede olhou e negou com a cabeça.

—
Não. Você e Rolant devem informar a orei. O nome de Cynan deve
ser honrado. Tudo depende de você para descobrir se os Var foram
os responsáveis em trazer os cientistas a nosso planeta.

— E le tem razão. — Rolant concordou. —
Vou até a torre de comunicações. Temos que controlar as naves
espaciais em nosso céu. Alguém iri buscá-
los. Você precisa dizer a nossos pais o que aconteceu com o
nosso céu e descobrir qual a relação dos Var com o
ocorrido.

Llyr sabia que tinha razão. Não queria Mede forar de sua vista
, mas ao menos nas altas montanhas estaria longe das fronteiras.
Estaria salvo.

— Bem, dê-me um momento a sós com Lady Mede.

Rolante Dylan os deixou sozinhos.

—
Quando terminar, quero que vá para casa e fique ali até o Festival.

Llyr não pode resistir a tocá-la. Ele a pegou nos braços.

—
Preciso saber que está salvo. É a única maneira que posso me concentrar no que deve ser feito.

— Possa cuidar de mim mesma. —
Ela se afastou para tocar o cristal em seu pescoço. —
Evocê deve se concentrar na busca de uma companhia.

— Mede. —
Llyr parou quando ouviu seu irmão conversando com Dylan. Estenão era o momento de explicar. —
É uma ordem real. Vá para casa depois de falar como irmão de Cynan. Enão pode contar a ninguém como morreu. Não podemos causar pânico. Apenas diga que foi um herói e tuou com honra.

Ela olhou e se obrigou a deixá-la ir com um forte empurrão.

— Dylan. — Llyr chamou. — Ela está pronta.

— Não manda em mim, príncipe. — Sussurrou.

— Acabou de fazer. — Afirmou. —
Não desonre seu sobrenome a odesobedecer a um decreto real. —
Na última vez, ia contra a diretiva de que todos da ordem deveriam lutar. Agora não havia tal conflito e teria que ouvi-lo.

Dylan apareceu com Rolant. Assentiu com a cabeça para Me de e se virou para as montanhas.

EladeuaLlyrumúltimoolharduroantesdedizeraDylan.

—

Euseiondeháamorassilvestresnocaminhocasoestejacomfome

.

— Realmentenãoquero comer.— DisseDylan.

—

Eutambém não.—

Medenãooolhouparatrás.Llyrqueriaqueelaofizesse.

—

Temosqueir.— DisseRolant.—

Elavaificarbem.EstarálongedosVar.

—

OreiVarperguntouporela.—

Llyrnãopodeesconderseumedo.—Istoeraoquenossopai

queriadizer.OreiVarpediuparaassistiraonossoFestival.

—

PorqueoreiVarquerviraonossoFestival?—

TodoocorpodeRolantficourígido.Comosechegasseasuaprópri
aconclusão,olhandoparaondeMededesapareceuelogoparaseu
irmão.—Não.Nãoocorreriaaelesecasar...

—

Váparaatorredecomunicaçõeselogosereúnacomigonoescritór
ioreal.—Llyrpensouemseuspais.—

VocêpodeajudaraexplicarporqueosdesafieiefuiatrásdeMede.

OtalvezdevêsemosdizerquefuiatrásdosDragõesenãomenci
onarMede?Mamãevaiouvi-

loeseaconvencer,elacuidarádenossopai.

Rolantsorriucansado.

—Sim,irmão,euireiresgatá-
lodosproblemascomnossospais.

* * *

EscritórioReal,PalácioDraig

— Medese comportoucomoumaverdadeirarainha.—
RolantolhouparaLlyrantesdeseconcentraremseuspais.—
ElamostroucompaixãoquandosesentoucomCynanatéofinal.F
oiferozaolevarosDragõesMortosparaabatalhaparavingarsua
morte.Foidecisivanahoradelidarcomolaboratório.Eseucompr
omissocomaOrdemémuitoforte.

Estavamsentadosnoescritórioprivadodoreiaoredordeu
malareira.Quatrocadeirasestavamsituadasnafrentedofogoao
redordeumamesaquea
rainhaconstruiucomsuasprópriasmãos.Oreiearainhaestavami
rritadoscomapartidadeLlyrparaobosqueVarparalutar,quando
nãohaviaguerra.

Porummomentoninguémfalou.Então,derepente,arainh
aLornaseendireitoueelamesmasedirigiuaoseufilhomaisvelho.

—
Rolantdissequeelasecomportacomoumarainha.Elafezseucrist
albrilhar?Elaéaúnica?

Ealiestava,otoquesutildeRolantcomsuamãe.Elesempre
tinhaumamaneiradeparafrasearascoisasparaqueelafosserECE
ptiva.Rolantdeixouescaparummeiosorrisopelocantodabocaq
uandoaRainhapegouadica.

— Sim.—Llyrassentiumavez.

—

Ela é razão pela qual se colocou em perigo sem necessidade?—

A rainha sempre disse aos seus filhos que não havia de sonhar no trabalho duro ou de decisões difíceis. Sua escolha foi difícil depois que sua mãe morreu e foi para Qurilix encasarse com um desconhecido e os deuses recompensaram esta valente com um bom marido. Ainda que neste momento não houvesse nenhum contrato com uma noiva, apenas alguns anúncios em revistas.

—

Vim quando fui chamado e quando cumpro meu dever, tomei a decisão difícil de desafiar a tradição e me unir à Ordem.

—

Quando descobriu que o rei Var perguntou por ela, foi quando quis protegê-la porque a ama.—A rainha sorriu suavemente.

Llyrassentiu.

—

Podem punir-se se for necessário, mas Cynan era meu irmão e Mede é meu coração. Tinha que ir.

—

Não haverá castigo para isto.—

Disse a rainha Lorna com um olhar severo para seu marido, como o desafiando a se atrever a não concordar com ela. Não o fez.

—
Se ela é minha filha, então por que não está aqui conosco?—
Perguntou orei.

—
Cynan tem um irmão que vive nas montanhas altas. Foi informá-
los sobre sua morte. Enviei Dylan com ela.—
Llyrt tentou não deixar sua preocupação transparecer. Queria ir a
ela, mas sabia que depois de seu decreto para enviá-
la para casa, ela não iria querê-lo.—
Pensei que estaria mais segura ali, longe das fronteiras. Os outros
irmãos foram a campar perto de sua casa para protegê-
la. Eles não conhecem a ameaça completa e não podem pedir
detalhes, mas irão mantê-la salva.

—
Descobri algo mais sobre o porquê de rei Auguste estar interessado
em Mede?— Perguntou Rolant antes de acrescentar.—
Orei Varnão se casou novamente. Não acha...?

Llyrfic cuten so enquanto esperava a resposta de seu pai. Mede
era sua e Llyrn não iria deixar que rei Auguste se aproximasse
ela.

—
Tudo indica que sua primeira esposa era uma companhia completa.
Ela não vai tomar outra.— Afirmou orei Tared.

— Não era uma boa companhia?— Perguntou Rolant.

—
Não, era uma companhia completa. Podia ter amantes, mas não vejo o rei Varindotão longe para nos insultar tentando fazer de nós a fêmea sua amante. — Disse a rainha Lorna.

— Não? —
Perguntou o rei, claramente mostrando sua opinião sobre o caráter dos felinos.

— E o príncipe Var? — Perguntou Rolant. —
O rei pode estar procurando alguém para se casar com seu filho?

— Acho que a guerra é o cenário mais provável aqui. —
O rei declarou. —

Os rumores de que o rei Auguste bebe em excesso e o comportamento errático chegou aos meus ouvidos. Não é nenhum segredo que Lorde Myrddine e os outros nobres antigos odeiam nossa espécie. Um homem deve conseguir informações e disse que Myrddine está ainda com muita frequência aopalácio nos últimos anos. Com a presença de Varem, nossas fronteiras e o assassinato de Cynan, apenas posso supor que planejam usar Lady Medellyn como desculpa para se aproximarem do Festival de Reprodução. Vou negar oficialmente o pedido e aumentar as patrulhas esta noite.

Rolant lançou a Llyr um olhar culpado, antes de dizer.

—
Devemos cancelar o Festival este ano? Ou ao menos atrasá-lo?

—
Acerimônia é sagrada. Terá lugar e acontecerá em terras sagradas.

NãovoumeacovardaranteaameaçaVar.—
OreiTaredlevantouamandíbulacomorgulho.

—

InclusiveseasintençõesdosVarsãohonrosas,odestinojádecidiu
queadamanãoseráparaseufilho.—

Dissearainhaaseumarido.—Nãohánenhum
motivoparatermosVarali.Tomouadecisãocorreta.

—

OsVareosDraignãodevemsemisturar.—

DisseRolant.—

Étudooquepodemosfazerparacoexistirnomesmoplaneta.

—

Llyr?—

Arainhaseendireitouelhelançouumolharpreocupado.—

Ondeestáocristal?

—

Euoperdi.—

Llyradmitiu.DevolveuocolaraGildashorasatrás,agoraqueo
memserecuperou.Foiumaideiaestúpida,umaquenuncadeveri
atertomado.AgoraseuprópriocristalseperdeunobosqueVaren
ãotinhacomodemonstrarseuamoraMede.—

Quandofomosatrásdoscientistas,devotê-
loperdido.Procurei,masnãoencontrei.

—

Massemelenãopodesecasar.—

Arainhaolhouparaseumarido.—Poderá?

—

Istonãoimporta.Brilhava.Ambosviram.Vouaceitarapalavrade
umDragãoMortoemeufilhonacerimônia.Vaisecasar.—

Ore levantou a mão para sua esposa e ela aceitou sem vacilar. —
Fomos abençoados este ano, minha dama.

Ela assentiu com a cabeça, mas ainda parecia preocupada.

— Os deuses sorriam para nossa família.

Lly rentou a preocupação de sua mãe com seu futuro. A tradição dizia que Medetinha que quebrar o cristal nacerim ôni para consolidar o vínculo. Senão fosse assim, seriam capazes de se casar de verdade? Queria acreditar que o que sentia por ela era suficiente, mas como iria saber? Logo estava o fato de que nunca viu o brilho do cristal. Acreditaria se tentasse explicar novamente? Se ela confirmaria? Com certeza ela acreditaria em seu pai. Uma pequena parte dele desejava que confiasse no que sentia e aceitasse se casar com ele sem o maldito cristal.

* * *

Território Var, Marismas

— O que estamos fazendo aqui? —
Ator perguntou para Myrddin. —
Eu sei que não me chamam o do palácio para vagar pelo bosque. Não é honra nenhuma desejar que me comunique com a natureza.

A menos que seu nome seja Medeeela este janeiro em minha casa, pensou. Gostaria de me comunicar com a natureza.

Abrisa se moveu e um cheiro horrível se aproximou. Enrugou o nariz.

—O que é esta podridão? Trouxe-me aqui para me mostrar um animal morto?

— Deixede choramingar com uma mulher.—
Myrddin chamou sua atenção.—
Advertique iriada e dar uma surra se ficar fracoco como seu pai. Estamos quase lá.

Myrddin levou para cá a cabeça podrecendo, mas não era maníaco. Quatro humanoides mortos estavam no chão. Seus corpos destruídos por garras. Os que os atacaram fizeram uma bagunça. Entradas estavam espalhadas sobre o chão do bosque. Partes dos corpos foram lançadas aqui e ali como uma decoração mórbida.

Atto recolheu os ombros.

—
Assim que você passou um bom momento com estrangeiros. Não os reconheço como meus convidados para o palácio e esta é sua preocupação, ainda que seja difícil dizer exatamente como eram antes de todo o estedano. A única mulher que falta é a Syog que pereceu no bosque. Seu grupo não a viu e me irrita sobre o paradeiro dela.

— ASyoh? Não sou nada dela.— Disse Myrddin.—
Provavelmente elas estão correndo em uma destas naves. A última vez que a vi estava em sua mãe e se joelha pedindo que a tomasse.

Attor realmente não se importava com as pessoas mortas e
m seu bosque ou a puta Syog que se deixou capturar por Myrddin. F
ez um gesto com a mão para os estrangeiros sacrificados.

—

Faça com que seus guardas os queimem. Não vou ajudar a limpar
isto aqui.

—

Trouxe você aqui para mostrar por que temos que ir à guerra como
os Draig. — Disse Myrddin. —

Estes cientistas eram meus. Paguei para que trabalhassem em
um projeto altamente secreto em meu laboratório na caverna.

—

Tem um laboratório em uma caverna? —

Perguntou Attor.

—

Não mais. Os Draig destruíram. Vocês mesmos viram a mulher dragão
em território Var, correndo quando não tinha o direito de estar aqui.
Ela não foi a única. Os Draig estão cruzando nossas fronteiras há
um tempo.

—

Pele de gato. — Attor murmurou, lembrando-
se das palavras de Mede.

— O quê?

—

Eles chamam este jogo de despelar um gato. —

Disse Attor com muita autoridade, como se não tivesse menos con-
hecimento político que Myrddin. —

Eles cruzam nossas fronteiras para arrancar pedaços de pele de nossos agricultores.

— Você chama isto de jogo?—

Myrddin fez um gesto irritado aos corpos.—

Este é um insulto não apenas à minha casa, mas a sua, príncipe.

— Qual é seu projeto?— Attor perguntou.—

Meu país sabe?

—

Orei? Este idiota bêbado está muito ocupado fingindo ser um governante, enquanto que o resto de nós protege este país. Ele é um velho idiota e não precisa de sua permissão para me ajoelhar no bosque e muito menos proteger seu direito de nascimento, filho. Alguém tem que proteger os Vares você.

Attor deu um passo por cima dos corpos para observar mais de perto. Eles foram cortados com garras e isto era evidente.

— O que estavam fazendo para você?

—

Uma arma que poderiamos livrar do planeta Draig de uma vez por todas. Envenená-

los e nos deixar ilenos. Apenas nós teríamos o antídoto. Os dragões que aceitarem nos servirão e receberão cura. Os outros irão morrer.— Myrddin parecia muito orgulhoso da ideia.—

Seria um presente de coroa, para usar quando assumir. Mas os Draigos arruinaram. Olhe o que fizeram. Matamos cientistas e agora não teremos uma oportunidade de determinar seu trabalho. Destruir

ammeulaboratório,enterrando-
osobosescombros.Nãosãonadaalémdeanimais.

— Cuidado.—DisseAttor.—Voumecasarcomuma.

— Entendoasuaideia.—
Myrddinassentiu,aindaquenãoparecessedesfrutardopensame
nto.—

Porquenãotomarumameiacompanheira,sobretudoagoraquea
rruinarammeuplano?Seelaseconverteremumacarga,hámanei
rasdeselivrardeumamulhernãodesejadaquandonãoserveaum
propósito.

AttornãoqueriapensaremmatarMede.Imaginousesuarela
çãoacabeçaeseriaperfeita.

—
Sãogarrasepoderiaserdeoutroanimal.ComosabequeéDraig?

— Encontreiisto.—
Myrddincolocouamãonobolsoetirouumcristaldedragão.Lanço
uocularparaAttor.—
Elesnuncatiramisto,excetoparaquebrarduranteacerimônia.Al
guémdevetê-loarrancadonomassacre.

Attorvirouapedraentreseusdedosanteseprendê-
lodentrodamão.

—Estecristalserá muitoútil.Obrigado.

Myrddinsuspirouforte.

—
Não trouxe aqui por uma pedra. Trouxe para mostrar a necessidade de uma guerra.

—
Meu pai não quer uma guerra. Mal sei de seu palácio. Tenho que esperar minha vez. O que quer que eu faça? — Attor grunhiu. —
Matar ou não?

— Não, não, não deve fazê-lo. —
Disse Myrddin lentamente, como se ele mesmo não acreditasse em sua proposta.

— Não vou matar meu pai. — Declarou Attor.

—
Claro, meu príncipe. Não seria bom começar seu reinado sob uma nuvem, inclusive se os nobres da casa apoiarem sua ascensão.

— Está claro, então. —
Attor estava aborrecido com a conversa. —
Vou falar com meu pai sobre os Draig entrando em nosso território. Enquanto isso, tenho homens patrulhando a fronteira.

Não tinha intenção de falar com meu pai sobre as preocupações de Myrddin ou qualquer outra coisa deste assunto. Ele já pediu a ordem para assegurar a busca por sua noiva e não queria se arriscar a quem mudasse de ideia. Evitar o tema parecia ser o melhor plano no qual ele se referia a Attor e Auguste.

— Já está feito. —

OsorrisodeMyrddineraestranho,masAttornãoestavainteressa
doemverificarmais.

— Voltarei ao palácio. —

Attorenrugouonarizcomdesgostoenquantoseafastavadacena.

—
Digaaoshomensparaqueimaremistoenapróximavez,nãometr
agaaobosqueparaver cadáveres. Apenas fale o que precisadizer.

Capítulo Doze



NortedasMontanhasDraig,casadeMedellyn

— Medellyn, temquesairdacama.—
Gracecolocouamãonacabeçadesuafilha,—Venhaomer.

— Nãotenhofome.—
DisseMededotravesseiro,semolharparasuamãe.Nãoqueriaque
eamulhervisseseusolhosvermelhosesoubessequeestavachor
andonovamente.

— Oqueaconteceucomminhafilhateimosa?—
PerguntouGraceacariciandoseucabelo.—
PorquenãomecontasobrecomoCynanmorreu?Nãoentendoco
monãopuderamtrazê-loparacasapara junto
desuafamília.Sópossoconcluirqueoresultadofoiumaimagemq
uenãoqueronamemóriademinhafilha.Falarsobreistoajudará.
Compartilhesuacarga.

MedepensounaslágrimasnegrassaindodosolhosdeCyna
n.Invadiamseuspesadelos,aparecendoemtodososrostosemse
ussonhos.Tantocomoelaqueriaterlevadoseucorpoparaacasad
eseuirmão,nãopodiasearriscarapropagaradoença.A única
coisaquepodiafazererabloquearolugarerezaraosdeusesqueos
egredomorressecomoscientistas.Dylanpareciamuitoseguro
depoisdaleituradosarquivosdequeapenaseracontagiosoporcon
tatofísicodireto.Quandooscorpossedecompuseremadoençaairi

aseeliminar.DadoquetodososDragõesMortostinhamconhecimentoscientíficos,precisavaconfiaremsuaavaliação.

MedenãopodialançaraimagemdosúltimosmomentosdeCynanàmentedesuamãe.Naverdade,nãopodiacontaraningué m.Llyrdecidiuqueeramelhornãofazerapopulaçãonentrarempânicocomaideiadadoença.Talpânicodarialugarasuspeitasquederiamlevaraumaguerraplanetária.NãotinhamprovasparaacusarLordeMyrddinouosVar.Tudoquetinhameraummaupresentimentoprofundoqueotempodepazestavachegandoaofim.Guerraseigualavaamorteenenhumdelesqueriaisto.Ascoisasestavambem.PorqueoreiVarqueriamudaristo?

— Porquenãomeresponde?—SussurrouGrace.

— Éacargadesegredos,mãe.—
RespondeuMede.Elafinalmentelevantouosolhos.—
Nãopossodizerpordecretoreal.

Gracesorriusimpáticaeassentiucomacabeçaemcompreensão.

—
Apenastenhacertezadefalarcomalgém,Medellyn.Nãoguardeafeiuradentrodevocê.

—
Comofoiaviagemparaveromédico?Nuncagostademontaremc effyl.—Medesesentiuculpadaporistodurantealgumtempo.—
Nãomecontou.

—
Enviei um mensageiro. Comonãohavia limitado de tempo para ter qu
evero médico, ele irá passar aqui quando estiver por perto. —

Graceriu entredentes. —

Realmente não pensou que poderia manipular sua mãe, verdade?

Medenegou com a cabeça.

—Pensei em persuadi-la, não manipulé-
la. Deverias saber que viri a com uma solução alternativa.

— Qual quer coisa para evitar montar um ceffyl. —
Grace inclinou a cabeça com o pensamento. —
E o príncipe Llyr? Tenho certeza que ouviri suas preocupações. Pa
receter-lhe muito carinho.

— O que te faz pensar isto? — Mede sentiu-
se culpada quando pensou em se tempona caverna, fazendo am
ora apaixonadamente. Inclusive agora a ideia lhe dava vontade de
encontrá-lo e beijá-lo, nunca deixar de beijá-
lo. Então se lembrou da razão pela qual estava em casa, em lugar d
e esconder-
se com sua dor no bosque: porque ele ordenou. Ela não gostava qu
e dissesse moque fazer. — O que ouviu?

— Deveria ter ouvido algo? —
Sua mãe arqueou uma sobrancelha.

— Não. — Disse Mede, incapaz de fazer contato visual. —
Disse algo sobre comida? Acho que estou com fome.

Elanãoe estava, massuamãetinha como segunda natureza a generosidade com quem a cerca, sempre tinha que alimentar as pessoas.

ParasuasurpresaGracesegurousuamão,nãoselevantou de imediato parabuscarumabandejade comida.

— Oh Mede, por favor, diga-me. Morro por saber.

— Não posso. De creto real.

—

Isto não. O príncipe Llyr. Ele é o único, verdade? Via forma como a olha. Ele é seu amigo. Uma mãe sabe estas coisas. Uma mãe sabe quando um homem está interessado em cortejar sua filha.

— E não te entendo, às vezes. — Disse Mede.

—

Quando um dragão quer lançar-se e reivindicar sua companheira. —

O tom de Grace diminuiu como se diz certas coisas fosse em segredo e não podiam ser ouvidas. —

É necessário que lhe conte sobre o casamento? Sabe como se faz com os bebês?

—

São presentes dos deuses. —

Respondeu Mede com ironia. —

Por arte de magia colocam em nossos ventres como se mentes na pântano.

Grace fez um ruído fraco.

— Bom, sei que foi o que eu disse quando...

— Mãe, estou brincando. Sim, eusei. —
Medenãoquisentraremdetalhes.

— OhgraçasaDeus. —
Gracesuspiroucomalívioelogoficourígida. —
Oh,não,osceffyls.Minhaqueridamenina,não.Nãosãooassimasc
oisasentremaridoemulher.Nãosesintamal.Pensávamosames
macoisaquandoíamosdevisitasafazendaondecriavamcavalos.

Medeaolhou,desejandoqueamulherparassedefalar.Ela
poderiatercemanos
etin hacertezaquenunca,nunca,sequersobameaçademorte,qu
eriavoltarafalarsobresexocomsuamãe.

—
Sintomuito,maseestáerrada.Nãofaço seucristalbrilhar. —
Elatentoumanterorostosério,masseucorçaõoserompeucomas
palavraseelaofegou,apertandoamãocontrao peito.Umalágrim
adesceuporsuabochecha. —
Porfavor,nãovamosfalarsobreisto.

— Entãoocristalestáquebrado. —
DeclarouGracecomnaturalidade. —
Seusantepassadosvitorianosnãoprecisavamdeumcristalpara
dizertaiscoisas.Talvezporserumafêmeadragãoprecisasse dea
mbososcristaisparafuncionar.Desdequequebrouoseu,odelen
ãobrilha.Viaformacomoteolhava.Éamesmaformacomoseupai
meolha.ÉamesmaformacomotodoseshomensDraigolhams
uasesposas.Estehomempulariadeumprecipícioparafazê-
lafeliz.Atravessariaofogo,cortariasuaprópriamãoetedariatodo

ouniversoquepedisseaele.Seiquepensaquesouumamulhertol
acomideiasbobas,masconheçoamorquandoovejo.Estehome
mteama.Epeladorquesenteagora,suspeitoqueoama.

— Deverdadeeachaqueéporquenãotemosdoiscristais?—
Medequeriaacreditar,massepreocupavaqueodesejodeGraced
eversuafilhacasadacontaminasseseujuízo.

—

Talvez.OutalvezvocêteràqueesperaratéoFestivalparaquefunc
ione.Ouosdeusesestãoloucosporterquebradosuapedratãoced
oeestãobrincandocomvocê.—

Gracesegurouosdedosdesuafilhaecolocousobreseucoração.—
Vocênãoprecisadamagiaparaalhedizeroquesabeseucoração.Q
uandofechaosolhos,oquesente?Emquempensa?Comquemqu
erestar?Estaésuaresposta.Nãoeu,umcristalouosdeusesprecis
amtedizeroqueéoamor.Vocêsabequeoama,Medellyn.Étãosim
plesetãocomplicadoassim.

—

Nãoseioquesinto.—

Admitiu.Outralágrimadeslizouporsuabochecha.—

Tenhomedodemecasar.Nuncaquismecasar.Nãoquero pertenc
eraalguém.Queroseralguém.Luteitodaminhavidaparaser tãob
oa,senãomelhor,quequalquerdragãomachonesteplaneta.Sou
maisforteemaisrápidaetrabalhomaisduroqueeles.Comoposso
renunciaraistoparaserumamulher?

Gracenãosesentiuinsultadapelahonestidade.Elasuspiro
u,acariciouabochechadesuafilhaelimpouumalágrimacomopol
egar.—

Serealmentequersertãoboacomoqualquerdosdragõesmachos neste planeta, então deve aceitar o amor como eles fazem. Este é um traço dos dragões que você nega. Todos eles sabem que vão se casar e se casar para sempre. Assim como você se casará algum dia. O casamento não vai mudar o que é Medellyn. Irá melhorá-la. E, se você escolher o príncipe Llyr, não pertencerá a um homem. Vá reinar sobre uma nação. Será alguém, minha filha feroz. Será sempre alguém. O casamento e a maternidade apenas deixarão sua vida plena. Ninguém poderá dizer que é menos a não ser que o deixe.

—

E se não está destinado a ser? O que aconteceu com o Festival e seu cristal brilhante para outra pessoa? Não posso ver isto.

—

Se Llyr não é seu príncipe, então outro homem será em seu momento. — Grace atomou nos braços e abraçou com força. — Então farão que cada um faz depois que a vida lhe dá um momento. Vire para casa. Aconteça o que acontecer, sempre poderá voltar para casa.

—

Llyr é tão... —

Me deapertou os dentes, pensando em seu último encontro. — É tão frustrante. Sem pretensão de fazer o que fazer, me proteger, ou...

Grace riueasoltou.

Me defranziu o cenho.

—Nãoria.

— Nãomeolheassim.—DisseGrace.—
Estourindoporquesintopenadequalquerhomemquetentarficar
aoseuredor.Imaginoquetentaprotegê-
locomoeletentaprotegê-
la.Umpoucodeatritoemumarelaçãoóapartedivertidadela.Man
témascoisasanimadas.

— Vocêepapainuncatêmdiscutem.

Graceriumaisforte,todoseucorpotremiaenquantobalan
çavaparatrás.

—
Oh,nãoquevocêtenhavisto.Nuncadiscutocomseupainasuafre
nte.Estehomempodemeenfurecercomonenhumoutro.Amadu
recemoscomaidadeeencontramosumritmoquefuncionaparan
ós,masquandonoscasamoseuquisaafogá-
lonolagoumavez,emoutrajogueineleumsapatocheiodebarroe
entãoelefaziaalgomuitoadoráveleeuesqueciaporqueestavairri
tada.

— Papai?Adorável?—
Medeamavaohomem,masnaverdadeelenãopareciadotiporom
ântico.

—
Umavezcobriutodaacasacom pétalasdefloressolares.—
DisseGrace.

— Foiele?— Os olhos de Mede se abriram em choque.—
Eu me lembrei disso. Tinha, o que, seis anos? Pensei que tivesse feito
oume estranho ritual de limpeza;

—
Queriam fazer sorrir. Pensei que estava grávida novamente e não
o resultado me nada... outra vez. O médico que me atendeu, disse que
eu não podia mais ter filhos e fiquei muito triste por não poder lhe
dar uma grande família como as outras esposas Draig. Esabe o que
me disse? Disse que lhe daria mais raras das flores solares como filha
e que não precisava de meninos. E tinha a mim de fato isto completo
e uma vida suave.

— Por que não me contou?

—
Você era uma criança e adultos não conversam sobre estas coisas com
crianças. Mas eu avisei certo, Mede. Eu avisei a mãe recem
estes dois meses. Talvez foi o que aconteceu com Cynan. Talvez foi
Llyr.—

Gracia se levantou e puxou Mede de pé. Ela suspirou e olhou para a
parede exterior como se pudesse ver através dela.—

Agora, filha, o que farei como exército de homens no jardim? Nega
m-

se a irembora, por ordem do príncipe e cantam canções que não são
próprias para os ouvidos de uma dama.

Mede riu, incapaz de evitar. Os Dragões Mortos a chamaram para
muito perto de sua casa, não no jardim como sua mãe reclamou, mas se

tavampertoosuficienteparaouvirseusgritosnasprimeirashoras
damanhã.

—

Achoqueopríncipemequerialongedasfronteirasdepoisdamorte
deCynan,assimosenviouaquiparaevitarquesaísseembuscade
vingança.

—

Assimamortetemalgoavercomasfronteiras?—
PerguntouGrace,comperspíacia.

—

Possoirfalarcomelesemandá-loembora.—
Medecomeçouaficardepé.

—

Não.—Gracecolocouumamãofirmeemseuombro.—
Vamoscomer.Hácomidanacozinha.Comaalgumacoisa.Falarei
comeles.Seicomolidarcomdragões.

Minutosmaistarde,Medeseencontroudepénaportadacas
a,olhandocomassombrocomosuamãechamavaaatençãosuav
ementedosguerreirosendurecidossobreafaltadeharmoniaqua
ndobebiam,suasbotassujaseasmãossemlavar.Quandotermin
ou,estavamseoferecendoparacortarparaelaumapilhadelenha
ecomendobiscoitosdocesdeumabandeja.Nenhumavezsuamã
eameaçoucomviolênciaouelevouavoz.

—

Talveztenhasubestimadoasenhora.—
MededissequandoGracevoltoucomumabandejavazia.

—

Vocêsesurpreenderácomoqueoshomensfazemporcomida.—
RespondeuGrace.—

Cadavezquequeroqueseupaifaçaalgo,cozinhoseupratofavorit
o.Aindanãosenegouanada.

—

Achoquesuashabilidadesvãoalémdeservirbiscoitosaçucarado
s.—Medepegouabandejavazia.—

Nãodeixouquecomessemtodos,verdade?

—

Claroquenão.Deixeiosmaioresparavocê.—
Gracefezumgestoparaacozinha.

—

Aindanãopossoacreditarqueelesfazemoquequerporcomida.—
Mederiuentredentes.—

Oshomenssãocriaturastãosimplesparaseremmanipuladostão
facilmente.Ficocontenteporserumamulheremuitointeligentep
aracairnestetipodetruques.

—

Sim,querida.—Gracerespondeucom
umlevesorriso.EsperouatéMedevoltarasairsegurandoumbisc
oitoemcadamão.Abrindocaminhoparaoqueartodofundo,disse.

—

Precisoqueproveovestidodenoiva.Altereiabarra.Estavaumpo
ucolonga.

Medeparounomeiodasalaeviusuamãedesaparecernoqu
arto.Aoperceberqueelatambémfoimanipuladacomapromessa
decomidaparaaceitaralgo,fezumacareta.Murmurou.

—Tensortedeseremrealmentebons.—

Desafiantecolocouuminteironabocaefoifazeroquesuamãequeria.

* * *

Llyrnãoquerianadaalémdeirparaasmontanhasparaver Mede. Sabiaqueestavaasalvo,porqueeleordenouaosDragõesMortosquefizessemrelatóriosquandoeleacampoucomoexército Draigpertodasfronteiras. Estavaacomumpequenogrupodeguerreirosqueforamchamadosdesuascasas, maseramdeconfiançaevalentes. OreiqueriaqueoshomensestivessempreparadosparaanoitedafestaeconfiouemLlyrparadistribuirastarefas. OsDragõesMortosprecisavamdetempoparachorar, assimLlyrnãooscolocounestegrupo.

Anoitedaescuridãoseaproximavarapidamente. HaviatantascoisasquequeriadizeraMede, masmantê-laasalvoeraumassuntomaisimportante. Eleenviouoshomensparaasfronteirasparaverificarsehaviamovimentação dosVar. ConstruíramganchosnasarvorespertodosterrenosdoFestivalparavermelhorafestaeobosque.

Comatençãoacadadetalhe, Llyrtrabalhouduranteamaiorpartedodia. Cadanoite, quandoocéuescureciaaospoucos, fugia paraumpequenotemplodepedracobertopelavegetação, para seajoeelharnochãodepedraanteosdeuses.

Osdeusesnãoseimportariamqueanaturezahouvessesuperaoootemplo. Otempodavaaalugaralgodepoderespiritualeist

orealçavaseusacrifício pessoal. Ele implorou aos deuses por suas bênçãos, para perdoar a perda de seu cristal, para proteger Medee fazê-

la sua esposa. Apenas quando já quase não podia manter o solhosa berto e seu corpo estava tão rígido que doía ao se mover, se permitia engatinhar e buscar algumas horas de sono antes de fazer tudo novamente.

* * *

— O que quer dizer com que orei Tareddissenão? — Attore exigiu, quando entrou no quarto de seu pai. Lançou uma mensagem em que seu pai redigiu para ele. Opergaminho caiu sobre a cama do homem.

O rei Auguste murmurou incoerências, meio acordado e meio bêbado. O estado aturdidodeu a Attor coragem.

— Fiz apenas um pedido. Um! Para Lady Medellyn ser minha esposa. Os deuses foram claros. Eu quero. Preciso dela.

O rei se queixou e lançou uma almofada em Attor. Ele a pegou com uma mão e agarrou com força. O rei Auguste virou as costas para Attor despedindo-o.

Attor foi para a porta da cama.

— Você é um rei inútil, um país em valor e uma desculpa queixosa de um felino. Os Varsestariam melhores se abdicasse ao trono. — Ele golpeou com uma almofada com força.

OreiAuguste grunhiue esticouamãoparaAttor.Seusolhos nemsequerestavamabertosdetudo,comoseseu filhonãofosseu maameaçarealaserlevadaasério.

—Deixe-meseu molequeingrato.Queragoragovernaroreino?A única coisaquefezemsuavidamiserávelfoimatarsuamãe!

RaivasaiudeAttor,fazendo- omudardemaneiraincontrolável.Garrasapertaramaalmofada, com tantaforçaquenãopodiaobrigarsuasprópriasmãosaseabri rem.Elesimplesmenteficouali,estremecendoviolentamente.

— Semvalor.—OreiAugustemurmurou,movendo- sepelacamaparadarascostasnovamenteparaAttor.

Attorselançouadiante.Caiunacama,impedindoseupaide sevirarumavezmais.OreiAugustemoveu- secomsurpresa.Incapazdeselivrardeeuagarre,Attorusouaal mofadaparaabafarorostodesagradáveldorei.Queriaapagaras palavrasdeódio.Queriaapagar suainfância.Queriaesquecerseupai.

QuandooreiAugustetetentousedefender,Attorapertouosj oelhosparafrente,aumentandoapressãodaalmofadaeprenden dooreiaomesmotempo.Oreisemoveu,tentandoselivrardeeu fi lho.Attormalsentiuoscortesnoantebraçoantesdelesegararseu spulsos.Araivaomanteveforte,maisfortedoquejamaisse sentiu .

— Você é um pai sem valor. Você é um pai sem valor. —
Repetiu, ficando nestas mesmas posições até os golpes do homem pa-
rar

Ofô legode Atto estava ofegante. Seus punhos se moveram
lentamente e soltaram a almofada. Retrocedeu, saindo da cama.

Não ousava pensar, tirou a almofada do rosto e abriu os olhos. Um
dos olhos de Auguste o olhava estreitado. O outro estava fechado.

Sua mãe o tremia e olhou a orelha do quarto. Ele procurou
por sangue na almofada e depois colocou junto à cabeça de seu
pai. O corpo ainda estava quente enquanto empurrava a palpebra
para baixo para esconder o olhar acusador. Aturdido, pegou a carta
e não saiu do quarto.

— Sim, pai, deve dormir. Durma.

Capítulo Treze



Festival de Reprodução, Palácio Real

Música se filtrava pelos terrenos do Festival, os meninos ouvindo o único noite do ano, quando o povo Draig poderia se casar. Llyra mava a ressonância dos instrumentos de quatro cordas. As fogueiras estavam acesas, chamadas gigantes com certeza podiam servir ao espaço. Os fogos foram colocados de forma a guiar a nave de noivas à terra, o que aconteceu uma hora antes. Um novo logotipo verde e rosado brilhante estava pintado no casco da nave que dizia: "NG" que significava Noivas da Galáxia. A nave ainda não se abriu e estava estacionada na colina. Apesar de entender a necessidade do negócio de seu pai com a corporação, Llyr não estava interessada nas noivas estrangeiras. Conhecia seu destino.

Ela ia ao Festival por anos com seus pais, mas este era seu primeiro ano assistindo como noivo. Como sabia com quem queria se casar, ela não se incomodou em ir para a zona de recepção como os outros homens. Não queria explicar porque perdeu seu cristal. No momento, todo mundo podia supor que estava sob a mira de seu pai como noivo.

Os noivos mascarados se misturavam à multidão reunida. À medida que o único noite do ano se aproximava do planeta, as estrelas brilhavam no céu. As manchas de cinzas ardentes regurgitavam nas fogueiras, as brasas vermelhas fluíam na escuridão. As folhas grossas caíam das árvores colossais na selva. Diferente das montanhas, as

rvores do palácio eram grossas e com muitas folhas. Alimentos assados, folhas dormindo, tudo misturado em um cheiro que era exclusivo do estanoite e do estelugar.

Umavez que as portas da nave se abrissem, os noivos formariam uma linha. As mulheres e estrangeiras caminhariam por ela. Os cristais brilhariam. Os casamentos seriam realizados e decepções seriam sentidas.

As grandes tendas em forma de pirâmides se reuniam à borda dos terrenos do Festival para casais afortunados. Famílias decoravam as tendas com bandeiras coloridas, como símbolo de bênção e assim os desejos familiares seriam concretizados. Uma tocha ficava acesa em cada entrada de cada tenda e se queimava durante toda a noite. Aqueles que não assistiam ao Festival como noivos mostravam seu forte apoio deleitando-se ao redor do fogo dançando, bebendo e brindando à celebração.

Seus pais estavam sentados do outro lado da multidão, presidindo a cerimônia de seu tronos de madeira. Sabia que o rei estava segurando a mão de sua esposa, enquanto a rainha em um sussurro o lembrava como se o conhecessem. Sua cerimônia há muito tempo.

Rolant subiu à plataforma de madeira que mais tarde serviria de palco para as noivas. Lily estava ali para ter uma melhor vista dos terrenos do Festival. Entregando a seu irmão um copo de hidromel, Rolant sorriu.

— Ela está aqui.

—

Você aviu?—

Llyr perguntou ansiosamente procurando por todo o lugar.—

Onde? Está vestida de noiva?

—

Eu viseu pais.—

Rolant tomou um gole de seu copo, terminando antes de entregar a um empregado que passava.— Lady Grace perguntou por você.

—

O que disse?—

Llyr não pegou o copo, assim Rolant tomou o copo dele e levou aos lábios.— Disse que Mede estava aqui para se casar comigo?

Rolantriu.

—

Querias saber onde estava sua tenda. Nosso pão não tinha um atendimento para Mede já que está convencido de que a dama estará na sua companhia esta noite, assim suponho que Lady Grace queria o local ao longo da estrada. Eudiria que é um sinal.

—

Seu pai viu meu cristal brilhar quando entregamos os céffyls no vale do norte. Ele poderia contar a sua esposa.—

Llyr franziu o cenho com preocupação.—

Mede poderia outros planos. Ela é cabeçadura e toma suas próprias decisões.

Era uma das coisas que amava nela, ainda quando o frustrava.

—

Não tenho medo, irmão. Passou muito tempo no templo, rezando

aos deuses e negou o seu desejo de vê-la antes desta noite. Tenha certeza que verá o seu sacrifício.

Llyr teria ficado sobre a pedra durado tempo durante dez mil anos se isto significasse que Med seria sua. Alcançou o seu pescoço, desejando que o cristal reaparecesse para ajudá-lo a convencer Med de seu amor.

— Não deveria tê-la enganado.

— Não, provavelmente não deveria. — Rolant concordou. —

Mas posso entender porque o fez. A matéria corrido de você se escondido do Festival quando visse o brilho do seu cristal por ela. Não teria durado três minutos sem sua presença. Acho que se aproximou da única forma que podia, como um amigo.

— Escrevi uma nota. — Llyr admitiu em voz baixa. — Escrevi umas cinquenta notas. Querias saber como estava depois da morte de Cynan.

— Fez isto? — Rolant perguntou com surpresa. — Ela respondeu?

— Eu não enviei. Não podia me arriscar que os deuses pensassem que meu sacrifício era pela metade. — Llyr franziu o cenho. — E se ela acha que não me preocupou com o suador?

Rolant terminou o seu segundo copo de hidromel e entregou-o ao empregado.

—Dois mais, por favor.

O empregado assentiu.

—

Elanão é tão dura como demonstra. Acho que simplesmente escondes suas emoções assim, como qualquer guerreiro. Isto não significa que não sentimos. —

Llyr novamente buscou uma multidão. Onde estava?

—

Tente relaxar e aproveitar a noite. Você tem homens registrando toda a área. Ninguém passará por nossos guardas. Mede está entre a multidão. Está salvo. Deixei a Dylan que seja sua sombra onde quer que vá, antes mesmo de ir para as altas montanhas para ver o irmão de Cynan. Dylan não sairá de seu lado.

Llyr relaxou com a notícia.

—Obrigado.

— Você deve colocar a máscara de novo. — Disse Rolant. — Um ano não pode ver o rosto de seu marido antes de aceitá-lo.

Llyr esqueceu de colocar sua urgência para encontrar Mede entre a multidão. Colocou a máscara e pegou a máscara de seda. Combinava como azul de sua camisa única. Sua calça branca tinha cordões azuis cruzados dos lados de cada perna. O corte da roupa era muito antiquado, mas tradicional de um noivo. Seu povo não quis mudar o traje, pois muitos encontraram a felicidade com tal roupa, mudando a forma para manchar o casamento futuro.

Pensando em toda a sorte que poderia conseguir, Llyr amarrou a máscara a orelha da cabeça. Assim, a máscara se usava nos olhos e os buracos eram grandes o suficiente para ver. A máscara era um símbolo de fé inquebrantável, a escolha com o coração e não com os olhos. Ouviu-se um pai uma vez dizer que houve um tempo em que os noivos cobriam-se plenamente e as noivas não podiam vê-lo e escolhiam às cegas. Llyr não tinha certeza se a história era verdadeira ou apenas um conto que passou de geração a geração.

A risada se alpicava à noite. Llyr sentia Mede, mas não podia vê-la. A sensação o enchia de desejo e anseio. Um fio invisível lhe atravessava o coração e o prendia a ela. A distância e o tempo não podiam romper tal conexão. Mesmo se ela o rejeitasse e se ele se apaixonaria. Não haveria ninguém mais. Nunca houve ninguém mais. Mesmo quando jovem, sonhou somente com uma menina shift.

Não muito assustava o futuro rei dos dragões, mas a ideia de não ter Mede em sua vida o aterrorizava. Conteve o fôlego, freneticamente procurando-a, tentando seguir suas emoções.

Seus olhos viram o tempo de uma das tendas e ele foi capaz de respirar novamente. Usava o vestido branco e ela que viu em sua casa no dia que caiu em seus braços. Inclusive agora podia sentir seu corpo contra o dele.

O empregado chegou como o escopo de Rolant pegou os dois. Ele estendeu uma mão para seu irmão, mas Llyr ignorou enquanto saltava da plataforma de madeira. A multidão se afastava para deixá-lo passar e eles sorriam ao morder os dentes enquanto caminhava até Me

de. Tinha que vê-la. Seja como fosse, precisava convencê-la de que estava destinada a ser sua esposa.

* * *

O que estava fazendo ali?

Isto era um erro.

Era um erro?

Mede sentia uma tola. As pessoas continuavam olhando-a como vestida de noiva e rindo. Sorriam muito. Não tinha certeza se eram de ridículo ou se realmente queriam ser agradáveis. Daria sua mão direita por uma coisa que lhe daria pouca privacidade.

Sua mão apertou bem o corpo, mas não tanto como antes. Mede ainda estava convencida de que a peça foi inventada para evitar que se movesse e saísse correndo. Como iria funcionar se não pudesse encher os pulmões de ar? A ponta do dedo se transformou numa garra e ela sentiu a tentativa de enganchá-lo para afixá-lo. Talvez então seus seios não ficassem tanto em exibição.

Até que o olhar contra o dorso de sua mão lhe lembrou como sua mão chorou de felicidade e alegria quando colocou as pulseiras nos pulsos de Mede. Retirou a garra e não cortou nada. Os nervos a faziam engolir seco. Seu vestido dificultava sua respiração. Seus pensamentos hipersensíveis não deixavam se concentrar em sua sensação de enjoo que se instalou em seu cérebro.

O que aconteceria se o cristal de Llyra não brilhasse?

E se ela estivesse destinada a ter um coração partido para sempre?

O que aconteceria se seus sentimentos houvessem mudado desde que ela o viu pela última vez?

O que aconteceria se esta horrível dor dentro dela nunca sumisse?

Meu Deus, não foi assim fácil com ela na última vez que se viram. Ela estava distraída pela dor e a ira. Deveria ter dito: eu te amo, também.

Ele deveria fugir. Fugir seria muito mais fácil que enfrentar seus medos. Seu corpo ficou rígido, implorando para mudar e ir para o bosque, para encontrar o ritmo familiar do pé sobre a terra. Sua mente obrigou seu corpo a se comportar. Além disso, não tinha certeza de que o corpo dele deixaria mudar sem romper algumas costelas.

— Mede?

O sussurro veio por trás, surpreendendo-a e ela quase gritou. Fechou os olhos.

— Llyr.

Sentiu-o passar ao seu redor. Sua respiração acelerou, como seu coração. Um amor tocando seu rosto. Um arrepio abri caminho sobre ela.

— É bom vê-la. — Disse.

Mede a briu os olhos. Ela começou a sorrir, mas parou. Seu olhar passou por seu pescoço quando ela o olhou. Não usava o colar. Como podia ser? Será que já tinha encontrado alguém?

—

Ela deveria... —

Ela tentou falar, mas sua garganta se fechou. Ninguém poderia esperar que vivesse com a dor que sentia neste momento. Ela sabia que com certeza a mataria. De alguma maneira a ficou ali de pé. —
Eu...

—

O quê? —

Amáscara escondia a parte superior do seu rosto, mas isso apenas fez com que se concentrasse em seus olhos penetrantes e abocafirme. Lembrou-se da sensação de seus lábios sobre os dela. Sonhou com seus beijos da noite, eles ainda eram sentidos entre a névoa dos sonhos e despertar de cada manhã.

—

Eu o felicito por... —

Ela balançou a cabeça, incapaz de dizer as palavras. —
Vá. Quer dizer, eu devo.

—

Mede, espere, por favor, não o faça. Quer falar com você. —
Llyr pegou seu braço, vacilou e logo o tocou suavemente.

—

Eusei. Vejo que as bênçãos estão acontecendo. Você não tem que explicar com detalhes. É mais sorte falar até que seu anoivati resuam

ás cara, príncipe Llyr. —

Mede queria arrancar o vestido de noite de seu corpo e correr para as montanhas. Com certeza se ela fosse para longe o suficiente poderia acabar com o dor no peito. — Não quer...

— Então atire. — Disse.

Mede fez um leve ruído.

— Não me irrite. Posso ver que seu cristal se foi.

—

Eu perdi quando estávamos no bosque Var. Suponho que os deuses decidiram que querem que resolvamos isto por nós mesmos e sua orientação.

—

Eusei quando o perdi. Vivocê usando quando voltamos para sua casa. — Ela balançou a cabeça, desejando poder acreditar. — Perdeu-lhe a mudança de vontade dos deuses.

—

Esqueça os cristais. Esqueça os deuses. Mede, eu te amo. Quero que sejamos rainha. Não porque você é uma fêmea dragão. Quero por você mesma. Quero porque não posso pensar nada mais agradável na vida que fazê-la sorrir. Quero que seja feliz e quero ser a causa de sua felicidade. Quero tocá-la, beijá-la e ficar com você.

Mede ouviu alguém rir e virou para ver Dylan sorrindo diante deles. Levantou seu corpo, sem vergonha e ouvindo o que diziam. Llyr levantou a mão e disse.

—

Vá embora, Dylan. Encontre alguém mais para perseguir.

Dylan se inclinou, sem perder o sorriso por um instante.

— Sim, meu príncipe, como você desejar.

Segurando o pulso de Llyr, Medea fastou-oda área principal para um lugar mais privado atrás da tenda mais próxima onde não poderia servir ao público.

—

Você realmente não sabe fazer as coisas tranquilamente, verdade? Dá-me sorte falar agora. —

Medea ficou mais perto dele agora que tinha um pouco de intimidade. O tecido do véu flutuou atrás das costas, mantendo o pulso preso para que não pudesse envolver facilmente os braços e o dorso de seu pescoço.

— Vou ficar tranquilo se disser que vai se casar comigo. — Ele segurou seu rosto e se inclinou para beijar sua boca. Llyr gemeu contra seus lábios. —

Diga que será minha noiva. Diga que ficará comigo para sempre.

Talvez ela estivesse louca.

De alguma forma ela não se importava.

— Sim, Llyr. — Ela respondeu. — Para sempre.

—

Llyr? Llyr, está aqui? Eles precisam de você para poder começar a cerimônia. —

Rolant disse. Ele passou aoredor datenda. Aover Medecomorosto entreasmãos deLlyr, sorriu.—Olá, Mede.

— PríncipeRolant.—
Reconheceu, semse incomodaremescondersua felicidade.

— Llyr, oreiearainhaoesperam.—DisseRolant.—
Amenosquequeiraquelhesdigaqueestá dandomalexemploaob
eijarsuanoivaatrás dastendasantesdacerimôniacomeçaroficia
lmente?

— Ignore-o.—DisseLlyraMede.—
Elenãopodelidarcomsuabebida.

— Quemdissequesousuanoiva?—
PerguntouMede, perguntando-
secomoRolantsabiaoqueelamesmaacaboudeconfirmar.

—
Serámelhorqueseja. Nãopossosupportar meuirmãoresmungan
doporvocê. Émuitopatéticaaforma comoofaz.—
Rolantlançouadiante eagarrouobraçodeLlyr.—
Vamos, irmãoháoutrosnoivosqueesperamsecasar. Quantoant
esofizer, maisrápidopoderávoltaraquiechegaranoitedocasam
ento.

— Vá.—Mededisse.—Ficareiaqui.

— Nãoquerodeixá-la. Venhacomigo.

—
Não. Não quero ficar no cenário. Este vestido já chama muita atenção. Vá. Eu esperarei.

— Talvez tenha razão. Não quero ninguém tentando levá-la para longe de mim. —

Llyr beijou novamente. Deslizou a língua para frente por um breve segundo antes de Rolando afastá-lo. Llyrriu, deixando que seu irmão o arrastasse. Enfrentou Mede, tropeçando atrás e levantou sua mão a coração. — Eute amo.

Mede iradiou novamente quando Llyr saiu de sua vista. Se u coração estava acelerado com violência. Ela sorriu de felicidade.

—
Deuses, por favor não nos derrubese os desafios, mas não posso viver sem ele. — Sussurrou.

Mede passou para trás da tenda e logo outra, caminhando até que podeter uma visão clara do trono. Llyr ainda não passou pela multidão e orei a rainha estava sentada sozinha.

Seu sorriso vacilou. Rainha. Ela algum dia seria rainha. Mede olhou para a rainha Lorna, estreitando os olhos para que o rosto a longo aparecesse sobre a multidão. A mulher parecia ter nascido para o trono, regia e elegante. Há um momento antes Mede quis arrancar seu vestido e correr de forma selvagem pelo bosque. Com o seria rainha?

LlyreRolantseuniramaseuspais.Olhouaspeessoasqueestavamdefrenteafamília real.Comoiriafazê-lo?Nãoeramaisqueumdragãodamontanha.

Opânicoainvadiu.AmavatantoLlyr,mascomoseriasuavidacomele?

Llyrsevirouparaamultidãoeseconcentrouemseurosto.Umasensação decalmaainvadiuerelaxou.Nadaseriatãoruimcom oavidasemele.Podiafazeristo.

— Euteencontrei.

Aprincípio,Medenãoacreditavaqueaspalavrasfossemparaela.Ficounapontadospés,inclinando-separaversobreascabeçasquesemoviamemseucampodevisão.

— Sabiaqueestávamosdestinadosaficarjuntos.

Aspalavrasestavammaisperto.Medefranziuocenho,dandoavolta.Olhouohomemquetinhaasuafrente.Estavavestidocomumacamisatúnicaecalça,aostiloVar.Seucabeloloiroestavapenteadoparatrásdeseurosto.Dealgumamaneira,openteadod eixavaseurostomaissevero.Levouummomentoparareconhecê-lo.

— Vocêéohomemdopântano.— Disse,apontandoparaseubraço.—Oquemedeuapele.

— Lembra-sedemim.— Elelevantouseubraçoetraçouodedopelacicatrizfinaldocortequ

efez.—

Eusabiaqueestariapensandoemmimdepoisdenossomomentojuntos.

Medefranziuocenho,confusa.Elarealmentenãopensounestehomememabsoluto.NãodesdequeconheceuLlyr.

—Nãotentendo.Oqueestáfazendoaqui?

Ohomemcomeçouarir.

—Comosejãñãosoubesse.

Seucenhoseenrugoumaiseseseucorpoficoutensoemadverência.

—

Nãosei.Estáinvadindo.Éumeventosagrado.Oqueestáfazendo umguardarealVaremumFestivalDraig?

Ofelinoinclinouacabeçaparatrás,rindomaisforte.

—Preocupa-

secomumainvasão?Depoisdaformacomonosconhecemos?Dr agõesnãorespeitamnossasfronteiras.Deverdadeacheaqueur eipoderiameimpedirdeviràcerimônia?

—

Doqueestáfalando?PorqueumguardaVaririaquererviraestacerimônia?—

Medeolhouparatrás.Todososolhosaindaestavam sobreo reiTar ed.Elaouviaotomdavozdorei,masnãopodiaseconcentrarnaspa lavrasdebenção.

— Não sou um simples guardado palácio. —
O homem declarou.

— Então, quem é você o que quer? —
Começou a sentir enjoadas. Odiava os felinos. Sabia que era errada o diário um grupo de pessoas pelas ações de uns poucos, mas não podia evitar seus sentimentos. Não precisava de uma prova só para saber que foi um Varque contratou os cientistas. A morte de Cynan estava muito recente.

— Sou seu noivo. Vim me casar com você.

Me deu um com a cabeça.

—
Nunca me casarei com um gato. Vou me casar com o príncipe Llyr. E
está tudo certo já.

—
Assim que é por isto que orei Tarede me pediu para vir esta
noite? Ele te quer para seu filho. Mas não se preocupe. Posso prote-
gê-
la. Sou príncipe herdeiro ao trono Var. Vim a você para reivindicá-
la como esposa e a levar a onde quiser. Assim veja, não tem que
me impedir de sair com você. O rei dragão não poderá me
achucar.

Me deu e perguntou se o felino sempre teve este olhar selvagem
em seus olhos. A leveza da pele que mostrou a olho nu a pele
a impedir gritar.

—
Não é assim como funciona isto. Há costumes. Leis. Vou me casar com o príncipe...

—
Aqui.—
O homem Var lançou um pequeno objeto em sua direção. Com reflexo ela aprendeu contra o corpo. O véu impediu seu movimento e ela abriu o peito contra seu estômago.—
Vamos. Não posso ficar aqui muito tempo.

— Quem acha que é para vir aqui e dar ordens?—
Ela notou o brilho suave e olhou para baixo. O cristal que segurava o brilho havia se apagado. Ela abriu a boca, deixando-o cair como se ela houvesse queimado.

— Não pode ser.

— Eusabia. Sabia que estava destinada a mim.—
O esplendor excitou o príncipe Var e ele foi para ela. Ela cambaleou para trás, aturdida.— Agora vi o nosso destino.

— Quem acha que é?— Repetiu mais forte.

— Príncipe Attor, futuro rei de Qurilixen.

— Não há rei de Qurilixen, apenas Var e Draig.—
Porque o cristal dele brilhava? Ela estava apaixonada por Llyren não por este homem. Porque os deuses a colocariam com um Var? É o príncipe Var?—
Não entendo. Vamos promover a paz? Nosso casamento pode causar de alguma forma a guerra? Não posso... e não...

Porque os deuses esperavam este sacrifício?

— Quebre a pedra e vamos a meu palácio.—
O príncipe Atto estava cada vez mais irritado com ela. Seu sorriso sumiu e ele a viu sua mandíbula se apertar.

— Como conseguiu a pedra?—
A evidência da reivindicação deste homem estava olhando para ela, mas não queria acreditar. De quem ele pegou?—
Os Vars não têm pedras.

— O que importa?— Atto se agachou, pegou o logotipo e inclinou para frente para enganchá-lo com força ao colar ao redor de seu pescoço. A pedra brilhou mais quando tocou sua pele.

Se este era um sinal dos deuses, então porque queriá-los gritar pedindo ajuda de Llyr?

— E não...— Ela balançou a cabeça em negação.—
Não. Não vou aninhar uma parte com você. Você me fez um favor umavez, é a única razão pela qual não estou gritando por um guardanapo neste momento.

Irritado, Atto pegou pelo braço e agarrou-a.

— Não tenho tempo para isto. Temos que ir.

— Solte-me.—
Ela sacudiu, mas seus pés ficaram presos na saída do vestido e noivo a tropeçou. Um punho pesado a golpeou por trás e cambaleou diante, surpresa. Sua visão ficou borrada enquanto lutava para se endireitar. Ela abriu a boca para gritar. Outro golpe lhe enviou a cabeça

o.Suacabeçabateuem
algoelogonãoviunadaalémdeescuridão.

Capítulo Quatorze



—
Para aqueles devocês que foram abençoados com uma noiva, ser á uma das noites mais difíceis de sua vida. —

A voz de rei Taredecoousobre a multidão. Os homens gritaram com entusiasmo e as brincadeiras começaram. Os Anciões do Conselho se reuniram a família real ao cenário para mostrar seu apoio.

A rainha lançou seu marido um olhar exasperado, mas não o interrompeu. Inclinou-se para sussurrar para Llyr.

— Cada um faz isto.

— Cada um odeia beber antes do discurso. —
Llyr sussurrou.

— Somos fortes! — Gritou rei, levantando o punho ao ar.

— Somos fortes! —
Llyr gritou com a multidão, que respondeu a o gritar de rei.

— Somos valentes! — Rei Tarede gritou.

— Somos valentes! —
Llyr levantou o punho enquanto respondia a rei. Ele sorriu para seu irmão que sacudia um dos Anciões do Conselho pelo braço. Os mais velhos toleravam as brincadeiras do príncipe mais novo.

— Somos Draig! — Todos gritaram juntos pelo campo.

Llyr colocou a mão no ombro de seu pai quando o rei voltou ao
cuparseu lugarno trono. Riu quando partido público não diminuiu
oruído.

A rainha deixou que ele estivesse em seu momento antes
de se mover para onde seu marido estava de pé. Ficou ali com graça
, sorrindo para seu povo enquanto esperava que se acalmassem.
Ao vê-la, os espectadores se tranquilizaram com respeito.

— Meu povo maravilhoso. —
Disse a rainha, não tão forte como seu marido, mas com um tom que
e todos os dragões poderiam ouvir. —
Desejo muitas bênçãos a você esta noite. Com o recebimento de
quando vim a este planeta como uma noiva estrangeira e fui bem rec
ebida. Peço que recebam bem as mulheres esta noite. Algum aster
ão a sorte de ficar. Trate-as bem, meus dragões, respeitem-
na e os deuses sorriam a vocês como sorriam a mim.

— Pornossarainha! — Uma voz entre a multidão gritou.

— Pornossarainha! Pornossarainha! — Começou o canto.

A rainha Lorn se sentou junto ao seu marido. O rei levantou
sua mão e a levou aos lábios. Llyr viu a boca de seu pai se mover.

— Pó minha rainha. —
Sua mão tocou o rosto do rei e apoiou sua testa na dele com amor em
seus olhos.

Llyr olhou para onde viu Medepela última vez entre duasten
das. A multidão se moveu e a nave espacial começou a se abrir. No
vos fizeram filas para saudar as noivas. A emoção era palpável.

— Vá.—Arainhasevirouparaolhá-lo.—
Encontresuanoiva.Vamosnosencontrarpelamanhã.

Llyrinclinou-
separabeijarseurosto.SentiuRolantdandoumapalmadaemsua
scostas.Emocionadosaltoudaplataformaparaamultidão.Seup
regressofoilento,jáquetentoufazerseucaminhoparaondeaviu
pelaúltimavez.Todomundoquepassavaqueriadesejar-
Ihesorteoubrincarsobreanoitequeseaproximava.Deuatenção
atodos,masoque realmentequeriaeravoltarabeijarsuanoiva.

* * *

— Gatossagrados,tenhacuidado!—
AttordisseparaMyrddin.—
Gostariaquefosseparaminhacamaconscienteestanoite.

— Estavaapontodealertaraosoutros.—
MyrddinseguravaMedesobreoombroeseapressouparaaárvore
maispróxima.—
Vocêstavalevandomuitotempo.Temosquevoltarantesquese
upaisintanossafalta.

— Nãotenhomedodemeupai.—DeclarouAttor.—
Nãotenhomedodestesanimais.

Myrddinassentiucomorgulho.

—
Aindaassim,deveríamosvoltar.Nãopodemoslutarcontraamulti
dãocomumexercitodedois.

— Vêcomobrilhaapedra?—
AttorficouatrásdeMyrddinparatirarocristaldopescoçodeMedell
ynparamostraraohomem.—

Osdeusesfalamamim,oque?Ondeestá?

— Vamos,príncipe,devemosnosapressar.—
InsistiuMyrddin,caminhandomaisrápido.

— Somosfortes!—
Amultidãoaplaudiu.AttorolhouparaosDraigefezumacareta.

Olhouaoredordochão.

—Vocêdevetê-lodeixadocair.Precisoencontrá-lo.

— VocênãoprecisadeumestúpidoconstumeDraig.—
OhomemsevirouesedirigiuparaondeAttorestavade pé.—
Tudooqueprecisafazerédecretarqueelaésuameiacompanheir
a.Vocêéopríncipe.Ninguémvaidesafiá-
lo.Sereitestemunha.Oúnicoquepodedesfazersuareivindicaçã
oóoreieeleprovavelmenteestádesmaiadodetãobêbadoagora.
Seelaprotestarenãosecomportar,vamosprendê-
laemmeucalabouçoatéqueofaça.

Attornãogostavadereceberordens.Seusolhosseestreita
ram.

—Deixedefalaresemova.

Myrddinpiscousurpresocomotomduro.

— Somosvalentes!

— Somos Draig!

— Vocês são uns imbecis. —
Myrddin murmurou para os dragões.

Ator passou junto a ele.

— Vamos enquanto estão distraídos por isso.

* * *

Os sorrisos de Llyr sumiram quando finalmente passou pelo campo das tendas. Med não estava ali. Olhou ao seu redor, perguntando:—
Se não poderia ter ido. Ela estava em sua tenda? Ela disse que os peraria ali.

Algo estava errado. Uma estranha sensação, um pressentimento se apoderou dele. Ela não o deixaria, não depois que disse que se casaria com ele. Med não era uma criatura volúvel que mudava de opinião por um capricho. Se ela dizia algo, cumpria sua palavra. Isso apenas podia significar que algo aconteceu. Fechou os olhos, tentando senti-la. A conexão entre eles estava se formando, mas a cerimônia não foi completada. Não estavam verdadeiramente casados até que isto acontecesse e ela não o ouvira chamá-lo em sua mente.

Em lugar de uma vez mais tentar cruzar pela multidão para chegar a tendas, decidiu olhar ao longo do caminho ao redor do círculo exterior das tendas, onde havia menos pessoas. Um servo passou, assentindo

comalegriaedesejandosorte.Llyrsorriuerespondeudeformaau-
tomáticasesmrealmenteouviralgo.

Ao chegaraoredordatenda,sussurrou.

—Deuses,ajudem-
me.Estamosmuitopertodenosunirmos.Deixe-mesenti-
la.Sentiu-seu...

Suabotatocouemumapedrasoltaeesteveapontodetrope-
çar.Olhoupараbaixo,comaintençãodesair.Umbrilhochamousu-
aatenção.Llyrpegouocristalabandonado.Obrilhoaumentouqu-
andootocou.Aformafamiliareratãoonhecidadaparaelecomosua
própriamão,porquesempreocarregou.

Meucristal?

Olhouaoredor.ComoseucristalestavaondeMedeestevep-
elaúltimavezquandoaviu?

Conhecimentoo golpeoucomoumpunhonoestômago.Per-
deuseucristalnopântanoVar.

— Mede.—Sussurrou.

Seelaestivesseemsuatenda,estariaasalvo.Massesuape-
drafosseumsinaldosdeuses,istosignificavaqueoreiAugusteign-
orouopedidonegadoeenviouhomensparacapturaranoivadeLly-
r.Devemterfeitoistoenquantoosguardasestavamdistraídospel-
o discursodorei.Pormuitoquequeriaencontraraoshomensesac-
udi-lospelafaltadeatenção,sabiaqueencontrarMedeecolocá-
laemsegurançeramaisimportante.

Lançou um olhar para a terra em busca de pistas. Pegadas com botas levaram as árvores.

—

Príncipe Llyr, o que está fazendo? Não deveria estar na fila com os demais noivos?

Llyr olhou para cima. Tirou a máscara e colocou-a no bolso.

— Sabem, venha me ajudar.

O Dragão Morto desceu no mesmo instante e se uniu ao príncipe.

—

Acho que os Var levaram minha noiva. —
Llyr apontou as pegadas.

Sabenolhouseucristalbrilhanteelogoparaochão.

— Devo alertar os guardas? —

Ele fez um movimento como se fosse sair.

—

Não, não quero que percebam que estamos aqui. —
Disse Llyr. —

Sedermos um alarme saberão que algo está acontecendo e vamos causar pânico entre a multidão. Será um caos. É o melhor a se fazer. Ajude-me a encontrá-lo em silêncio.

— MasseforesumataqueVar...

—

Confie em mim, Saben. Vieram por Mede. Orei Auguste a quem. Já t

entou levá-

la por uma via diplomática. Negamos, mas agora veio pela força.

— Por isto que nos enviou para protegê-la. —

Disse Saben, uma vez mais olhando a pedra que brilhava intensa-
mente na mão de Llyr. —

Ossos dos deuses. Está dizendo que Mede é sua noiva? Comonão
ou bemos isto?

— Saben. —

Insistiu Llyr com seriedade para o homem se concentrar.

Saben concentrou sua atenção e não abriu o caminho entre as
tendas até as árvores. Uma vez escondidos, ambos mudaram
para dragão para ver melhor na escuridão.

— Cheira agato. — Sussurrou Saben. — Está fraco.

— E Mede? Há algum sinal dela? —

O medo tentou aparecer e Llyr tentou se concentrar em sua pedra.
Com certeza os deuses estavam com eles. Eles a encontrariam. Ela
estinha mais perto de encontrar.

—

Apenas vejo duas pegadas. Parecem muito grandes para serem de Lady
Mede.

—

Estão com ela. Eusei. —

Llyr deslizou o colar sobre sua cabeça onde pertencia.

Saben não o questionou.

—
Eles não estão tentando esconder seu caminho. Poderia ser uma armadilha.

—
O que está o compressa para fugir antes que alguém descubra que Me desumiu.— Respondeu Llyr.

Saben acelerou o ritmo. Llyr praticamente sentiu a tensão do homem. Depois de Cynan, todos estavam ressentidos como os Vars—
ainda que não tivessem nenhuma sólida comprovação da participação deles. O fato de rei Auguste se atrever a enviar homens pela frente para sequestrar uma mulher apenas aumentava a raiva.

Saben parou e repentinamente olhou a redor. Llyr pôde ver por si mesmo duas pegadas que terminavam em um lutado de algum tipo e logo se convertia em uma. Ambos levantaram os olhos imediatamente para as árvores. Um som fêlin o repugnante soou quando um berrilho de patas se mostrou acima. Llyr saltou, agarrando o tornozelo e puxando o shift de pelos escuros.

— Por ali. Encontre-a!—
Saben apontou para Llyr seguir as pegadas antes de saltar sobre o atacante.

Llyr se apressou através do bosque. Os sons de um abrigo vieram por trás dele. O coração estava acelerado com violência agora que suas suspeitas se confirmaram. Os Vars estavam em seu bosque.

Correumaislongedacerimôniaentreasárvores.Eramuito
tardeparaseafastar.

Tinhaqueiratrásdelasozinho.

Capítulo Quinze



Medesesacudiuenquantoacordava. Algoprendiasuas mã
osenomesmo
instantelutouparasoltaros braços. Suascostasrasparamcontra
umatexturagranulada. Olhouumpoucomaisparaseconcentrar
naescuridãoetevequepiscarváriasvezesparalimparacabeça.

Estavaamarradaaumaárvorecomoquepareciaovéudove
stidodenoiva. Apesardetentarservalente, umaondademedose
apoderoudelaecomeçouatremer. Suarespiraçãoestavairregul
areprecisavacontrolá-
la. Árvores. Estavaamarradaaumaárvore. Nãoeramgrandesco
moasdobosquepertodopalácio, nemfinascomoasdobosqueper
todesuacasa. Estavaemterrasfronteiriças. Ondeexatamenteer
aimpossíveldizer. Sempontosdereferência, podiaestaremqual
querlugar aolongodemilhas.

Sentiaocheirolevedeputrefação. Ospântanos? Estreitav
a-
seabaixo. Seelaescapassedestecheiopoderiasefamiliarizarco
moterreno, amenosque, claroelacorresseparaosudoeste, oque
aconduziriamaisdentrodoterrítórioVar.

Nãotinhanenhumadúvidadequeestavadoladoerradodaf
ronteira. OpríncipeAttoralevouaumlugarondesesentiaseguro.

PríncipeAttor. Ohomemqueabeijounobosqueeraoprínci
peVar? Porseuportearroganteeafala, poderiaacreditarqueerad

arealeza. E letambémpareciaumpoucolouco, falandoqueestava mdestinadosasecasarem, comoseestemomentoinsignificantefossemaisdoqueisto. Todoseu encontroapenassignificoupara el aofim deseuperíododeiniciação. Senãohouvesse seencontrado comAttor, teriatiradoapeledaquele agricultordopântano. Nãoimportavaseohomemlheentregassecinquentamilcristaisbrilhantes, elanuncasecasariacomele. AmavaLlyr. Semnenhumapedraestúpida paralhedizeroquefazer.

Llyr. Pensariaquefugiudele? Iriaatrásdela? Levariamuitotempoatéqueprocurasseentreamultidão. Poderiaserdemanhã, antesquealguémpercebessequesefoi.

— Bem. Estáacordada.

Medeficoutensa, forçandoomedodentrodelaa retroceder enquantoolhavaopríncipeAttor.

—

Oqueestáfazendo? Sequestrarumcidadãodraigéumatodeguerra. Realmentedesejainiciaroderramamentodesangueentrenos sopovooutravez?

—

Sequestro?—

Attorriudeformasombriaeseaproximoumais. Elaficourígida. Sua camisetúnicaestavasalpica dadesangue.—

Euareclamo, LadyMedellyn comominhaprimeirameiacompanheira. Nãosepodesequestrarsuaprópriamulher.

Medeficousemfôlego.

—
Não aceito. Vou me casar em outro lugar esta noite. As promessas já foram feitas. Os deuses têm...

— Ninguém te perguntou! — Attor gritou. Mede inclinou-se para trás ao ver a rainha controlá-lo em seu rosto. — Bem-vinda ao trono Var, minha esposa.

Attor se aproximou e ela tentou se afastar de seu corpo apertando-se contra o tronco da árvore. Seu fôlego tocou seu pescoço. Ela tentou chutá-lo, mas seus pés estavam presos. Ignorou o desafio. Seus olhos desceram por seu corpo até os seios. Quando levantou a mão, ela sentiu o cheiro de sangue. Ela não tentou olhá-lo, mas seu rosto apertou-se insistentemente para obrigá-la a olhá-lo nos olhos. Um garratocou a parte superior de um seio, traçando a linha da borda do corpo.

— Nossos filhos serão lindos, minha esposa. — Sussurrou. — Metade gato, metade dragão, nossas impressionantes genéticas, nossos filhos serão poderosos. Serei conhecido como o rei que colocou este planeta sob apenas uma regra.

—
Quer que a judea conquiste meu povo e derrubaram aarquia Draig?

Medenãopodiaacreditarnestehomemetevequequestion
arsuasanidade.Deixouumagarrasairnapontadodedoenquanto
tentavasoltarospulsos.Oselaçostinhumânguloincomodoer
amdifíceisdecortar.

— Sempreháumpoucoderesistência.—
Suagarrafezaviagemdevoltasobreseusseios.Elaeramuitocons
cientedoquantoeraperigosasuaposição.Umgestoirritadoeeste
homempoderiarasgarseupeito.—
Achaveéteravontademaistorteeestardispostoamatarqualquer
umquese colocaremseucaminho.

— Nãoémuitotarde.Podemedeixarir.—
Medetentousoarrazoável.Manteveavozbaixa,tentandoselemb
rarexatamenteoquedisseoufezparaganharoretorcidoafetodes
tehomem.

—
Masestamoscasados.EstamosemterraVaretereclameicomom
eiacompanheira.Estáfeito.Nãovoudeixá-
lair,esposa,meptence.—
Deuumpassoatrás.Suagarraesaiudeseupeitoeelainalouprofun
damentecomalivotemporário.Olhousuasmãos.—
Assimnãovaifuncionar.

Medefezumleveruídoenquantolevantavasuaasaia.Agarr
andoabarra,cortou-
acomsuasgarrasemtirasirregularesantesdeconseguirarranca
rumpedaçodesedaerenda.Limpouasmãosensanguentadasant
esdedeslizaremsuatúnicaemumesforçodeselimpar.

Oar livre contra suas pernas expostasafez olhar para baixo ao que fez. Otecido que envolviaseutorno zelo, estava preso aore dorda árvore. Mantinha suas pernas abertas para que não pudess e fechá-las. Tentouse mover enquanto ele estava distraído, mas as barras de ferro do corpo teem seu peito e estômago estavam muito apertadas. Diferente da carne humana, adurapele do dragão não podia ser moldada para formar roupa. Mesmo se tentasse seria muito doloroso.

Me denuncie esteve em uma situação na qual tinha que lutar com uma mulher não como um dragão.

— Attor. Preciso que me solte.

Voltou a olhar bruscamente para ela.

— Estão oé uma forma de começar um casamento. — Elatentou sorrir. — Vamos. Solte-me. Deixe-me caminhar aomeu novo palácio com dignidade.

Attorriu.

—

Boa tentativa, minha dama, mas não sou estúpido e você não é uma boa atriz. Sua ira se nota em seus olhos ardentes. — Jogou o tecido rasgado do eldoelhetocou o rosto. — Mas está bem. Gostou de me dar minhas mulheres. Neste momento tem medo de sua inocência.

—
Ou porque me golpeou na cabeça e me amarrou a uma árvore.—
Respondeu ela.

—
Há este fogo em você, eu o vi na noite que nos conhecemos.—
Atordeu uma palma da.—
Você não é tão dura quando não está usando uma espada, verdade
?

Me decomprou lentamente e se lembrou mais de sua primeira
conversa. Lembrou-
se de quando pensou que este homem era bonito, mas agora já não
o via assim mais.

—Lembro-
me que você disse que não tinha nenhuma razão para machucar as
mulheres.

—
Também disse que não estávamos em guerra. Neste momento, não
estávamos. Agora...

— Então quer começar uma guerra?—
Me senti os laços que seguravam seus pulsos se engancharem
na cascada da árvore e começou a trabalhar com seus braços enquanto
ele estava distraído.

— Isso dependerá em grande medida de você, mulher.—
Atora observou e ele deixou de se mover.—
Realmente é digna da realeza. Gostaria de poder ver o rosto do rei?

areduandodescobrirqueestácasadacomigoenãocomseufilho
.

Suaexpressãocaiueseperguntoupelaestranhezadeseuolhar.

—

Vamostermuitosfilhos.Tinharazãoquandodissequeserfilhoúnicóumacargaenossospaiseramfracospor...

—

Nuncadisseiisto.—Medenegou.—Estátorcendominhaspalavras.

—

Comominhaesposa,vocêserácapazdelevarosdragõesemseuscalcanhares.—Attorcomeçouaandar.

Enquantofalava,elatrabalhouosbraçosmaistrápido.Derepente,asamarrasnostornozelosafrouxaram.Seusjoelhossedobraramlevemente.Comoaconteceuisto?Elanãotentoulivrarseuspésainda.

—

Verãoquesuadamadragãomeescolheusobreseupríncipe...—ContinuouAttor.

Umgolpesoouatrásdela,seguidoporum“Aagh”.

AttornuminstantemudoueenfrentouMede.Elaestremeceu,trabalhandoospulsosmaistrápido.Seelafosseatacada,nãopoderiasedefender.

* * *

Llyr permanece tranquilo enquanto se arrastava para onde Mede estava presa a uma árvore. Os Vars gostavam de saltar sobre os galhos das árvores e precisavam se assegurar que não houvesse uma surpresa. Saben estava atrás dela, tentando cortar as amarras. Apesar de poder precisar, não tinha tempo suficiente para conseguir mais ajuda.

— Aagh.

Llyr dirigiu sua atenção para frente a oruído. Saben estava na orelha atrás de Mede, segurando a cabeça. Enquanto estava distraído com a atenção de Attor, Llyr se encarregou. Saben ficou de pé, cambaleando um pouco, mas disposto a lutar com tudo o que semovia perto dele.

Mede chutou violentamente, golpeando seu pé enquanto o impulso estava preso. Attor devetera ouvido Llyr porque se virou. Saben lutou contra seu atacante. Parecia o mesmo gato que caiu sobre ele no Festival.

Llyr sentiu os olhos de Mede nele e ele lutou com qualquer coisa que tentasse impedir-lhe chegar a ela. Ele cortou o príncipe Var com suas garras. Attor rugiu. Llyr grunhiu. Nenhum deles vacilava enquanto lutavam. A mão de Attor mirou por cima do disco da armadura no peito de Llyr. As pontas afiadas morderam sua carne como pequenas agulhas se arrastando ao longo da pele. Llyr levantou o braço, enviando o com força sobre o pescoço de Attor. Quando o homem cambaleou, Llyr girou novamente para o golpe aéreo do outro lado.

Attorsacudiuefezumruídoestranho.Llyrviuomovimento entreaspernasdohomem.MedechutouopríncipeVarnasbolas.Forte.

Llyrfechouopunhoegolpeou.AcabeçadeAttorcaiueeletropeçouantesdeairnochão.

Medechutouseuspésegritouenquantotentavaalcançaro corpodeAttordeseulugarpresanaárvore.Elesentiaairadelacom oasuapropriasabentinhaoutroVarcravadonochãoeestavasufocando-o.

— Digaquepossomatá-lo.—Sabensuplicou.—
Deveriatê-
lomatadonaprimeiravez.Écomoumbarrilruimdecervejaquesemprereaparecequandomenosquer.

— Não.—Medeordenou.—
Ahonraditaquedevemosdeixá-
losvivos.Édeumnobre.Euosouviconversandoquandoestavavoltandoaconsciência.Esteéseupríncipe.—
Medechutouopépelaúltimavez,aindasempoderseaproximardeAttor.—
Seosmatarmos,seremosresponsáveispelaguerra.Isoéoquequerem.

Llyrfoiatéela.Seucoraçãobatiatãorápidoquetinhacertezaqueiriaexplodir.Eleseguouseurostoparaolhá-la.

—Sentealgumador?

Medenegoucomacabeça.Elepercebeuqueeraumamenti
ra.Osanguesecoestavaemsuatesta.Seuslábiosseabrirameele
abeijou.Todaapaixãoepreocupaçãoseverteramnestemoment
o.Eleaaceitoutotalmente,deu-
lheopodersobretudooqueeraeasuavezasentiuentraremsuaal
ma.Elaomava.Elesentiu.Omesmotoqueenvioufogoatravésd
eseusangueeareivindicoucomseucoração.

* * *

— Tireasmãosdeminhaesposa!—GritouAttor.

Medegritou.LlyrseinclinouparatrásquandoopríncipeVar
selevantoudochãoeoagarroupelapartedecimadatúnica.Foipar
aopescoçodeLlyrcomasgarrasestendidas,apontodearrancara
gargantadohomem.

Medegritoudenovo.Sempensar,obrigouseusbraçosaire
mpara frente.Os laços romperam.O calor percorreu seu corpo.
Alavadesanguededragãoqueimousuasentranhas.Elagritouno
vamente,incapazdecontrolá-
lo.Fumaça saíadeseus lábios.Suas costas se expandiram doloros
amente contra o corpete.Viu Attor olhando-
acomassombro,seubraço prontoparamatar.Sentiu a carnerom
peras barbatanas no corpete.Suas costas se sacudiram para cima
eselevantoudochão.Semsabercomo,seucorpo ondulouno ar.Ol
hou para Attore que imou de ódio.

Llyrsemoveueaolhoucomassombroeconfusão.Umbrilho deumaasachamousuaatençãoporsuavisãoperiférica.Tinhaasas.Elavoava.

Outrogritosaiudela,maisanimalquehumanoesuaespiraçãoseconverteuempurofogo,quesaíadeseuspulmões.

Attorsaiudeseucaminho.Virouacabeça,tentandonãotingerLlyrquandoafêmeadragãoprimitivatentoualcançá-lo.Elatinhaumanecessidadebásicadeprotegersuafamília.

Ocrepitardaschamaslambeuasárvores.Elagritounovamente,masagoraquesabiaoqueviria,lançouaschamasparaocéu.Llyrficoudepéelevantouasmãosengarras.Faloucomela,maselanãotentendiasuaspalavras.

Dealgumamaneiraelaconseguiuaterriçar.Nãoporqueelanãotinhahabilidadeparacontrolarseunovocorpo,masporqueodragãointintivamentequeriacolocarLlyratrásdesi.ObservouAttorfugindodeles.

Elasentiuumamãoseutraseiroesevirou.Dealgumamaneira,seutraseironãopareceuircomela.Llyrcolocousuacaldasobobraçoparaimpedirladebalançar.Elegritounovamenteparaela,estendendoamão.Seusolhosseconcentraramnobrilhanteemsuapalma.Seulongo pescoçosevirounovamenteparaseassegurarqueAttortivesseidoembora.Fogoqueimoueelarespiroufumaçapelonarizparaapagá-lo.

Poucoapouco, sua figura começou a se retrair, ficando cada vez menor. Sentiu a dor, não pela recolocação física dos ossos, mas pela força de vontade para controlar a fera. Seu corpo caiu. Os pedaços de seu vestido ficaram pendurados, aferrando-se a um ombro, mas sem esconder a nudez. Llyr se apressou e tirou a camisa única pela cabeça. Sentiu o cheiro de seda queimada.

Ela respirava com dificuldade, tremendo de frio.

— Llyr? Queimou-se?

Levantou os braços e se primeirou na perna, logo a outra. Ela chamou seu usual calção e estava pendurada pela cintura com um pedaço de seda, mas sua pele estava íntegra.

— Navegadora, como você é cega. — Disse Llyr. O brilho do cristal irradiava sobre o bonito rosto enquanto o segurava na pedra. — Eu disse, minha dama, você é meu destino.

— Como conseguiu isto? — Ela correu para ele, feliz por não tê-lo machucado. A pedra não estava quebrada e ficou mais brilhante quando ele se aproximou.

— É meu. Os deuses o devolveram para mim. Não estava mentindo quando disse que fez meu cristal brilhar. Sintomuito por enganá-la usando a pedra de um empregado meu. Queria quem conhecesse primeiro. Realmente eu quebrei o braço ao montar um ceffyl, mas não a pedra. Sintomuito não ter contado a verdade desde o início.

cio. Prometo que vou explicar tudo o que me aconteceu sem se-
gurança.

— Eusabia.—

Gritou Saben. Saltou para cima e para baixo com entusiasmo enquanto
cobria a boca. Entre os dedos disse. — Você pode voar!

— Por que não mudou e se soltou antes?—

Perguntou Llyr, tentando ignorar Saben.

— Eutentei. Mas não pude.—

Ela ainda tremia de frio. O fogo levou seu calor corporal.—

Minha mãe me fez colocar este estúpido corpo novamente. É mu-
ito constritivo.—

Ela envolveu seus braços ao redor de Llyr e abraçou com força, en-
tão sua cabeça encontrou seu peito.—

Estava com tanto medo de não encontrá-lo. Estava querendo
que fosse sua companheira.

— Ele te reivindicou?—

Perguntou Saben, ofegante. Levantou a mão e deixou a garra
ressecar a pele.—

Tem que me deixar atrás dele e matar. Eu farei. Suas mãos fi-
caram limpas. Ela não pode secar com dois...

Mede pegou o pedaço de sangue de seu vestido que At-
or arrancou. Levantou-
o e segurou diante dos olhos de Llyr para simbolizar a máscara que
ela usava na cerimônia. Por estar sujo, não o deixou tocá-lo.—

Escolho você, príncipe Llyr, como meu marido. —

Ela retirou e deixou cair no chão.

—

Eh. —

Sabe não lhou para os dois e logo encolheu os ombros levemente. —

Parece vinculante e oficial para mim.

Acerimônia era apenas uma tradição, mas não se importava.

— Você é meu Llyr. E eu sou sua.

— Uh, vocês dois poderiam querer apressar as coisas. —

Sabe não se aproximou de onde ele não bre começou a se mover. Inclinou-se e apertou a garganta dele com força para não caí-lo. —

As pessoas irão notar se o príncipe dragão não aparecer esta manhã para anunciar seu casamento. Não sei quanto mais deste gato maldito se está vagando fora esta noite, mas por causa do fogo, deve ter lançado um aviso.

— Tem razão. — Disse Llyr.

—

Beije-me. Llyr. Agora. — Ela exigiu. —

Você não quer irritar uma fêmea dragão.

Llyr obedeceu. Ele gemeu em sua boca, deixando que a língua percorresse seus lábios. Seu calor corporal esquenta a pele e esfria. Ela ouviu o sussurro em sua mente: eute amo, Mede.

Sempre, ela respondeu.

— De verdade, temos que ir agora. — Sabendo disso.

— Pode correr?—Perguntou Llyr.

— Tentem mealçar.—
Mede mudou a sua forma de dragão e foi para o bosque. Os pedaços
do seu vestido rasgaram-se e balançavam ao redor das pernas enquanto
ela corria. Llyr e Saben a seguiram.

— Mede.—
Sabem gritar de emoção à medida que se moviam pelo bosque.—
Parecia um daqueles dragões nos tapetes. Tinha as asas quentes. E eu
sua fumaça! Oh, pode fazerê-
lo? Cuspa fogo. Por favor, Mede. Quero terminar o meu trabalho
também. Pode mudar para o dragão novamente?

Mede correu mais rápido.

— Ei, pode pelo menos nos levar voando para casa? Isto poderia ser
mais rápido.— Saben tentou manter o ritmo.

— Sintomuito, Saben.— Mede respondeu.—
Há apenas um dragão que acende meu fogo.

Capítulo Dezesseis



Medenãoqueriaesperarparaselarseudestino.Quandochegaramaoacampamentoosolestavacomeçandoaaparecerpela manhã.Eracedoaindaemuitosdoscasaisaindadamiam.Noentanto,oFestivalaindafervilhavaeamultidãodebêbadosestavam aisquedispostaaolharotrioandarilhoquesaiudobosque.Llyrusa daumpedaçodesedaenadamais.Seguravaseucristalnamãojáqueacorrentedecouroqueimou.Medetinhaumbraceleteeumvéu presoapulso,umatúnicamasculinaqueimadaquemalcobriase usseioseumasaiam tiras.Sabenestavatirandoacamisa.Tirou-aesfregouasujeiradapeleepareciatãoarruinadocomoocasal.

ArainhaLornacochilavaemsuacadeiraeoreiconversavacomumdosanciões.AoverasituaçãodeLlyr,imediatamenteficou depécompreeocupação.Amultidãoseacalmou.Otrioparouem seco.Arainhaacordoueoitou-osemsilencio.Elapiscoucomforça.

—

RainhaLorna.ReiTared.PossoapresentarLadyMedellyn,minha esposa?

Aplausosseouviram.Arainhaolhouasroupascomumaexpressãodepânico.Oreicomeçouacaminharparaseu filho,apenas paraparaarquand oLlyrlevantouseucristal.

—

Achoquevocêtemexperiênciacomisto.—

Disseentregando-oparaMede.—

Devoencontrarumarochanobosqueparavocê?

Medearqueouumasobancelha.

—Comosabecomoeudestruíomeu...?

— Eutevinestediacorrendopelobosqueeasegui.—
Llyradmitiu.—

Estavatăõirritadaequeriaajudar.Quandoparou,nãopenseique
quisessecompanhia,assimquefiqueiolhandoparameeassegurar
queestavabem.Meucristalnãobrilhouporqueeramuitojovem,
maseusabiaqueteriaquea esperar.Sentiqueseriaminhanoiva.

Medesoltouumarisadasuave.

—Vocêequalqueroutrogarotoqueencontrei.

— Achoqueistomedárazão.—
Llyrlheentregouocristalbrilhante.

Elaopegou,odeixoucairnochãoeepisou.Umalevesensaçã
otrabalhousobreelacomoumarrepio.Medesorriu,muitofeliz.Ad
orporcausadalonganoiteaumentouagoraquenãohaviaeuforia.

— Bem-
vindaafamília,LadyMedellyn.Esperoqueapreciesuanovacasa.

—
Arainhadeclarouemvozaltaaparaquetodospudessemouvirsuab
enção.Entãoelafoiparaoladodeseumarido,pertodocasal.

— Obrigada.—Medereconheceu.—
Desculpepornãooceitarseuconviteaopalácioantes.Nãoquisign
orartodoseles.

— Todos?—A rainha olhou confusa.—
Não entendo. Eu perdi algo?

— Oh, sim.—Disse Llyr com um olhar culpado.—
Eu escrevi os convites.—Ele sorriu timidamente para Mede.—
Eu realmente, realmente queria te conhecer. Mas isto foi tudo. Estou sendo totalmente honesto. Prometo que não terá mais enganoso.

—
O que aconteceu esta noite? Porque há sangue em sua roupa?—
O rei Tare do lhou para seu filho e a nova filha com preocupação.

Llyr fez um gesto para que Saben subisse a plataforma e o homem se levantou.

—
Ele vai explicar tudo. Quanto a mim, vou levar minha esposa para a tenda nupcial para um sono muito necessário.

Mede sorriu enquanto segurava o braço de seu marido. Muitas bênçãos e desejos vieram daqueles que estavam no caminho. Quando Llyr levantou a entrada da tenda, Mede parou e disse.

—De verdade, cada qual vou deixá-lo dormir agora que é meu marido?

—
Linda esposa, estou às suas ordens. Faça comigo o que quiser.—
Llyr se inclinou para beijá-la.

— Oh, claro que sim, meu príncipe. —
Mede agarrou pela camisa e puxou para trás dela. —
Acredite, eu farei.

* * *

Attor caminhava pelas salas do palácio para seu quarto. Nada podia aliviar a acidez de seu estado de ânimo. Perdeu Mede. Perdeu sua única oportunidade de felicidade e amor. A obsessão que sentia por ela não diminuía, mas transformou-se em ódio e concentrou-se na vingança. Ele não amaria. Não, isto seria muito fácil, mas ele temia tudo o que amava.

— Vou esperar minha vez, Lady Medellyn, mesmo que demore anos, vou destruir tudo o que ama. Tenha seus filhos como príncipe Llyr. Veja-os crescer. E quando tentarem iniciar suas famílias, verá sua linhagem desmoronar. Vai ver seus filhos perderem o que tomou de mim, suas companheiras.

— Aí está. — Apareceu Myrddin olhando para Attor. — Ouviuas notícias? Seu pai foi encontrado morto esta tarde. Aparentemente, ele estava apodrecendo no quarto todos estes dias. A sempre gada pensaram que estava apenas dormindo e um dos estupros bêbados não quisera correr o risco de acordá-lo. Quando os cozinheiros notaram que não havia comida, um guardase aventureiro encontrou morto.

Attor ficou rígido, recordando o corpo de seu pai sob suas mãos. Deveria saber que este momento chegaria, mas quando não aconteceu, ele empurrou a realidade de seu lado desuamente.

— Você é o novo rei. — Myrddin disse. — E depois desta noite, você tem que concordar. A guerra pode finalmente começar.

Um pequeno temor de que suas ações fossem descobertas o encheu e empurrou.

— O que fez a meu pai? — Attor gritou para o antigo nobre.

— Nada. — Myrddin disse com surpresa. — Não fiz nada. Morreu dormindo.

— Não acredito. Você falou em matá-lo quando estávamos no bosque. — Attor apontou acusadoramente para ele. — Diga agora. Jogou o sujo?

— Juro que morrei naturalmente, meu rei. E não matei o antigo rei. Tem que acreditar. — Myrddin caiu de joelhos. — E não o trairia, meu rei.

O título era quase oficial já que não houve nem uma coroação, mas era bom para o orgulho de Attor e não o corrigiu.

Attor fingiu considerar a resposta do nobre. Finalmente, ele assentiu com a cabeça lentamente.

— Eu acredito em você. Agora fique de pé e vá. Quer dormir.

— Quer quem mande uma mulher para aliviá-lo?—
Myrddin ficou de pé.

Ator pensou nas bolas inchadas, onde Medeochutou.

—
Não. Se quisesse uma mulher teria perdido uma. Vá e se assegure de que não seja perturbado. Vou chorar o chocho que repentinamente morreu de meu pai.

— Sim, meu rei.—Myrddin saiu do quarto.

Epílogo



Medeolhouonovodesenhodovestidodenoivacomumolha
rdehorrorediversão.Aoque
parecia,seudebutecomooanovaprincesacausouumagranderev
olução,sobretudoquandoahistóriadeSabendesuavalentiafren
teaosequestroVarcaminhoupelocampo.Claro,ninguémacredit
ouquandoeledissequepodiavoar.Medemalpodiaacreditarelam
esma.TudoemquepodiapensareraqueseuamorporLlyraument
outantoapontodequererprotegê-lo.Lembrou-
sedasensaçãododragãoaopensarnafamíliaeemsuaproteção.S
upunhaqueseavidadeLlyrestivesseemperigoem
algummomento,odragãoaparecerianovamente.Atéentão,am
udançadeMedevoltouaonormal.

— Aoque parece.—
DissearainhaLornacomumsorrisodivertidoenquantodesciaop
apel.—
Osnoivospensamqueestanovaroupatrarásorteeabençoaráseu
scasamentoscommulheresfortescomoanovaprincesa.

Estavanoescritóriorealondeafamíliacomfrequênciasere
uniaparasocializarlongedososlhosdosempregados.Estarcasad
acomumpríncipeeradifícildeseacostumar,mashaviagratificaç
ões—
comoummaridomuitodevotoquenãopodiamanterasmãoslong
edela.

—

O que acontece com os noivos? Se as noivas precisam ficar quase nuas, não acho que os homens deveriam também? —

Mede gostava de suas sogras. Ela foi acolhida nos meses desde que se casou com Llyr.

— Estava pensando em um pedaço de pele. —

Sussurrou a rainha Lorna. —

Pequenos pedaços de pele não adão mais.

Mederiu, ofegante enquanto assentia.

—

Sim, claro. Sabenadorará, ainda que tenha certeza que ninguém irá. Apenas é melhor não mencioná-la a ninguém quando ela vier de visita amanhã. A última vez que falei com ela, tinha ideias para mudanças que queria que eu implantasse agora que tenho poder. Disse algo sobre como iniciar um movimento para acabar com o consumo de bebidas alcoólicas, alutadas, mulheres e batalhas a Ordem dos Dragões Mortos.

—

Se alguém pode fazê-

lo, é sua mãe. Esta mulher é incrível. A forma como consegue que estes dragões façam o que quer sem levantar voz. —

A rainha suspirou com admiração. — Isto é um talento.

—

São os biscoitos açucarados. — Disse Mede. — Ao que parece, os homens fazem qualquer coisa por doces.

—

Vou me lembrar da próxima vez que o reitente me convencer a ir

ampar nobosque.—Arainha ficou depé.—
Os homens devem se reunir com o novo comandante logo. Estou ansioso para ouvir o que descobriram. O rei Atto está muito tranquilo neste último ano. Gostaria de pensar que se arrepende por suas últimas tentativas de casamento, mas temo que pode ser a calma que precede a tempestade.

Mede observou como a rainha saía do escritório. Fechou os olhos, tentando chamar Llyr para se ulado. Em uns momentos, esta va passando pela porta.

— Me chamou, minha princesa?—
Ele sempre tinha um sorriso para ela.

— Sim, meu príncipe. Alguma notícia do comandante?—
Mede levantou a mão para ele.

—
Ainda tranquilo. Não há sinais de movimento Varnobosque.—
Llyr pegou sua mão e a beijou antes de se inclinar sobre o braço da deira para beijá-la corretamente.—
Sei que está preocupada com a matança do próximo Festival, mas não há evidências de que planeje uma matança. Ficamos atentos durante todo o ano. Os guerreiros foram melhor treinados do que no ano passado. Os soldados se multiplicaram ao longo da fronteira e há uma forte presença em todo o local do Festival. Eu me mopei a noite da Galáxia que fizesse uma varredura de calor sobre o bosque antes de aterrorizar. Estará salvo.

—
Sabe, eu estava pensando, nunca chegamos a experimentar no anoite na tenda nupcial. Não me interprete mal, adoro fazer amor antes de desmaiarmos de cansaço e dormir por doze horas na manhã seguinte, mas acho que quero a experiência completa.

Llyr começou a assentir com a cabeça, mas de repente inclinou-se para trás.

— Espere, não. Lembre-se que os casais não podem ter relações sexuais na noite anterior, que se quebra o cristal? Eles podem conversar e brincar, mas não podem encontrar liberação.

— O que? Tem medo de não conseguir? — Perguntou.

Llyrriu.

— Oh minha bela princesa. Veremos quem pede primeiro.

Medegemeu suavemente em sua boca. Seu corpo estremeceu de desejo. Um não fez nada para esfriar seu desejo por ele.

— Oh bom, que ainda há algumas semanas pela frente.

— O que quer dizer? — Ele tirou seu cabelo do rosto.

Inclinou-se para sussurrar em seu ouvido com veemência.

— Leve-me ao nosso quarto e saberá.

Llyratomounosbraçosantesquepudesseterminarafrase.
Correu pelos corredores do palácio, sem importar que o empregado
dos visse.

— Euteamo, para sempre, senhora esposa. —
Disse enquanto empurrava a grossa porta de sua ala particular.

— Sim. — Sussurrou Mede. — Euteamo, para sempre.

fim



A série continua...

Quer ver como é a virada dos filhos de Rei Attor, apesar dos ensinamentos do seu pai?

Senhores do Var: O Rei Selvagem

Isto foi o primeiro dos Dragon Lords? Volte para o início!

Dragon Lords 1: Príncipe de Bárbaro

Leia todos os Dragon Lords e Senhores do Var?

Sim, continue indo!

Senhores Espaciais 1: (Sua) Donzela Gelada

Livros de Dragon Lords Relacionados

Série Dragon Lords

Príncipe de Bárbaro

Príncipe Perfeito

Príncipe Escuro

Príncipe Guerreiro

Sua Alteza O Duque

O Lorde Teimoso

O Lorde Relutante

OLordeImpaciente

ARainhadoDragão

SérieSenhores deVar

OReiSelvagem

OPríncipeBrincalhão

OPríncipePrisioneiro

OPríncipeDesonesto

OPríncipePirata

Nãodeixedeverificarosoutroslivrosnomundofuturísticod
osLord Dragons:na
SériesSenhoreseespaciais,SériedaDinastiadeZhang,commuito
smaislivrosparavir!

Aprendamaisefiqueacordadocomavisitadelistadelivrom
aisrecente em www.MichellePillow.com

Sobre a Autora

Michelle

M. Pillow.

Michelle M. Pillow, *All Things Romance*™, é uma premiada autora de múltiplas publicações, escrevendo em muitos gêneros de romance de ficção inclusive futurístico, paranormal, histórico, contemporâneo, fantasia e escuro paranormal. Desde que ela pode se lembrar, Michelle teve uma fascinação estranha com qualquer coisa sobrenatural e sci-fi. Depois de descobrir romances históricos, era só natural que os sobrenaturais e elementos de amor/romance deviam algum dia encontrar seu cérebro o país das maravilhas. Ela está contentemente como se eles fossem suas crianças e os têm despejados sobre a tela do computador desde então.

Michelle ama viajar e tentar novas coisas, se é uma investigação paranormal do velho Vaudeville Theatre ou subindo templos maias em Belize. Ela é viciada no cinema e costumava deixar sua mãe louca enquanto citava cenas fortuitas com seu irmão. Apesar de isto ainda não ter acontecido, seu sonho é estar em um filme de horror com um zumbi como o desprezível covarde que grita e consegue os créditos iniciais. Mas, pela maior parte do

tempo

ela pode ser encontrada escrevendo em seu escritório com um xícaro de café e em suas calças de pijama.

Ela tem estado na lista de bestsellers da Amazon várias vezes, indicada para o Romantic Teme Lifetime Achievement Award 2011, é vencedora do Prêmio Escolha 2006 dos RT Revisores, indicada para o RT Award 2007, um Brava Novella Concurso Finalista e um membro do PAN de RWA.

Michelle tem títulos publicados com The Raven Books, Pocket Books, Random House, Virgin Books, Adam's Media, Samhain Publishing, Running Press, e mais.

Ela ama ouvir seus leitores. Eles podem contatá-la por seu site da web www.michellepillow.com

Michelle ama ouvir sobre leitores e se pode ser achada interagindo em mídias sociais.

Site da autora na web: [Http://www.MichellePillow.com](http://www.MichellePillow.com)

Blog de conversa de Pillow:

[Http://www.michellepillow.com/blog](http://www.michellepillow.com/blog)

The Raven Books: www.TheRavenBooks.com

Facebook: [Https://www.facebook.com/AuthorMichellePillow](https://www.facebook.com/AuthorMichellePillow)

Twitter: @MichellePillow

Book Release Newsletter:

[Http://www.michellepillow.com/newsletter/?p=subscreve\(Newsletter:Nósnãocompartilhamose-mail.Normalmenteenviadonãomaisdoqueumpormês\)](http://www.michellepillow.com/newsletter/?p=subscreve(Newsletter:Nósnãocompartilhamose-mail.Normalmenteenviadonãomaisdoqueumpormês))





Aviso Um

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).